

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO – UNIFESP
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS – EFLCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

AMANDA TOPIC EBIZERO

**“AOS MENINOS DO BRASIL”: A ESTÉTICA LITERÁRIA PARA CRIANÇAS EM
HISTÓRIAS DA VELHA TOTÔNIA (1936), DE JOSÉ LINS DO REGO**

**Guarulhos
Fevereiro/2020**

AMANDA TOPIC EBIZERO

**“AOS MENINOS DO BRASIL”: A ESTÉTICA LITERÁRIA PARA CRIANÇAS EM
HISTÓRIAS DA VELHA TOTÔNIA (1936), DE JOSÉ LINS DO REGO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo, campus Guarulhos, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: História da Educação – Sujeitos, Objetos e Práticas.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Rodrigues de Oliveira

**Guarulhos
Fevereiro/2020**

Na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei de direitos autorais nº 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita desse trabalho no Repositório Institucional da UNIFESP ou em outro meio eletrônico da instituição, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico para fins de divulgação intelectual, desde que citada a fonte.

EBIZERO, Amanda Topic.

“AOS MENINOS DO BRASIL”: a estética literária para crianças em *Histórias da velha Totônia* (1936), de José Lins do Rego/ Amanda Topic Ebizero – 2020. – 156 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Guarulhos: Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Humanas.

Orientador: Fernando Rodrigues de Oliveira.

“TO BRAZILIAN BOYS”: literary esthetics for children in *Histórias da velha Totônia* (1936), by José Lins do Rego.

1. Literatura infantil 2. História da Educação 3. José Lins do Rego I. Oliveira, Fernando Rodrigues de. II. Título.

AMANDA TOPIC EBIZERO

**“AOS MENINOS DO BRASIL”: A ESTÉTICA LITERÁRIA PARA CRIANÇAS EM
HISTÓRIAS DA VELHA TOTÔNIA (1936), DE JOSÉ LINS DO REGO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo, campus Guarulhos, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: História da Educação – Sujeitos, Objetos e Práticas.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Rodrigues de Oliveira

Aprovação: 12/02/2020

Prof. Dr. Fernando Rodrigues de Oliveira - Orientador
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Prof^a. Dr^a. Daniela Maria Segabinazi - Examinadora
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Prof. Dr. João Luís Cardoso Tápias Ceccantini - Examinador
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP - Assis)

Prof^a. Dr^a. Patricia Tavares Raffaini - Suplente
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

*A Deus, porque Dele, por Ele e para Ele são todas
as coisas. (Romanos 11:36)*

AGRADECIMENTOS

A Deus, acima de tudo, pois esta jornada só foi possível por conta do seu amor, da sua graça e da sua misericórdia por mim. Ele quem me capacitou todos esses dias.

Ao meu pai, Adilson, que apesar de não entender muito o que eu fazia, sempre acreditou em mim e nunca deixou de apoiar-me nos meus estudos. Eu amo muito você! À minha mãe, Eموke (*in memoriam*), a quem eu sigo o exemplo de profissão e quem eu gostaria de ter estado comigo, bem pertinho, durante todo este caminho. Sinto muita saudade, amarei você para sempre!

À minha irmã, Aline, pelo incentivo e pelo cuidado nos dias em que precisei. À minha irmã, Milene, tão pequena e tão inteligente, espero que o meu gosto pelos estudos seja uma referência para você no futuro. Amo vocês!

Ao meu amado esposo Fábio, que todo dia me dizia – “Você não tem que fazer suas coisas? Vai estudar!”. Foi ele quem, nos momentos mais difíceis, sempre me encorajou, sempre me disse que eu era capaz e nunca reclamou da minha rotina e do meu furor acadêmico. Amo-te com todo meu coração!

Ao meu orientador, Fernando Rodrigues de Oliveira, que me “adotou” aos 45 minutos do segundo tempo e que em meio a um caminho saturado, encontrou comigo a novidade. Foi professor, orientador, psicólogo, conselheiro, amigo. Foi duro e assertivo quando necessário, mas também foi parceiro quando eu precisei. Obrigada por partilhar comigo o seu conhecimento e amor pela Literatura Infantil. Por incentivar-me a ser melhor a cada dia, por acreditar em mim e por lembrar-me de que eu sou capaz. Você é luz!

Aos professores Daniela Maria Segabinazi e João Luís Cardoso Tápias Ceccantini, pelas preciosas contribuições no Exame de Qualificação, por acreditarem em mim e na minha pesquisa, por compartilharem comigo seus conhecimentos. Espero ter atendido às expectativas e por ter ampliado e melhorado a minha pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Paulo (PPGE-UNIFESP). Agradeço, especialmente, aos professores Alexandre Filordi de Carvalho, Claudia Panizzolo, Mirian Jorge Warde, Regina Cândida Ellero Gualtieri e Renata Marcílio Cândido por todo apoio, ensino e incentivo durante a minha trajetória como mestranda. Vocês são exemplos e referências para mim!

Aos meus amigos de orientação – Diego, Evaldo, Vanessa e Wellington - pela parceria e risadas (inclusive nos momentos de desespero!). Vocês vão longe! E aos amigos que fiz ao

longo do mestrado – Danilo, Erick, Gabriel, Fernanda, Rubia, Renan - a minha eterna gratidão!

Aos meus amigos e amigas dos cursos de Pedagogia e de Letras da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, que acompanharam o meu percurso acadêmico, me aguentaram nos meus dias de luta e estiveram comigo nos meus dias de glória! Vocês foram fundamentais nesse processo.

Às minhas queridas amigas, Alessandra Secundo Paulino, Elisméia Ferreira Dias Sousa, Patricia Evangelista Moreira e Thatiana Ribeiro Vilela, gratidão eterna por estarem comigo nos meus melhores e piores momentos, por sempre terem uma palavra de conforto ou de correção. Por acreditarem em mim quando nem eu acreditei. Eu amo muito cada uma de vocês.

À Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, minha casa há 10 anos, obrigada por proporcionar excelente ensino e por ser referência em qualidade entre as universidades do país.

À Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de mestrado, entre março de 2018 e fevereiro de 2020. Este auxílio foi de fundamental importância para o enriquecimento e avanço da pesquisa.

RESUMO

Nesta dissertação de Mestrado, apresentam-se resultados de pesquisa vinculada ao projeto integrado de pesquisa “Literatura infantil e juvenil brasileira revisitada: temas, formas, finalidades e valor histórico, cultural e estético da produção literária nos séculos XIX e XX”, coordenado pelo professor Dr. Fernando Rodrigues de Oliveira. Com o objetivo de contribuir para a produção de uma história da literatura infantil e juvenil e compreender como se configura a estética literária para crianças em livros produzidos ao longo do século XX, no Brasil, toma-se como *corpus* de análise o livro *Histórias da velha Totônia*, de José Lins do Rego (1901-1957), publicado pela José Olympio Editora (RJ) em 1936. Por meio da abordagem histórica, especificamente a História Cultural, com enfoque em pesquisa documental e bibliográfica, o trabalho se desenvolveu por meio dos procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção, ordenação e análise de fontes documentais, mediante o uso do conceito de “configuração textual”. Essa análise possibilitou concluir que José Lins do Rego, ao escrever *Histórias da velha Totônia*, em diálogo com os modelos de criança e de escola vigentes à época, apresentou um livro em sintonia com o ideal de formação escolar centrado no pressuposto da construção do futuro da nação, com base na perspectiva republicana da época, além disso, não deixou de lado o trabalho elaborado de construção do texto, o que imprime a ele valor estético literário a ser reconhecido. Nesse sentido, sem se desconectar por completo do modelo de literatura infantil do início do século XX, cuja finalidade maior centrava-se no objetivo da instrução escolar, José Lins do Rego apresentou em *Histórias da velha Totônia* características que possibilitam repensar aspectos da história da literatura infantil brasileira, de modo a compreender a relação instrução/estética em livros de literatura infantil do início do século XX.

Palavras-chave: Literatura infantil; José Lins do Rego; *Histórias da velha Totônia*; Leitura literária; História da Educação

ABSTRACT

In this Master's dissertation presents research results connected to the Integrated Research Project "Brazilian children's and young literature revisited: themes, forms, purposes and historical, cultural and esthetic value of literary production in the 19th and 20th centuries", coordinated by Professor Dr. Fernando Rodrigues de Oliveira. In order to contribute to the production of a history of children's and young literature and to understand how the literary esthetic for children are configured in books produced throughout the twentieth century in Brazil, is used as a corpus of analysis the book *Histórias da velha Totônia*, by José Lins do Rego (1901-1957), published by José Olympio Editora (RJ) in 1936. Through the historical approach, specifically Cultural History, with a focus on documentary and bibliographical research, the work was developed through procedures for locating, retrieving, assembling, selecting, ordering and analyzing documentary sources, using the concept of "textual configuration". This analysis made it possible to conclude that José Lins do Rego, in writing *Histórias da velha Totônia*, in dialogue with the child and school models in force at the time, presented a book in line with the ideal of schooling centered on the assumption of the construction of the future of nation, based on the republican perspective of the time, moreover, did not neglect the elaborate work of construction of the text, which gives it a literary esthetic value to be recognized. In this sense, without completely disconnecting from the children's literature model of the early 20th century, whose main purpose was centered on the objective of school instruction, José Lins do Rego presented in *Histórias da velha Totônia* characteristics that make it possible to rethink aspects of the history of literature brazilian children's, in order to understand the relationship between instruction/aesthetics in children's literature books of the early 20th century.

Key words: Children's literature; José Lins do Rego; *Histórias da velha Totônia*; Literary reading; History of Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem de José Lins do Rego.....	36
Figura 2 - Espaço Cultural José Lins do Rego.....	39
Figura 3 - Capa do exemplar da 1ª edição de <i>Histórias da velha Totônia</i> , editora José Olympio.....	69
Figura 4 - Capa do exemplar de <i>Histórias da velha Totônia</i> , editora Melhoramentos (s/d)...	70
Figura 5 - Capa do exemplar da 7ª edição de <i>Histórias da velha Totônia</i> , editora Nova Fronteira.....	71
Figura 6 - Capa do exemplar da 22ª edição de <i>Histórias da velha Totônia</i> , editora José Olympio.....	72
Figura 7 - Imagem do rei no conto “A cobra que era uma princesa”, em <i>Histórias da velha Totônia</i>	75
Figura 8 - Ilustração colorida do conto “O macaco mágico”, em <i>Histórias da velha Totônia</i>	76
Figura 9 - Ilustração colorida do conto “A cobra que era uma princesa”, em <i>Histórias da velha Totônia</i>	76
Figura 10 - Ilustração colorida do conto “O príncipe pequeno”, em <i>Histórias da velha Totônia</i>	77
Figura 11 - Ilustração colorida do conto “O sargento verde”, em <i>Histórias da velha Totônia</i>	77
Figura 12 - Capa da 1ª edição do livro <i>Contos populares do Brasil</i> , de Silvio Romero, por Nova Livraria Internacional	94

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Produção de José Lins do Rego, por tipo de texto e ano de publicação	43
Tabela 2 – Quantidade de referências por subseção, tipo de texto e ano de publicação, entre 1930 e 2018	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
AHECC	Acervo Histórico da Escola Caetano de Campos
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CONALI	Congresso Nacional de Literatura
FBN	Fundação Biblioteca Nacional
FNLIJ	Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil
GEPICH	Grupo de Estudos e Pesquisas: Infância, Cultura e História
ISBN	<i>International Standard Book Number</i>
LIHED	Núcleo de Pesquisas sobre o Livro e História Editorial no Brasil
NIPELL	Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Ensino de Língua e Literatura
PAD	Programa de Aperfeiçoamento Didático
PNBE	Programa Nacional Biblioteca na Escola
RJ	Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I - JOSÉ LINS DO REGO: CRONISTA, JORNALISTA, ROMANCISTA E ESCRITOR DE LITERATURA INFANTIL	35
1.1 Aspectos da vida pessoal e profissional de José Lins do Rego	37
1.2 Produção de José Lins do Rego	42
1.3 Bibliografia sobre o livro <i>Histórias da velha Totônia</i>	48
1.4 Aspectos gerais sobre a produção de José Lins do Rego e sobre seu livro infantil	53
CAPÍTULO II - HISTÓRIAS DA VELHA TOTÔNIA E A REPERCUSSÃO NA IMPRENSA PERIÓDICA	55
2.1 A repercussão de <i>Histórias da velha Totônia</i> em jornais e revistas	56
2.1.1 Comentários, críticas e elogios a <i>Histórias da velha Totônia</i> na década de sua publicação.....	56
2.2 <i>Histórias da velha Totônia</i> na imprensa após o seu lançamento.....	62
2.3 Alguns sentidos na repercussão de <i>Histórias da velha Totônia</i> na imprensa periódica	65
CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO DE HISTÓRIAS DA VELHA TOTÔNIA	67
3.1 Elementos Editoriais.....	68
3.2 As ilustrações	73
3.3 Os contos.....	78
3.3.1 “O macaco mágico”	80
3.3.2 “A cobra que era uma princesa”	81
3.3.3 “O príncipe pequeno”	83
3.3.4 “O Sargento Verde”	84
3.4 Aspectos relativos à análise dos contos	85
CAPÍTULO IV - HISTÓRIAS DA VELHA TOTÔNIA: RECOLHAS DA TRADIÇÃO ORAL (RE)ESCRITAS AO PÚBLICO INFANTIL	90
4.1 <i>Histórias da velha Totônia</i> e os contos de tradição oral	91
4.2 Silvio Romero e Contos Populares do Brasil.....	92
4.2.1 “O doutor Botelho”	96
4.2.2 “Dona Labismina”	97
4.2.3 “O homem pequeno”	98
4.2.4 “O sargento verde”	98
4.3 Análise comparativa entre <i>Histórias da velha Totônia</i> e <i>Contos Populares do Brasil</i>	99
4.3.1 “O macaco mágico” x “O doutor Botelho”.....	99
4.3.2 “A cobra que era uma princesa” x “Dona Labismina”	103
4.3.3 “O príncipe pequeno” x “O homem pequeno”	105
4.3.4 “O sargento verde” x “O sargento verde”	107
4.4 Aspectos gerais sobre <i>Histórias da velha Totônia</i> , de José Lins do Rego e <i>Contos populares do Brasil</i> , de Silvio Romero	111
CAPÍTULO V - HISTÓRIAS DA VELHA TOTÔNIA E A LITERATURA PARA CRIANÇAS NO BRASIL NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
5.1 <i>Histórias da velha Totônia</i> e a produção literária no início do século XX.....	116
5.2 Literatura infantil e a formação escolar das crianças brasileiras nas três primeiras décadas do século XX	120
5.3 <i>Histórias da velha Totônia</i> e a estética literária para crianças	123
5.4 À guisa de concluir	124

REFERÊNCIAS.....	127
APÊNDICE A - BIBLIOGRAFIA <i>DE E SOBRE</i> JOSÉ LINS DO REGO: UM INSTRUMENTO DE PESQUISA	135

INTRODUÇÃO

Esta dissertação¹ decorre de atividades de pesquisa de mestrado que desenvolvi entre março de 2018 e janeiro de 2020, quando passei a integrar o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), junto à linha de pesquisa “História da Educação: sujeitos, objetos e práticas”.

Inicialmente, quando ingressei no PPGE-UNIFESP, apresentei proposta de pesquisa de mestrado que tinha como objetivo investigar a representação da infância, da criança e do brincar em alguns livros literários de José Lins do Rego, a saber: *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934) e *Histórias da velha Totônia* (1936)². Entretanto, no andamento da pesquisa, a partir da revisão de bibliografia, pude observar que José Lins do Rego e a sua obra literária destinada ao público adulto eram muito estudados, inclusive no campo da História da Educação. Dessa constatação, compreendi que minha proposta inicial era pouco pertinente, pois assemelhava-se a outros trabalhos desenvolvidos também em nível de pós-graduação, o que tornaria a pesquisa pouco significativa para o campo historiográfico. No entanto, também a partir dessa revisão bibliográfica, notei que não havia muitos estudos voltados para o único livro infantil de José Lins do Rego – *Histórias da velha Totônia* - o que despertou o meu interesse em compreender melhor aspectos relacionados a esse livro.

Aliado a esse interesse e após participar do Programa de Estágio Docente³ junto ao curso de Pedagogia dessa mesma Universidade, passei a desenvolver algumas reflexões relacionadas à literatura infantil, especialmente à história desse gênero literário. Isso motivou-me a buscar maior aproximação com o tema, quando, então, passei a integrar o Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Ensino de Língua e Literatura (NIPELL), coordenado pelo professor Dr. Fernando Rodrigues de Oliveira. Em decorrência dessa mudança de interesse e de grupo de pesquisa⁴, passei por processo de mudança de orientação, o que demandou reformulação do projeto que eu já vinha desenvolvendo. Essa mudança de orientação ocorreu em novembro de 2018, quando iniciei a elaboração de um novo projeto, cujos resultados apresento nesta dissertação de mestrado.

¹ Bolsa Capes/DS com vigência entre março de 2018 e fevereiro de 2020.

² Projeto de pesquisa submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) no dia 25/11/2018, tendo sido aprovado em 27/11/2018 (CEP Nº 4767151118).

³ Estágio referente ao Programa de Aperfeiçoamento Didático (PAD) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Participei desse programa como aluna estagiária junto à Unidade Curricular “Literatura Infantil e Juvenil”, sob a supervisão do professor Dr. Fernando Rodrigues de Oliveira, ao longo do segundo semestre de 2018.

⁴ Até então, eu era membro do Grupo de Estudos e Pesquisas: Infância, Cultura e História – GEPICH, coordenado pela professora Dra. Claudia Panizzolo – UNIFESP, campus Guarulhos.

A partir dessas mudanças, escolhi centrar a minha pesquisa na História da Literatura Infantil e Juvenil⁵, observando como se configura a estética literária para crianças e a sua relação com a escola no livro infantil *Histórias da velha Totônia*, escrito por José Lins do Rego (1901-1957) e publicado pela José Olympio Editora (RJ), em 1936.

A escolha por esse livro se deveu aos seguintes motivos: é o único livro literário destinado às crianças que José Lins do Rego escreveu durante toda a sua carreira; embora os seus romances sejam recorrentemente selecionados como objeto de estudo e investigação, não há estudos pontuais que se debruçam sobre o seu livro infantil. Nesse contexto, Coelho, já na década de 1980, apontava a necessidade de estudos pontuais sobre *Histórias da velha Totônia*:

[...] É pesquisa necessária de ser feita, pois enriquecerá o conhecimento de nossas raízes culturais, populares, as quais o Brasil de hoje está novamente empenhado em redescobrir. Aqui fica, pois, a sugestão aos novos pesquisadores que começam suas carreiras universitárias. (COELHO, 1983, p.416).

Na mesma direção, Ceccantini (2004), em texto que discute perspectivas de pesquisa sobre literatura infantil e juvenil, também afirma que:

[...] seria importante lembrar da produção bissexta dos autores da literatura adulta, que, aglutinados numa única pesquisa ou isoladamente constituiriam excelente objeto – gente como Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Jorge Amado, José Lins do Rego, Carlos Drummond de Andrade, entre outros. (CECCANTINI, 2004, p.32).

Além da constatação da importância de estudos pontuais sobre o único livro infantil de José Lins do Rego, ele foi um dos autores mais combativos a favor do movimento regionalista-modernista e, embora *Histórias da velha Totônia* se configure como reescrita de contos de origem europeia, esse livro contém traços característicos de sua produção literária em geral, em especial a inserção do regional como uma das marcas estéticas.

Associado a esses aspectos, somou-se outro: de acordo com os estudiosos da história da literatura infantil brasileira, como Arroyo (1968) e Lajolo e Zilberman (1984), a literatura destinada às crianças surgiu, no Brasil, no final do século XIX e início do século XX, um pouco mais tarde se comparado à da Europa. Essa produção inicial teve como principal característica a associação à escola, o que imprimiu para boa parte da literatura infantil dos séculos XIX e XX uma estreita relação com projetos republicanos de formação de futuro do homem. Nesse sentido, esses estudiosos afirmam ser a literatura infantil brasileira, até a

⁵ No âmbito do NIPELL, a pesquisa proposta vincula-se ao Projeto Integrado de Pesquisa *Literatura infantil e juvenil revisitada: temas, formas, finalidades e valor histórico, cultural e estético da produção literária nos séculos XIX e XX*, coordenado pelo professor Dr. Fernando Rodrigues de Oliveira junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Paulo, campus Guarulhos.

década de 1970, com algumas exceções, marcada por finalidades muito próximas a da escola, dada a sintonia com os projetos de educação (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984).

Assim, a escolha por analisar *Histórias da velha Totônia*, de José Lins do Rego insere-se nesse movimento de compreensão da especificidade da estética literária de livros produzidos na primeira metade do século XX, a fim de revisitar essa história e compreender as particularidades da literatura para crianças pela ótica da História da Educação.

Em vista da escolha por centrar a pesquisa sobre esse livro e dessas justificativas expostas acima, realizei a leitura de textos que tratam de aspectos históricos acerca da literatura infantil, de sua constituição como gênero literário e de suas características e funções ao longo do século XX, a fim de compreender elementos de sua especificidade. Para Tanto, li textos de: Lourenço Filho (1943), Meireles (1951), Azevedo (1952), Arroyo (1968), Lajolo e Zilberman (1984), Cademartori (1986) e Perrotti (1986)

Entre o final do século XIX e início do século XX, a literatura infantil passou a ser objeto de discussão entre intelectuais, escritores e professores brasileiros. Nas décadas de 1880 a 1910, por exemplo, os textos que trataram sobre literatura infantil tinham caráter mais “informal”, menos científico – eram prefácios, apresentações e prólogos em livros destinados às crianças - e tinham enfoque “[...] nos requisitos que os livros apresentavam (ou deveriam apresentar) e que se adequavam ao público leitor previsto.” (OLIVEIRA, 2015, p.83).

A partir dos anos 1920, a produção de textos sobre literatura infantil começou a ser mais sistematizada – artigos e capítulos de livros – de modo que os interessados no tema passaram a abordar “[...] os aspectos para os quais a leitura literária escolar podia contribuir na formação do leitor e, portanto, a que requisitos deveriam atender, ou não, esse tipo de publicação”. (OLIVEIRA, 2015, p.38).

Esse movimento se deu concomitantemente ao crescimento da publicação de livros voltados para as crianças e o debate sobre o valor estético e sobre o valor formativo desses livros (OLIVEIRA, 2015). Com isso, nas décadas seguintes, associadas à concepção de que a escola era local privilegiado de circulação de livros de literatura infantil e lugar de formação do “futuro da República”, as publicações acerca desse gênero literário ganharam maior densidade científica, tomando como base outros campos de conhecimento, como a Psicologia.

De modo a compreender os principais aspectos envolvidos nesse debate, destaco, inicialmente, o texto “Como aperfeiçoar a literatura infantil” (1943), de Lourenço Filho, resultante de uma conferência proferida na Academia Brasileira de Letras. Esse texto é considerado fundador de uma tradição sobre os modos de pensar e compreender a literatura infantil até as últimas décadas do século XX (BERTOLETTI, 2012).

Lourenço Filho no artigo “Como aperfeiçoar a literatura infantil” (1943) sob forte influência da Psicologia, define literatura infantil como expressão artística cuja finalidade é comunicar emoção estética, ou seja, exprimir o belo, de maneira desinteressada e, por isso, “[...] suscita o bom gosto, o senso de medida, o desejo de superação” (LOURENÇO FILHO, 1943, p.157). Além disso, trata de alguns pontos importantes para a compreensão do gênero literário infantil no contexto brasileiro, tais como a sua origem histórica na tradição oral; a sua relação e oscilação entre a literatura infantil e literatura didática (ou aquela destinada às escolas); a sua chegada no país a partir de 1894 proveniente de adaptações e traduções especialmente de livros europeus.

Para Lourenço Filho (1943), os problemas da literatura infantil consistem na falta de uma conceituação precisa do gênero e na necessidade de sua elevação/significação social e, em vista disso, propõe algumas medidas que visam a solucionar tais problemas. Em um primeiro momento, o autor dá sugestões sobre como escrever textos de literatura infantil. Em seguida, indica as pessoas responsáveis e suas funções para aperfeiçoá-lo. Lourenço Filho (1943) aponta para uma falta de produção de literatura infantil e aponta que para melhorar a situação, algumas medidas eram necessárias: estímulos para a produção, a elevação do nível artístico/literário e adequação dos livros para as crianças. Ou seja, eram necessários esclarecimento social; estímulos aos autores nacionais, editores e ilustradores e estímulos em geral para resolver o problema incipiência literária desse gênero (LOURENÇO FILHO, 1943).

Após a publicação de Lourenço Filho, em 1947, Cecília Meireles proferiu três conferências sobre os problemas da literatura infantil e a importância de se discutir sobre esse gênero. Dessas conferências resultou o livro *Problemas da Literatura Infantil*, publicado em 1951. Neste livro, Cecília Meireles aborda algumas questões referentes à produção literária para crianças, tais como a definição de livro infantil; panorama histórico do gênero; a relação entre literatura infantil, literatura oral e a escrita; exemplos de livros infantis clássicos e livros que, em um primeiro momento, não eram destinados às crianças, mas que ao longo do tempo passaram a constituir o gênero.

Segundo Meireles (1951) literatura infantil é “[...] em lugar de ser a que se escreve para as crianças, seria a que as crianças lêem com agrado.” (MEIRELES, 1951, p.97), ou seja, tudo o que a criança escolhe para ler e gosta de ler, é literatura infantil. Desse modo, a autora afirma que os livros que constituem os clássicos para crianças foram selecionados por elas.

Para Meireles (1951) a literatura infantil exerceu sua função civilizadora via oralidade e se converteu em obras eternas através da escrita. Em vista disso, identifica quatro casos da

literatura infantil: o da redação escrita das tradições orais; os livros que foram escritos para uma determinada criança e depois passaram a ser usados de modo geral; os livros que não foram escritos para crianças mas que “[...] vieram a cair nas suas mãos, e dos quais se fizeram depois adaptações, reduções, visando torná-los mais compreensíveis ou adequados ao pequeno público” (MEIRELES, 1951, p.88) e as obras escritas intencionalmente para a infância.

Meireles (1951) afirma que nos anos 1950, a literatura infantil passava por uma crise, entretanto, não se tratava de uma crise de carência, mas sim de abundância. Tinha-se de tudo, mas parecia que as crianças estavam perdendo o gosto pela leitura. Para a autora, por não existirem mais avós e amas que se interessassem pela profissão de contar histórias e devido ao avanço dos meios de comunicação, as crianças perderam o gosto pela leitura de livros. Nesse sentido, propõe a universalização da literatura infantil, de modo a formar nas crianças um espírito de “humanismo”, assim como a formação de Bibliotecas Infantis, a fim de propiciar à criança uma grande variedade de leitura e indicar as suas preferências aos adultos. (MEIRELES, 1951).

Um ano após a publicação do livro de Cecília Meireles, Fernando de Azevedo escreveu um artigo sob o título “A literatura infantil numa perspectiva sociológica” (1952). Nesse artigo, Fernando de Azevedo (1952) afirma que a literatura infantil é um produto das sociedades modernas e que apareceu, na sua forma escrita, somente após a decadência da sociedade aristocrática e da família patriarcal, o que gerou maior relação entre o mundo dos adultos e o mundo das crianças.

Segundo Azevedo (1952), a literatura para crianças era constituída de canções populares de berço ou de ninar, narrativas que corriam de boca em boca, o que demonstra a sua origem na tradição oral. Para Azevedo (1952), a instrução ou a recreação são os objetivos da literatura infantil e juvenil. O autor ainda diz que nas antigas sociedades, toda literatura não escrita, divulgada pela tradição oral, para crianças, ascendia das fontes populares anônimas e, nas sociedades dos anos 1950, toda a corrente de literatura flui das elites intelectuais e é canalizada pelas crianças por meio dos livros.

Fernando de Azevedo (1952) ressalta que um dos fatores mais importantes para o progresso da literatura infantil foi o desenvolvimento da educação popular por meio de sua universalidade e obrigatoriedade, além da expansão da escola primária. Entretanto, o autor alerta que apesar da grande expansão da literatura infantil, houve, de certa forma e ao mesmo tempo, o crescimento de uma literatura banal, pois há a “[...] suposição ilusória de ser fácil escrever para crianças” (AZEVEDO, 1952, p.55). Segundo ele, isso torna o gênero literário

infantil “um refúgio para médiocres” (AZEVEDO, 1952, p.55). Em vista disso, Azevedo (1952) conclui que a literatura para crianças é uma arte difícil e soberana e quando ela se torna clássica é porque atingiu o estado poético, ou seja, “[...] estado de graça e autêntico realismo” (AZEVEDO, 1952, p.62).

De acordo com Oliveira (2015), no período entre 1957 e 1970 a produção sobre literatura infantil cresceu de forma significativa. Esse aumento está relacionado à criação da disciplina “Literatura Infantil” no currículo dos Cursos Normais do Estado de São Paulo.

No bojo dessa ampliação, em 1968, Leonardo Arroyo teve publicado o livro *Literatura Infantil Brasileira: ensaios de preliminares para a sua história e suas fontes*, considerado como o primeiro estudo a propor, de forma exaustiva, uma história da literatura infantil brasileira (OLIVEIRA, 2015).

Leonardo Arroyo (1968) entende a literatura infantil como arte literária cujos objetivos iniciais são a diversão e o ludismo e, nos casos em que a criança se interessa por ela, tem a função de educar e instruir. Para elaborar a sua história da literatura infantil, Arroyo (1968) utiliza uma variada documentação, como artigos de jornais, livros, revistas, cartas pessoais, informações sobre autores, escritores, memorialistas e catálogos de editoras. O autor apresenta um vasto panorama da literatura infantil nacional que circulou entre as crianças brasileiras e toma por ponto de partida a literatura oral, cujo papel de “difusão” era desempenhado pelos “velhos negros e negras” contadores de histórias. No percurso histórico que traça, Arroyo (1968) destaca o papel da literatura escolar e da imprensa escolar que, segundo ele, foram fundamentais para a constituição do gênero. Dessa literatura, defende Arroyo (1968), emerge a produção de Monteiro Lobato, considerado por ele o marco do “verdadeiro início” da literatura infantil brasileira.

A partir dos anos 1970, houve uma expansão da produção acadêmica voltada para a literatura infantil em decorrência também da criação dos cursos de pós-graduação em Educação e Letras no país durante os anos 1960. Nesse sentido, Oliveira (2015) afirma que o “[...] o gradativo processo de “academização” do discurso *sobre* a literatura infantil significou, à semelhança da produção de livros desse gênero, uma “renovação” nos modos de compreender, analisar, problematizar e pensar o “lugar” da literatura infantil” (OLIVEIRA, 2015, p.312, grifos do autor). Oliveira (2015) aponta que no que diz respeito às pesquisas desenvolvidas na área de Educação e da Psicologia, o olhar esteve voltado para a perspectiva crítica, baseada nas teorias marxistas e na Psicologia Social. Em relação às pesquisas desenvolvidas na área das Letras, elas trouxeram uma visão voltada para a teoria e crítica literária (OLIVEIRA, 2015).

Em decorrência disso, os anos 1980 foram marcados por um aumento significativo na produção de livros, artigos em revistas e em jornais sobre literatura infantil⁶ (OLIVEIRA, 2015). Em 1984, Marisa Lajolo e Regina Zilberman tiveram publicado o livro *Literatura infantil brasileira: histórias & histórias*. Nesse livro, as autoras fazem um panorama histórico da literatura infantil, desde a sua “gênese”, no século XIX (República Velha), até o início da década de 1980, momento de expansão da indústria cultural. Além disso, examinam a relação desse gênero literário com as instituições sociais (família e escola) e com a História da Literatura, além de trazerem reflexões acerca do contraponto entre literatura infantil e não-infantil. As autoras afirmam que, historicamente, a literatura infantil sempre foi marginalizada em relação à literatura não-infantil, o que significou pensar que por se destinar a um público menor, o gênero infantil seria uma produção cultural também menor. Entretanto, as autoras afirmam que o fato de o termo “infantil” distinguir as literaturas, essa distinção não pode interferir no literário do texto. Ademais, Lajolo e Zilberman (1984) debruçam-se sobre os aspectos históricos da produção literária para crianças, destacando-se o papel da obra de Lobato na criação de uma estética literária coerente e condizente com a literatura não-infantil, que só pôde ser retomada na produção dos anos 1970 em diante.

Publicado dois anos após o livro de Lajolo e Zilberman, em 1986, o livro *O que é literatura infantil*, de Ligia Cademartori, tem como objetivo tratar dos aspectos que constituem o gênero literário infantil, sobretudo no que diz respeito ao seu lugar no sistema educacional e literário, ou seja, às suas questões literárias e pedagógicas e à sua origem. De acordo com a autora, a origem dos textos literários para crianças pode ser encontrada nos contos de origem popular coletados e adaptados por Charles Perrault. Além disso, Cademartori (1986) discute a questão do termo infantil, adjetivo que caracteriza a literatura a quem ela se destina: a criança. Em vista disso, a autora problematiza a noção de que a literatura infantil é um gênero escrito para a criança (ler), mas que é comprada, divulgada e escrita por um adulto. Desse modo, todas as tensões que envolvem a relação adulto/criança no decorrer das épocas aparecem, de certa forma, na literatura infantil. Cademartori (1986) trata também de Monteiro Lobato e afirma que a sua obra infantil é o marco inicial da literatura infantil brasileira. Cademartori (1986) conclui com a afirmação de que, apesar de o livro infantil constituir-se como obra literária, ele tornou-se inseparável das questões educacionais.

⁶ Além do trabalho de Lajolo e Zilberman (1984), há outros que merecem destaque no que concerne às novas perspectivas e abordagens sobre literatura infantil, tais como: Coelho (1981); Zilberman (1981); Lajolo (1982); Rosemberg (1985); Sandroni (1987); Yunes e Pondé (1988).

No mesmo ano de publicação do livro de Ligia Cademartori, em 1986, foi publicado o livro *O texto sedutor na literatura infantil*, de Edmir Perrotti. Nesse livro, o autor busca tratar da questão estética na literatura infantil. Nele, o autor volta o seu olhar para as questões culturais da infância e da leitura, com o intuito de apresentar uma nova tendência discursiva sobre o gênero literário para as crianças. Perrotti (1986) afirma que essa tendência ligada mais aos valores estéticos da literatura infantil pode ser entendida como um “utilitarismo às avessas”, ou seja, Perrotti (1986) pensa para além da literalidade do texto, aderindo as questões de recepção dessa literatura, que é fruto de um mercado editorial e artístico. Perrotti (1986) difere-se, dessa forma, da produção realizada entre os anos 1970 e 1980, em que discursos utilitaristas e estéticos sobre a literatura infantil oscilavam bastante.

Com a pluralidade de abordagens sobre a literatura infantil e o gradativo interesse de diferentes campos de conhecimento sobre esse gênero literário, trabalhos de “balanço” dessa produção começaram a ser feitos.

No ano de 2004, João Luís Cardoso Tápias Ceccantini organizou e teve publicado o livro *Leitura e literatura infanto-juvenil*. Memórias de Gramado, em que estão reunidos comunicações de diversos pesquisadores integrantes do Grupo de Trabalho de Literatura Infantil, do XVII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística.

Nesse livro, Ceccantini (2004) escreveu o capítulo “Perspectivas de pesquisa em literatura infanto-juvenil” em que apresenta reflexões acerca do que se vinha produzindo sobre a temática nos últimos anos. O autor compreende que a literatura infanto-juvenil é muito volátil, pois o gênero é resistente a enquadramentos em definições precisas, delimitação e descrição, tornando-se, assim, um objeto que é “[...] propriedade de todos, e, ao mesmo tempo, de ninguém” (CECCANTINI, 2004, p.20). Ceccantini (2004) ressalta que, por conta da indefinição intrínseca do gênero, a literatura infantil é transformada em um campo essencialmente interdisciplinar, sendo objeto de estudos dos campos das Letras, Educação, Psicologia, Sociologia, Semiótica, Biblioteconomia, entre outros. Contudo, o autor afirma que no contexto desses vários campos que se debruçam sobre a literatura infanto-juvenil há uma polarização de base mais teórica e base mais aplicada e que, no Brasil, isso se deve a “[...] estridente oscilação entre o objeto inserir-se na área das Letras ou na área da Educação.” (CECCANTINI, 2004, p.23).

Em virtude disso, Ceccantini (2004) chama atenção para alguns pontos polêmicos sobre a literatura infantil e juvenil, quais sejam:

[...] 1) o *objeto* literatura infanto-juvenil e o seu estatuto; 2) o *corpus* específico que vem sendo pesquisado no Brasil; 3) os *sujeitos* do discurso sobre literatura infanto-juvenil no país; 4) as *metodologias* com as quais vem sendo abordado o objeto, não apenas aqui, mas também no exterior; 5) o *suporte* teórico que dá base a essas *metodologias*. (CECCANTINI, 2004, p.20, grifos do autor).

Ceccantini (2004) afirma que por conta dos diferentes enfoques na pesquisa sobre literatura infantil, associada à dificuldade em definir esse objeto, as pesquisas têm os seus objetivos pulverizados e dispersos, ocasionando uma fragmentação que impede que “[...] se definam com maior clareza propriedades para a pesquisa da literatura infantil-juvenil brasileira, de modo a assegurar a constituição de uma base sólida” (CECCANTINI, 2004, p.27). Para a resolução dessa situação, o autor propõe um trabalho de “Atlas”, ou seja, um trabalho de base, fundamento, sustentação e suporte às pesquisas que são carentes de realização. Ao concluir a sua análise, Ceccantini (2004) afirma que “[...] o terreno da literatura infanto-juvenil brasileira não apenas requer muito trabalho de base” (CECCANTINI, 2004, p.33), como também exige o trabalho de divulgação das pesquisas já existentes e propõe algumas ações que podem fazer avançar o campo.

No mesmo intuito de “balanço” das produções existentes sobre literatura infantil, Maria do Rosário Longo Mortatti e Fernando Rodrigues de Oliveira no artigo intitulado “Produção acadêmica brasileira sobre literatura infantil (1970-2016): desafios de um campo em constituição” (2017) analisam e problematizam o crescimento quantitativo, a distribuição por áreas do conhecimento e a distribuição por regiões geográficas/estados brasileiros da produção acadêmica em teses e dissertações defendidas entre 1970 e 2016, sobre literatura infantil e vinculadas a programas de pós-graduação *stricto sensu*. Os autores afirmam que a produção acadêmica brasileira sobre a literatura infantil teve início no período da ditadura militar imposta no Brasil em 1964. É nesse contexto, afirmam eles, que se constata o *boom* da produção brasileira de livros de literatura infantil e se iniciam as discussões sobre a leitura e a literatura infantil.

Mortatti e Oliveira (2017) alertam para a falta de pesquisas sobre literatura infantil de tipo “estado da arte” e que a produção sobre literatura infantil já existente deve ser retomada como ponto de partida para pesquisas mais aprofundadas. Entretanto, apontam que são necessários:

[...] a atenção à definição de tema e objetos de pesquisa e, especialmente, para a construção de métodos e instrumentos adequados à especificidade desses relativamente novos temas de pesquisa e campo de conhecimento; a busca de compreensão do conhecimento em construção e suas implicações para a pesquisa acadêmica, para a produção de livros de literatura infantil e para a formulação e a implementação de políticas públicas voltadas à leitura e à formação de leitores especialmente desse gênero literário. (MORTATTI; OLIVEIRA; 2017, p.48)

Os autores afirmam que até a década de 1970 a produção sobre literatura infantil “[...] apresentava características mais de conceituação, definição e problematização em relação ao seu ensino e à formação do leitor, com acentuada associação ao contexto escolar.” (MORTATTI; OLIVEIRA; 2017, p.31). É a partir da década de 1970 que a produção acadêmica sobre literatura infantil se expande e se torna objeto de interesse de diversas áreas do conhecimento: Letras, Educação, Psicologia, Linguística, entre outras. Nesse sentido, Mortatti e Oliveira (2017) destacam que além de a literatura infantil se tornar cada vez mais objeto de estudo de diferentes áreas de conhecimento, o crescimento dos trabalhos sobre literatura infantil acompanhou o processo de expansão da pós-graduação no Brasil. Os dados das pesquisas realizadas pelos autores indicam que apesar de haver uma grande expansão dos programas de pós-graduação no Brasil e concomitantemente o aumento do número de pesquisas que versam sobre a literatura infantil, a maior concentração dessas pesquisas ainda está na área das Letras, seguida pela área da Educação, desenvolvidas majoritariamente nas regiões Sudeste e Sul do país.

De modo a problematizar esses dados, os autores acreditam que os avanços dos trabalhos sobre literatura infantil refletem o movimento “[...] (desejado e necessário) de interdisciplinarização da literatura infantil como objeto de investigação” (MORTATTI; OLIVEIRA; 2017, p.43); e que o predomínio da área das Letras e a discussão sobre a esteticidade da literatura infantil podem ser “[...] entendidas como uma espécie de reação contra o movimento anterior, em que o “belo estético” devia atender à finalidade instrucional, como uma busca do equilíbrio para a dupla função (útil e agradável) atribuída à literatura” (MORTATTI; OLIVEIRA; 2017, p.43).

No âmbito da produção acadêmica sobre literatura infantil, assemelhando-se ou dialogando-se com a perspectiva de “Atlas” proposto por Ceccantini (2004), identifiquei e li textos resultantes de pesquisas de mestrado, doutorado e pós-doutoramento que revisitaram alguns livros de literatura infantil do final do século XIX e início do século XX, de modo a contribuir para repensar a história da literatura infantil brasileira. Tratam-se de trabalhos que, embora com diferentes objetivos, dialogam com a pesquisa que resultou nessa dissertação de mestrado. No conjunto desses textos, destaco os de Alexandre (2007); Abreu (2009); Stanislavski (2011), Raffaini (2016), Oliveira (2017); Oliveira (2018); Silva (2018) e Duarte (2019).

Fernando Luiz Alexandre, em sua dissertação de mestrado *Literatura e educação na memória de uma cidade: um olhar sobre Thales Castanho de Andrade* (2007), toma como objeto de estudo o escritor de literatura infantil e educador Thales Castanho de Andrade

(1890-1977) e tem como objetivo tratar de elementos que se referem ao autor, à sua produção literária e à sua atuação no magistério. Para isso, Alexandre (2007) analisa o período de formação de Thales Castanho de Andrade, que ocorreu nos anos 1910; a publicação de seu livro mais conhecido, *Saudade*, de 1919, e a sua presença no mercado editorial até os anos 1930, quando é percebido um arrefecimento dos livros desse escritor e educador. O material de análise utilizado por Alexandre (2007) é a coleção de recortes da hemeroteca da Biblioteca Municipal de Piracicaba (local de formação de Thales de Andrade). Alexandre (2007) pontua que Thales Castanho de Andrade “[...] tinha como horizonte a realização da vida no campo como principal objetivo de sua produção” (ALEXANDRE, 2007, p. 9) e, portanto, é considerado um autor referência para o ruralismo. Ademais, afirma que Thales de Andrade produzia os seus trabalhos de acordo com as tendências educativas de sua época, alinhando, assim, o seu projeto literário com o projeto educacional, “[...] o qual contemplava a modernização da instrução pública contextualizada ao ambiente rural” (ALEXANDRE, 2007, p.9). Dessa forma, Alexandre (2007) conclui que há uma aproximação entre a literatura de Thales de Andrade e as sugestões propostas pelos movimentos educacionais dos anos 20 e 30 e, além disso, afirma que o escritor e educador contribuiu para a produção literária de duas maneiras: seu livro, *Saudade*, constituiu-se em um dos marcos para as décadas iniciais do século XX e, em seus outros escritos, Thales de Andrade constituiu a sua própria memória e a de outras personalidades da época.

Raquel de Abreu, em seu trabalho de mestrado *A série de Leitura Graduada Pedrinho (1953-1970) e a perspectiva de socialização em Lourenço Filho* (2009), examina os modelos de conduta socialmente construídos para a infância brasileira na Série *Pedrinho*, a fim de compreender a forma como estão representadas as instituições sociais brasileiras por seus padrões culturais, relações de trabalho, suas leis e seus valores. Para tanto, toma como objeto de estudos a série de leitura graduada *Pedrinho*, publicada pela Editora Melhoramentos entre os anos 1953 e 1970, articulada às ideias divulgadas pelo seu autor, Manoel Bergström Lourenço Filho (1897-1970). Abreu (2009) examina especificamente o 2º e o 3º livros da série, *Pedrinho e seus amigos* e *Aventuras de Pedrinho*, articulados ao *Guia de Mestre*, volume destinado pelo autor ao professor que adota a série nas salas de aula. A autora explora os elementos textuais da série de leitura graduada *Pedrinho* (seus escritos e suas ilustrações) relacionados à Sociologia da Educação, principalmente a “[...] influência exercida pela teoria sociológica clássica de Émile Durkheim e apropriadas por Lourenço Filho nos livros para a infância escolar brasileira” (ABREU, 2009, p.23). Abreu (2009) conclui que: Lourenço Filho, “indignado” com o atraso educacional da população brasileira nas primeiras décadas do

período Republicano, mantém as suas ideias e práticas sobre a produção escolar 30 anos depois; a série de leitura graduada *Pedrinho* é dirigida às crianças brasileiras, com orientação nova, mas fundamentada nos princípios e projetos educacionais que mobilizavam o educador no início de sua carreira (Lourenço Filho defendia a educação como condutora da modernização da nação, afirmando que o processo educacional deveria ser considerado de caráter social); percebe a vinculação entre os valores que constituem a obra de Lourenço Filho e o clássico da Sociologia Moderna de Émile Durkheim, principalmente no 2º e 3º livros da série, em que a autora evidencia a influência dos conceitos durkheimianos quanto ao caráter social da educação e papel das gerações mais velhas sobre as mais novas. Além disso, Abreu (2009) afirma que as instituições sociais na obra de Lourenço Filho são “[...] representadas por padrões de conduta socialmente construídos” (ABREU, 2009, p.219).

Cleila de Fátima Siqueira Stanislavski, em sua tese de doutorado *A coleção de leitura escolar Série Thales de Andrade (1928-1964): reflexões sobre a leitura escolar no Brasil* (2011), analisa a constituição de um modelo de leitura escolar instituído pela coleção de leitura escolar *Série Thales de Andrade*, do autor Thales Castanho de Andrade, publicada pela Companhia Editora Nacional. Stanislavski (2011) estuda a materialidade dos livros a partir das contribuições de Roger Chartier, bem como os documentos editoriais no que diz respeito às políticas de aquisição dos livros entre Estado e editora. A autora busca compreender “[...] o texto a partir dos protocolos de leitura e reconstituir o processo pelos quais o livro adquire sentido considerando as relações estabelecidas entre três polos: o texto, o objeto que lhe serve de suporte e a prática que dele se apodera.” (STANISLAVSKI, 2011, p.6). Com isso, busca compreender as características dos livros que compõem a *Série Thales de Andrade* e as formas de leitura escolar instituídas por meio delas. Stanislavski (2011) conclui que os livros que compõem a *Série Thales de Andrade* eram indicados pelo Estado para as escolas primárias brasileiras, sobretudo as rurais,

[...] fazendo circular o conhecimento, o aprendizado da escrita e da leitura. Eram de fácil manuseio porque estavam disponíveis ao leitor por intermédio da escola e da relação livro-Estado-escola e contribuía para a ampliação do mercado editorial. (STANISLAVSKI, 2011, p.161).

Patricia Tavares Raffaini, em seu texto de Pós-Doutoramento, *Livros para Morar. Uma história dos livros para crianças e jovens no Brasil (1860-1920)* (2016), a partir da premissa de que a literatura infantil brasileira teve início com a publicação de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, em 1920, escrito por Monteiro Lobato, e com base nas próprias afirmações desse escritor, busca traçar um panorama dos livros editados no Brasil, dos seus formatos, seus autores, suas temáticas, as técnicas de impressão, a fim de compreender e

conhecer quais os livros que estavam disponíveis para as crianças e os jovens brasileiros em língua portuguesa nas últimas décadas do século XIX e nas duas iniciais do século XX. Para isso, Raffaini (2016) consultou o acervo da Biblioteca Brasileira Mindlin, onde encontram-se livros adaptados de Carlos Jansen para a editora Laemmert e catálogos da Livraria Garnier dos anos 1903 a 1912. A pesquisadora examinou algumas bibliotecas públicas e localizou 26 livros das editoras Garnier, Laemmert e Livraria do Povo, sendo a maioria encontrada no acervo do Real Gabinete Português de Leitura, localizado no Rio de Janeiro. Raffaini (2016) também localizou exemplares de livros escritos por Figueiredo Pimentel na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e alguns livros da Editora Francisco Alves no Núcleo de Pesquisas sobre o Livro e História Editorial no Brasil - Lihed, da Universidade Federal Fluminense (UFF). Ao todo, mais de 50 livros foram adquiridos para a constituição de um corpo documental significativo para atender à pesquisa pretendida.

A partir da reunião desses dados, Raffaini (2016) observa que havia uma diversidade considerável de livros literários disponíveis para as crianças e os jovens brasileiros no final do século XIX e início do século XX provenientes, em sua maioria, de países da Europa, como a França e a Alemanha, “[...] Álbuns ilustrados, romances de aventuras, livros de contos populares, obras de vulgarização científica, entre outros, eram traduzidos não muito tempo depois de terem aparecido em seus países de origem.” (RAFFAINI, 2016, p.128). Além disso, a autora afirma que no período estudado, mesmo com a grande desigualdade social e um número enorme de analfabetos e crianças sem escolarização presentes no país naquela época, “[...] havia um mercado para a literatura infantil, localizado principalmente nas capitais.” (RAFFAINI, 2016, p.129). Em vista disso, a autora conclui que é “[...] impossível pensar na produção de literatura infanto-juvenil brasileira sem levar em consideração todos os títulos estrangeiros que estavam à disposição do público” (RAFFAINI, 2016, p.130) entre final do século XIX e início do século XX.

Valnikson Viana de Oliveira, em sua dissertação de mestrado *As raízes da poesia infantil de Zalina Rolim em Livro das Crianças* (2017), busca investigar a existência ou não de uma preocupação estética relacionada à sedução e ao deleite para crianças, bem como a manifestação do ideário pedagógico republicano na coletânea poética *Livro das crianças* (1897), de Zalina Rolim. Sob a perspectiva da Literatura aliada a História Cultural, o autor faz um balanço histórico de como a infância e a criança eram vistas e entendidas e retoma o “nascimento” da literatura infantil atrelada ao movimento educacional. No que concerne à *Livro das Crianças*, de Zalina Rolim, Oliveira (2017) afirma que apesar de haver uma essência pedagógica nos versos da escritora, as suas poesias ressaltam um conteúdo virtuoso e

artístico, com o predomínio da voz poética e que a menção a elementos da natureza remete ao Romantismo, corrente estética vigente à época.

Marina João Bernardes de Oliveira, em sua tese de doutorado *Jeronymo Monteiro: um precursor da indústria cultural no Brasil* (2018), apresenta um estudo sobre a vida e a produção literária de Jeronymo Monteiro e afirma que esse autor foi precursor da indústria cultural brasileira ainda incipiente na década de 1930, iniciada, de fato, a partir da década de 1940 com o “[...] crescimento da industrialização, da urbanização e da expansão da classe operária” (OLIVEIRA, 2018, p.17). Para Oliveira (2018), o pioneirismo de Jeronymo Monteiro ao que tange à cultura de massa está relacionado à sua carreira como jornalista e escritor. A autora explica que Jeronymo Monteiro transitou por diferentes gêneros textuais voltados para o público de massa – romance de aventura, de ficção científica e policiais; também atuou nos principais meios de comunicação de massa, como o jornal, os quadrinhos e o rádio – e que em sua obra é perceptível a presença de elementos da cultura de massa dos Estados Unidos, iniciada entre os anos 1920 e 1930: a ambientação de seus romances policiais em Nova Iorque; a não ortodoxia em relação a essa ambientação e a presença dos elementos de cultura de massa que só se desenvolveriam nos anos 1940.

Ana Paula Serafim Marques da Silva, em *O universo infantil e escolar em Poesias Infantis, de Olavo Bilac* (2018), trata da representação do espaço escolar e a disseminação dos valores republicanos no Brasil, bem como do cuidado estético voltado para a formação e o deleite do leitor infantil no livro *Poesias Infantis*, de Olavo Bilac (1904). Para isso, a autora faz um importante panorama histórico do contexto brasileiro ao qual Bilac estava inserido; destaca as concepções de criança, infância, educação e as produções voltadas para as crianças vigentes à época. Silva (2018) afirma que *Poesias Infantis* é uma literatura “[...] cívico-pedagógica, com vocação institucional” (SILVA, 2018, p.113) e que está articulada ao projeto de formação de uma infância brasileira com destino à leitura escolar dos jovens. Entretanto, ressalta que “[...] apesar do propósito ideológico a que serviu, [...] a obra vai além do civismo desejado pela escola e pela sociedade” (SILVA, 2018, p.113), oferecendo “[...] aspectos lúdicos e de encantamento em determinados momentos.” (SILVA, 2018, p.113).

Cristina Rothier Duarte, em sua dissertação de mestrado *A literatura infantil brasileira do século XIX: adaptações para crianças em Contos da Carochinha*, de Figueiredo Pimentel (2019), estuda a gênese da literatura infantil brasileira tomando como base a escrita de Figueiredo Pimentel direcionada ao público infantil; traça um panorama da literatura infantil partindo do estudo dos principais contistas europeus até as obras que circulavam no país no final do século XIX e início do século XX; além disso, trata da produção e atuação de

Figueiredo Pimentel como jornalista e literato e, tomando como objeto de estudos os contos “O Chapéuzinho Vermelho”, “Branca como a neve” e “A gata Borralheira”, publicados na 25ª edição de *Contos da Carochinha* (1958) e comparando-os com os clássicos europeus da literatura infantil reunidos por Xavier Marmier (1873) tenta compreender o processo de reescrita dos contos publicados por Figueiredo Pimentel. Em vista disso, Duarte (2019) conclui que Figueiredo Pimentel parte da obra de Xavier Marmier (1873) para a reescrita dos três contos analisados, utiliza como marca de adaptação a indigenização (substituição de elementos europeus por elementos nacionais) e uma linguagem mais próxima da oralidade, por meio de um narrador contador de histórias, com o intuito de suprir a necessidade de livros para o público infantil adequados à realidade brasileira do final do século XIX e início do século XX.

A partir da leitura desses textos, da definição do tema da pesquisa e da pesquisa exploratória, formulei o seguinte problema de investigação: como se configura a estética literária para crianças em *Histórias da velha Totônia*, de José Lins do Rego, publicado em 1936?

Com base nesse problema de pesquisa, defini as seguintes questões norteadoras: quem foi José Lins do Rego e qual a sua relação com a literatura infantil? Com quais propósitos ele escreveu esse livro infantil? Qual a relação desse livro com a formação escolar da época? A quem o livro se destinava? Em que contexto histórico foi publicado? Qual a relação com a produção literária infantil da época? Quais as suas contribuições para compreender aspectos relativos à construção de uma noção de estética literária para crianças ao longo da primeira metade do século XX?

A hipótese que conduziu o desenvolvimento do trabalho foi a de que José Lins do Rego, ao escrever *Histórias da velha Totônia*, em diálogo com os modelos de criança e de escola vigentes à época, apresentou um livro infantil em sintonia com o ideal de formação escolar centrado no pressuposto da construção do futuro da nação, com base na perspectiva republicana da época, porém, não deixou de lado o trabalho elaborado de construção do texto, o que imprime a ele valor estético literário a ser reconhecido.

Nesse sentido, sem se desconectar por completo do modelo de literatura infantil do início do século XX, cuja finalidade maior centrava-se no objetivo da instrução escolar, José Lins do Rego apresenta em *Histórias da velha Totônia* características que possibilitam repensar aspectos da história da literatura infantil brasileira, de modo a compreender a relação instrução/estética em livros de literatura infantil do início do século XX.

A partir do problema, das questões norteadoras e da hipótese, defini como objetivos da pesquisa os seguintes:

- Contribuir para a produção de uma história da literatura infantil e juvenil de modo a compreender como se configuram os modelos de estética literária para crianças em livros produzidos na primeira metade do século XX;
- Analisar o processo de construção estético-literária de *Histórias da velha Totônia*;
- Problematizar a relação entre *Histórias da velha Totônia* e as questões envolvidas com a formação escolar e o papel da leitura literária nessa formação;
- Compreender aspectos envolvidos com a circulação e repercussão de *Histórias da velha Totônia* no momento histórico de sua produção; e
- Contribuir para o desenvolvimento de pesquisas correlatas.

A fim de alcançar esses objetivos e considerando o problema e a hipótese que defini para a pesquisa, o método de investigação com o qual operei no desenvolvimento da pesquisa foi o da abordagem histórica em Educação, que pode ser entendida, de acordo com Mortatti (1999) como:

[...] um tipo de pesquisa científica, cuja especificidade consiste, do ponto de vista teórico metodológico, na abordagem histórica – no tempo – do fenômeno educativo em suas diferentes facetas. Para tanto, demanda a recuperação, reunião, seleção e análise de fontes documentais como mediadoras na produção do objeto de investigação. (p.73).

Para sustentar a abordagem histórica, utilizo os aportes da História Cultural que, segundo Chartier (1990) tem como principal objetivo “[...] identificar o modo como em diferentes lugares e momentos de uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler” (p.17). A História Cultural constitui-se como campo muito fecundo de estudos e abre uma gama de possibilidades investigativas, como aponta Viñao Frago (1995):

La nueva historia cultural abarcaría la historia de la cultura material y la del mundo de las emociones, los sentimientos y lo imaginario, así como el de las representaciones e imágenes mentales, la de la cultura de la élite o de los grandes pensadores – historia intelectual en sentido estricto – y la de la cultura popular, la de la mente humana como producto sociohistórico – en el sentido vigotskyano – y la de los sistemas de significados compartidos – en el sentido geertziano – u otros objetos culturales producto de esa misma mente, y entre ellos, como no, el lenguaje y las formaciones discursivas creadoras de sujetos y realidades sociales (VIÑAO FRAGO, 1995, p. 64).

Por tratar-se de uma abordagem histórica, fez-se necessária a utilização de fontes documentais que, de acordo com Le Goff (2003), são entendidas como:

[...] uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a

viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. (LE GOFF, 2003, p.538).

A fonte documental privilegiada da pesquisa é o livro infantil *Histórias da Velha Totônia* (1936), de José Lins do Rego. Esse livro, cuja publicação tinha como destinatário explícito as crianças, integra o conjunto de livros de mesma destinação que se convencionou considerar *corpus* da literatura infantil brasileira. Ainda que a definição desse gênero literário tenha oscilado desde a sua constituição e defini-lo corresponda a um risco, com base em Mortatti (2001), entendo literatura infantil como:

[...] um conjunto de textos – escritos por adultos e lido por crianças – que foram paulatinamente sendo denominados como tal, em razão de certas características sedimentadas historicamente, por meio, entre outros, da expansão de um mercado editorial específico e de certas instancias normatizadoras, como a escola e a academia. (p.182).

Trabalhar com o texto literário como fonte documental e, portanto, como *corpus* de análise, requer alguns cuidados, pois a literatura é, antes de tudo, uma transfiguração do real, se presta não somente a uma verificação pura e simples da realidade, mas a diversas leituras. Segundo Bosi (2006) “[...] a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a uma práxis socialmente condicionada.” (BOSI, 2006, p.49). Portanto, trata-se de um produto artístico, quer agradar e comover, mas está condicionado à sua sociedade e ao seu tempo, é um produto cultural.

O estudo e a interpretação do livro de literatura dependem das perguntas que lhe são feitas, pois como afirma Candido (2000): “[...] o externo importa não como causa, nem significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na construção da estrutura, tornando-se, portanto, interno.” (CANDIDO, 2000, p.6). Assim sendo, é necessário conhecer mais sobre quem produziu o livro, em quais condições, a qual contexto literário estava imerso, quais os seus interesses, ou seja, quanto mais informações souber, melhor a fonte poderá ser analisada.

Para o desenvolvimento da pesquisa, a partir da definição do tema, do problema e das questões norteadoras, elaborei o instrumento de pesquisa *Bibliografia de e sobre José Lins do Rego: um instrumento de pesquisa* (EBIZERO, 2020). López (2002, p.25) afirma que o instrumento de pesquisa apresenta-se na forma de guia, inventário, catálogo ou índice e que, portanto, pode ser entendido como “[...] obra de referência, publicada ou não, que identifica, localiza, resume ou transcreve, em diferentes graus e amplitudes, fundos, grupos, séries e peças documentais existentes num [ou mais] arquivo permanente” (DICIONÁRIO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA, 1996, p.45).

De acordo com Belloto (1979), em uma pesquisa histórica, os instrumentos de pesquisa são fundamentais, pois:

[...] constituem-se em vias de acesso do historiador ao documento, sendo a chave da utilização dos arquivos como fontes primárias da História. O pré-conhecimento é indispensável ao processo historiográfico, racionalizando a pesquisa através da aceitação ou rejeição prévia de fontes. [...] Cabe ao elaborador do instrumento de pesquisa apreender, condensar e, sem distorções, apresentar todas as possibilidades de uso e aplicação da documentação por ele relacionada ou descrita. (BELLOTO, 1979, p.133).

Para a elaboração do instrumento de pesquisa, escolhi alguns catálogos digitais de algumas bibliotecas e base de dados institucionais⁷, além de consultar os acervos digitais do jornal O Estado de São Paulo⁸ (atual Estadão) e da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional⁹ (FBN).

Então, utilizei os procedimentos de localização, recuperação, reunião, ordenação e seleção das fontes documentais e, ao todo, localizei 197 referências de textos *de* e *sobre* José Lins do Rego. Ordenei essas referências em três seções: “Produção *de* José Lins do Rego” (68 referências); “Bibliografia *sobre* José Lins do Rego – vida, atuação profissional, produção escrita” (25 referências) e “Bibliografia sobre o livro *Histórias da velha Totônia*” (104 referências).

Em vista dessas considerações e a partir de meu instrumento de pesquisa (EBIZERO, 2020), defini *Histórias da velha Totônia* como fonte documental privilegiada da pesquisa, fonte essa que é tratada aqui como “configuração textual”, pois é:

[...] resultante de um trabalho discursivo, consciente ou não, de determinado(s) sujeito(s) do momento histórico em que foi produzido, assim como de seus pósteros, para os quais continuam a existir, manipulados, seja pelo combate acusatório, seja pelo esquecimento silencioso nem sempre inocente. (MORATTI, 2000b, p.30).

Sendo assim, utilizei o método de análise de configuração textual, conforme proposto por Mortatti (2000b), que compreende a análise do:

[...] conjunto de aspectos constitutivos de determinado texto, os quais se referem: às opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturais-formais (como?), projetadas por um determinado sujeito (quem?), que se apresenta como autor de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê?), visando a determinado efeito em determinado tipo de leitor (para quem?) e logrando determinado tipo de circulação, utilização e repercussão. (MORTATTI, 2000b, p.31).

⁷Os catálogos das bibliotecas digitais consultadas foram: 1. Fundação Biblioteca Nacional, 2. Centro de referência em educação Mario Covas (INFOPRISMA), 3. Dedalus, 4. Athena UNESP, 5. Parthenon UNESP, 6. Prefeitura Municipal de São Paulo, 7. Biblioteca UNICAMP, 8. Minerva UFRJ e 9. Biblioteca UFPB.

⁸O acervo pode ser encontrado em: <https://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em: 23 jan. 2019.

⁹O acervo da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional está disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 23 jan. 2019.

Em relação aos procedimentos metodológicos, optei por uma pesquisa documental e bibliográfica que, alinhada com a abordagem histórica, desenvolveu-se por meio da utilização dos procedimentos metodológicos de: localização, recuperação, reunião, seleção, ordenação e análise das fontes documentais; além da leitura de bibliografia especializada, especialmente as de abordagem histórica sobre livros de literatura infantil.

Os demais textos escritos por José Lins do Rego e os textos de outros autores que mencionam o livro *Histórias da velha Totônia* foram utilizados como fontes documentais auxiliares para a análise da “configuração textual” desse livro, cujos resultados apresento nessa dissertação de mestrado.

Dessa forma, essa dissertação encontra-se assim organizada:

No capítulo 1, apresento aspectos da vida, formação e atuação profissional de José Lins do Rego e a bibliografia *de e sobre* esse autor.

No capítulo 2, apresento os aspectos relacionados à repercussão de *Histórias da velha Totônia* por meio das notícias veiculadas nos jornais.

No capítulo 3, apresento os aspectos relacionados à forma e ao conteúdo de *Histórias da velha Totônia*, bem como os aspectos editoriais e materiais das diferentes edições publicadas por diferentes editoras.

No capítulo 4, faço uma problematização dos contos reescritos por José Lins do Rego que compõem o livro *Histórias da velha Totônia* em comparação com os mesmos contos contidos no livro *Contos Populares do Brasil (1885)*, de Sílvio Romero.

No capítulo 5, abordo aspectos relacionados ao contexto histórico em que o livro *Histórias da velha Totônia* foi publicado, bem como a sua relação com o contexto escolar da época. Além disso, busco inter-relacionar os elementos dos capítulos anteriores, de modo a apresentar síntese dos aspectos que constituem a estética literária para crianças consolidada em *Histórias da velha Totônia*, bem como o seu diálogo com possíveis concepções de literatura infantil e de formação escolar do início do século XX. Nesse capítulo, teço as considerações finais.

Ao final desta dissertação, apresento as referências bibliográficas dos textos citados e apêndice contendo o documento *Bibliografia de e sobre José Lins do Rego*: um instrumento de pesquisa (EBIZERO, 2020).

CAPÍTULO I

**JOSÉ LINS DO REGO: CRONISTA, JORNALISTA, ROMANCISTA E ESCRITOR
DE LITERATURA INFANTIL**

Figura 1 – Foto de José Lins do Rego



Fonte: Academia Brasileira de Letras – ABL

1.1 Aspectos da vida pessoal e profissional de José Lins do Rego¹⁰

Filho de João do Rego Cavalcanti e de Amélia Lins Cavalcanti, José Lins do Rego Cavalcanti nasceu no dia 3 de junho de 1901, no Engenho do Corredor, no município de Pilar, no estado da Paraíba. No ano de seu nascimento, ficou órfão de sua mãe Amélia e viveu longe de seu pai João, que foi morar em outro engenho. Acabou sendo criado por seu avô materno, o coronel José Lins Cavalcanti de Albuquerque, um grande proprietário de terras, e por sua tia Maria, no Engenho do Corredor.

Aprendeu a ler e a escrever em Pilar. Em 1909, ingressou no Internato Nossa Senhora do Carmo, em Itabaiana, na Paraíba e, três anos depois, transferiu-se para o Colégio Diocesano Pio X, em João Pessoa, onde teve um maior contato com a literatura. De acordo com Abdala Jr. (2011), José Lins do Rego fez parte “[...] de uma sociedade literária chamada Arcádia e publicou um artigo sobre Joaquim Nabuco na *Revista Pio X*” (ABDALA, JR, 2011, p.193). Em 1915, mudou-se para Recife e frequentou o Instituto “Carneiro Leão” e o Ginásio Pernambucano.

Ingressou na Faculdade de Direito de Recife em 1920 e desde 1919 colaborava na imprensa, no *Diário do Estado da Paraíba*. Em 1º de novembro do ano de 1922, fundou o semanário *Dom Casmurro*, revista que coordenou juntamente com Osório Borba¹¹ e que se dedicava à crítica ao Modernismo de São Paulo. Foi nessa época que José Lins do Rego iniciou sua amizade com Gilberto Freyre¹², jovem sociólogo que tinha acabado de retornar ao Brasil após anos de estudos nos Estados Unidos e na Europa (CHAGURI, 2007). Essa amizade entre os dois foi de extrema importância para que José Lins do Rego tivesse novas

¹⁰ Este tópico toma como base os trabalhos de Galvão (1998); Chaguri (2007); Abdala Jr. (2011).

¹¹ José Osório de Moraes Borba nasceu em Aliança (PE) no dia 16 de janeiro de 1900. Foi jornalista, político e escritor. Colaborou em diversos jornais de Pernambuco, como no *Jornal Pequeno*, *Diário de Pernambuco*, *Diário da Manhã*, *Diário da Tarde*; de São Paulo, no *Diário de São Paulo* e do Rio de Janeiro, no *A manhã*, no *Diário de Notícias* e no *Diário Carioca*. Além disso, traduziu obras clássicas da literatura francesa e publicou *Medalhões e medalhinhas* (1925), *A comédia literária* (1937) e *Sombra no Túnel* (1946). Faleceu no Rio de Janeiro, em 6 de novembro de 1960. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-osorio-de-morais-borba>. Acesso em: 17 jun. 2019.

¹² Gilberto de Melo Freyre nasceu em Recife no dia 15 de março de 1900. Realizou seus estudos primários com professores particulares e cursou o ensino secundário no colégio norte-americano *Gilreath* de Pernambuco. Após a conclusão de seus estudos secundários, viajou para os Estados Unidos, ingressou na Universidade de Baylor, Texas, e formou-se bacharel em Ciências Políticas e Sociais no ano de 1920. Fez pós-graduação em Ciências Políticas, Jurídicas e Sociais, pela Universidade de Colúmbia, em Baltimore. Em 1922, defendeu a sua tese de mestrado intitulada *Social life in the middle of the 19th century*, tendo dela se originado a sua obra mais famosa *Casa-grande & senzala* (1933). Doutorou-se em Letras, pela Universidade de Colúmbia também. Após concluir os seus estudos nos Estados Unidos, percorreu a Europa em viagem de estudos, permanecendo bastante tempo em Paris e em Oxford, na Inglaterra. Retornou ao Brasil no ano de 1923. Foi professor, escritor, sociólogo, jornalista. Faleceu em 18 de julho de 1987. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/gilberto-de-melo-freire>. Acesso em: 17 jun. 2019.

ideias acerca da formação social brasileira e sua nova visão de mundo, o “mundo das artes”¹³ (REGO, 1944, p.11).

No ano de 1923, formou-se bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Recife. Em 1924, casou-se com Filomena Massa Lins do Rego¹⁴ (“Naná”), com quem teve três filhas: Maria Elisabeth, Maria da Glória e Maria Cristina, e nesse ano publicou um artigo intitulado “O diletantismo em Marcel Proust”. Em 1925, mudou-se para Minas Gerais onde foi exercer a função de promotor público, em Manhuaçu. Ficou pouco tempo na carreira, pois desiludiu-se com a magistratura e a vida na cidade pequena o entediava.

Desistiu da carreira no ministério público e, em 1926, transferiu-se para Maceió, Alagoas, onde exerceu a função de fiscal de bancos até o ano de 1930 e depois fiscal de consumo, entre 1931 e 1935. Foi na capital de Alagoas que passou a colaborar com o *Jornal Alagoas*, local em que conheceu e conviveu com Graciliano Ramos, Rachel de Queiróz, Aurélio Buarque de Holanda, Jorge de Lima, Valdemar Cavalcanti, Aloísio Branco, Carlos Purílio, dentre outros (FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO, 2008¹⁵). De acordo com Abdala Jr., José Lins do Rego era “[...] partidário do Movimento Regionalista do Nordeste, opôs-se ao modernismo de São Paulo e Rio de Janeiro” (ABDALA JR, 2011, p.195).

Em 1929 escreveu seu primeiro livro, *Menino de Engenho*, porém, a publicação ocorreu apenas em 1932, por uma pequena editora, paga pelo próprio escritor. Entretanto, esse romance lhe concedeu o *Prêmio Fundação Graça Aranha*.

No ano seguinte, em 1933, José Lins do Rego teve publicado o seu segundo romance: *Doidinho*. E, em 1934 teve publicado *Banguê*.

Nomeado como fiscal de Imposto de Consumo, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1935, onde passou a residir definitivamente. Foi nesse ano que teve publicado *O moleque Ricardo*. No Rio de Janeiro, continuou a atuar no jornalismo, contribuindo em diversos periódicos com crônicas diárias.

No ano de 1936, teve publicado *Usina* e seu único livro de literatura infantil, *Histórias da velha Totônia*. Nos anos seguintes foram lançados os romances *Pureza* (1937), *Pedra Bonita* (1938), *Riacho Doce* (1939), *Água-mãe* (1941), *Fogo morto* (1943), considerado pela crítica sua “obra prima” (ABDALA JR., 2011), *Eurídice* (1947), romance que lhe rendeu o *Prêmio Fábio Prado*; *Cangaceiros* (1953) e *Romances reunidos e ilustrados* (1980).

¹³ REGO, José Lins do. Notas sobre Gilberto Freyre. In: FREYRE, G. *Região e Tradição*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944, p. 11.

¹⁴ Filha do senador Antônio Massa. Até o momento da escrita deste texto, não encontrei mais informações sobre sua data de nascimento, profissão, data de falecimento.

¹⁵ JOSÉ Lins do Rego: biografia. *Pesquisa Escolar Online*, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2008. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>. Acesso em: 17 jun. 2019.

Em 15 de setembro de 1955, José Lins do Rego foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), sendo o 4º ocupante da cadeira 25, na posição 4, antecedido por Aaulfo de Paiva. Tomou posse do cargo em 15 de dezembro de 1956, mesmo ano em que lançou seu romance autobiográfico *Meus verdes anos*.

Em 12 de setembro de 1957, José Lins do Rego faleceu no Hospital dos Servidores do Estado, no Rio de Janeiro, vítima de hepatopatia.

Após a sua morte, em 19 de março de 1985, foi inaugurado o *Espaço Cultural José Lins do Rego*, em João Pessoa, na Paraíba. Nesse local encontra-se a sua biblioteca (o seu gabinete particular), doada pelo próprio escritor, que inclui o seu acervo bibliográfico pessoal, com mais de 4 mil volumes, além de cartas, telas, fotografias, manuscritos de seus livros, objetos pessoais, um busto de bronze de José Lins do Rego, entre outros.

Figura 2 – Espaço Cultural José Lins do Rego



Fonte: Acervo pessoal.

Ao longo de sua vida, José Lins do Rego teve uma significativa produção bibliográfica, destacando-se os seus romances. Isso fez com que ele se tornasse objeto de estudos recorrente no campo literário. Embora o enfoque desta dissertação recaia apenas no livro infantil escrito por ele, entendo ser importante compreender aspectos de sua produção escrita.

[...] Quando escolho uma obra literária para servir como fonte histórica, para reconstruir determinado aspecto de uma determinada época, quanto mais eu souber sobre quem produziu e em que condições, atendendo a que interesses e em que contexto literário, mais possibilidades tenho de melhor “olhar” e “tratar” o documento. Torna-se, pois, importante, a explicitação de quem fala e de onde fala, ou seja, do autor, de sua obra e das características que marcam o período a que se vincula. (GALVÃO, 1998, p.49).

Nesse sentido, elaborei um instrumento de pesquisa denominado *Bibliografia de e sobre José Lins do Rego*: um instrumento de pesquisa (EBIZERO, 2020) (Apêndice A) em que reuni 197 referências de textos **de** José Lins do Rego, **sobre** José Lins do Rego (vida, produção escrita e atuação profissional) e **sobre** o livro *Histórias da velha Totônia*.

Essas 197 referências estão organizadas em três seções. Na primeira seção, “Produção de José Lins do Rego”, reuni 32 referências de textos escritos por José Lins do Rego e publicados durante a sua vida ou postumamente.

Na segunda seção, “Bibliografia sobre a vida, atuação profissional e produção escrita de José Lins do Rego”, reuni 25 referências de textos sobre a biografia, atuação profissional e a produção escrita desse autor. Ressalto que há muitos outros textos sobre José Lins do Rego, especialmente sobre seus romances destinados ao público adulto, porém como o foco da pesquisa estava em seu único livro infantil, optei por não inserir todos os trabalhos que localizei sobre o autor. Inseri, portanto, apenas alguns trabalhos sobre sua vida, atuação profissional e sua obra, os quais considerei mais pertinentes levando em consideração os objetivos da pesquisa que resultou nesta dissertação. Por esse motivo, optei por não apresentar nesta dissertação de forma detalhada as 25 referências que localizei sobre a vida, atuação profissional e produção escrita de José Lins do Rego, pois elas tiveram muito mais o propósito de subsidiar a escrita deste tópico.

Na terceira e última seção, “Bibliografia sobre o livro *Histórias da velha Totônia*”, reuni 104 referências de textos sobre o livro infantil *Histórias da velha Totônia*, *corpus* de análise desta dissertação.

Além dessas, reuni outras 36 referências que se referem a diferentes edições de um mesmo título publicado por esse autor. Sendo assim, reuni, ao todo, 197 referências de textos **de** José Lins do Rego, **sobre** José Lins do Rego (vida, produção escrita e atuação profissional) e **sobre** o livro *Histórias da velha Totônia*, cujas informações mais detalhadas apresento nos tópicos seguintes.

Com relação à bibliografia de José Lins do Rego, especialmente seus romances para o público adulto, cumpre destacar que um dos traços mais marcantes desse escritor foi a sua atuação no Movimento Regionalista do Nordeste, que se opunha ao Movimento Modernista

das primeiras décadas do século XX, centrado especialmente em São Paulo e Rio de Janeiro (ABDALA JR, 2011). Mais do que uma oposição, “[...] Modernismo e Regionalismo podem ser compreendidos como faces diferentes de um mesmo processo de aprofundamento de consciência nacional” (CHAGURI, 2007, p.63), ou seja, movimentos que embora distintos, tiveram propósitos semelhantes: a renovação estética em face da brasilidade.

Com esse entendimento, o Movimento Modernista pode ser entendido como um movimento de “reação” aos movimentos anteriores (romantismo, realismo e parnasianismo) (GALVÃO, 1998):

Reação ao metro exato, ao “lirismo comedido e bem comportado”, ao “sapo-tanoeiro aguado” de Bandeira. À “arte pela arte” parnasiana. Caracterizou-se pela tentativa de mergulho na realidade brasileira, a fim de testemunhá-la, exprimi-la ou reproduzi-la em sua diversidade, em seus contrastes, nas vivências dos homens e mulheres nos lugares que formavam a heterogeneidade do país”. (GALVÃO, 1998, p.50-51).

Pode-se dizer, com isso, que o Regionalismo não esteve totalmente alheio e tampouco ileso das manifestações e ideais modernistas, pois os dois movimentos, cada um a sua maneira, reagiram “[...] às convenções clássicas e ao academicismo linguístico, através da observação direta da linguagem oral, transcrita em suas obras” (GALVÃO, 1998, p.58).

Vinculado ao “signo da modernidade” e com propostas estéticas declaradas “inovadoras” (CHAGURI, 2007), o Regionalismo “[...] recupera a trajetória das elites agrárias nordestinas, agora decadentes, procurando operar uma reconversão simbólica a partir das tradições culturais destas” (CHAGURI, 2007, p.64).

No que diz respeito a tais propostas estéticas renovadoras, Lafetá (2000) afirma que toda nova proposta estética deve ser compreendida por dois lados: o projeto estético (relacionado à linguagem) e o projeto político (ligado à visão de mundo). Nessa lógica, Chaguri (2007) aponta que o Regionalismo tinha como projeto estético:

[...] a aproximação com a linguagem oral e a construção de um narrador popular, pretende, pois, não criar uma língua brasileira, mas sim trazer à tona o escrever próximo à tradição oral. [...] a recuperação das tradições brasileiras em suas inúmeras manifestações na dança, na música, na culinária, etc., trata-se de conduzir o que até então se considerava folclore para o nível explicativo da formação nacional. [...] vemos operar uma recuperação da tradição por meio da região, ou seja, é pela via do regional que as tradições e os valores brasileiros devem ser recuperados e que, portanto, a formação do país deve ser compreendida (CHAGURI, 2007, p. 65-66).

Ainda com base em Chaguri (2007), o projeto ideológico do Regionalismo era a tradição e a região e, “[...] a partir desses dois elementos o Brasil deveria ser analisado, percebido e administrado” (CHAGURI, 2007, p.66). Dessa forma e diferentemente do Modernismo do Centro-Sul, a modernidade nordestina esteve na “plasticidade de duas

tradições e de seus valores” e não em elementos como o processo de industrialização e urbanização (CHAGURI, 2007).

Em vista disso, Chaguri (2007) afirma que essa proposta de renovação estética está diretamente ligada ao projeto ideológico de retomada do passado da região. A memória foi o meio e o filtro que selecionou o que deveria ser lembrado e eternizado.

Por essa razão, Chaguri (2007) diz que os regionalistas, em especial e, especificamente José Lins do Rego, insistiram na retomada dos tempos da infância como “[...] um dos principais elementos para a composição literária. Trata-se de trazer à tona a experiência vivida anteriormente, sendo a rememoração, pela via do sensível e do vivido, uma das grandes renovações estéticas operadas pelo *Regionalismo*.” (CHAGURI, 2007, p.67).

1.2 Produção de José Lins do Rego

Como mencionei, ao longo de sua atuação profissional, José Lins do Rego teve publicado um conjunto significativo de textos. Ao todo, localizei 32 referências de textos escritos por ele e que ordenei em sete subseções no instrumento de pesquisa *Bibliografia de e sobre José Lins do Rego*: um instrumento de pesquisa (EBIZERO, 2020). Tais subseções estão intituladas da seguinte maneira: 1.1 Literatura Infantil; 1.2 Romance; 1.3 Memória (autobiografia); 1.4 Viagem; 1.5 Tradução; 1.6 Crônicas e 1.7 Conferência/Discurso.

Para proporcionar visão de conjunto e síntese das produções de José Lins do Rego apresento, na Tabela 1, a produção escrita por José Lins do Rego, ordenada por tipo de texto e por ano de publicação.

Tabela 1 - Produção de José Lins do Rego, por tipo de texto e ano de publicação

(continua)

Tipo de Texto	Literatura Infantil	Romance	Memória	Viagem	Tradução	Crônicas	Conferência/ Discursos	Total por ano
Ano								
1932	-	1	-	-	-	-	-	1
1933	-	1	-	-	-	-	-	1
1934	-	1	-	-	-	-	-	1
1935	-	1	-	-	-	-	-	1
1936	1	1	-	-	-	-	-	2
1937	-	1	-	-	-	-	-	1
1938	-	1	-	-	-	-	-	1
1939	-	1	-	-	-	-	-	1
1940	-	-	-	-	1	-	-	1
1941	-	1	-	-	-	-	-	1
1942	-	-	-	-	-	1	-	1
1943	-	1	-	-	-	-	1	2
1945	-	-	-	-	-	1	-	1
1946	-	-	-	-	-	-	1	1
1947	-	1	-	-	-	-	-	1
1951	-	-	-	1	-	-	-	1
1952	-	-	-	-	-	1	-	1
1953	-	1	-	-	-	-	-	1
1954	-	-	-	-	-	1	-	1
1955	-	-	-	1	-	-	-	1
1956	-	-	1	-	-	-	-	1
1957	-	-	-	1	-	1	1	3
1958	-	-	-	-	-	1	-	1
1980	-	1	-	-	-	-	-	1
1981	-	-	-	-	-	1	-	1

Tabela 1 - Produção de José Lins do Rego, por tipo de texto e ano de publicação

(conclusão)

Tipo de Texto	Literatura Infantil	Romance	Memória	Viagem	Tradução	Crônicas	Conferência/ Discursos	Total por ano
Ano								
2002	-	-	-	-	-	1	-	1
2004	-	-	-	-	-	1	-	1
2007	-	-	-	-	-	1	-	1
Total	1	13	1	3	1	10	3	32

Fonte: *Bibliografia de e sobre José Lins do Rego: um instrumento de pesquisa* (EBIZERO, 2020).

Como pode-se observar pelas informações apresentadas na Tabela 1, dos 32 textos escritos por José Lins do Rego que localizei, 13 foram resultantes de romances publicados entre 1932 e 1980¹⁶, e dez resultantes de crônicas publicadas entre 1942 e 2007.

Com relação aos romances, de 1932 até 1939, José Lins do Rego teve publicado um livro por ano, com exceção do ano de 1936 em que o autor teve publicado dois títulos: o romance *Usina* e o único livro de literatura infantil *Histórias da velha Totônia*.

Entre os anos 1940 e 1943, José Lins do Rego teve publicado um livro ano sim e ano não e, de 1945 até 1953, teve publicado um livro a cada dois anos. No ano de 1944 não localizei textos publicados pelo autor.

No que se refere às crônicas, seis delas foram publicadas postumamente e as outras quatro foram publicadas ainda em vida.

No conjunto das produções escritas de José Lins do Rego, esse autor ficou conhecido e passou a ser aclamado pela crítica literária a partir de sua produção de romances para o público adulto, que também se configura como maioria em sua produção escrita. Por essa razão, apresento com maiores detalhes aspectos desses romances, seguindo a cronologia em que foram publicados. Além disso, até o momento da escrita desta dissertação, não obtive acesso¹⁷ aos demais textos escritos de José Lins do Rego.

No ano de 1932, foi lançado o primeiro romance de José Lins do Rego. *Menino de Engenho*, narrativa ficcional com traços memorialísticos, que aborda a infância e parte da adolescência do protagonista e narrador, Carlos de Melo, vividas no Engenho de Santa Rosa, à margem do rio Paraíba. Trata-se do primeiro volume do ciclo da cana-de-açúcar¹⁸, assim como denominou o próprio escritor (GALVÃO, 1998).

Em 1933, o autor deu continuidade ao ciclo e teve publicado *Doidinho*, romance que continua retratando a adolescência de Carlos de Melo, porém, não mais vivida no engenho, pois o narrador-protagonista passou a residir em um rigoroso internato em Itabaiana.

Em 1934, José Lins do Rego teve publicado *Banguê*, romance que trata da maturidade de Carlos de Melo que, após anos de estudos, retorna ao engenho e passa por momentos de

¹⁶ Trata-se da obra póstuma *Romances reunidos e ilustrados*, publicado em 1980 pela José Olympio Editora. São cinco volumes que reúnem os romances de José Lins do Rego: *Volume 1: Menino de Engenho, Doidinho e Banguê; Volume 2: O moleque Ricardo e Usina; Volume 3: Pureza, Pedra Bonita e Riacho Doce; Volume 4: Água-mãe e Fogo Morto e Volume 5: Eurídice e Cangaceiros*.

¹⁷ Esses textos encontram-se arquivados na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, porém, indisponíveis para consulta até o momento de finalização desta dissertação.

¹⁸ O ciclo da cana-de-açúcar corresponde aos seis romances que retratam a decadência do engenho açucareiro nordestino. São eles: *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *O Moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936) e *Fogo Morto* (1943). (GALVÃO, 1998).

angústia, ora recordando-se do passado com nostalgia, ora criticando-o. Esse livro encerra a trilogia de Carlos de Melo como protagonista.

No ano de 1935, o escritor teve publicado *O Moleque Ricardo*, livro que difere dos anteriores porque a ação decorre em Recife e o protagonista da história chama-se Ricardo, um homem negro e que por não ter mais perspectivas no engenho de Santa Rosa, foge e vai trabalhar na capital pernambucana, onde descobre o amor homoafetivo, a política, a militância e a tragédia.

Em 1936, José Lins do Rego teve publicado *Usina*, livro que retoma, na primeira parte, a história de *O Moleque Ricardo* a partir da prisão do protagonista com os companheiros grevistas em Fernando de Noronha. Na segunda parte, trata do retorno de Ricardo ao engenho de Santa Rosa, que foi transformado em Usina Bom Jesus.

É no ano de 1936 também que José Lins do Rego teve publicado seu único livro infantil, *Histórias da velha Totônia*, em que reúne quatro contos que dialogam com a tradição oral europeia, são eles: “O macaco mágico”, “A cobra que era uma princesa”, “O príncipe pequeno” e “O sargento verde”.

Pureza, publicado em 1937, trata-se de um romance diferente dos anteriores, por conter uma narrativa mais interiorizada, ou seja, retrata um outro espaço nordestino: verde, tranquilo e bucólico. Conta a história de Loureço de Melo, narrador e personagem principal, homem atormentado que tem medo de relacionar-se sexualmente e de ficar doente. Por conta disso, é inseguro em seu amor por Margarida, filha de Antônio, chefe da estação de trem.

Em *Pedra Bonita*, primeiro romance do ciclo do cangaço¹⁹, publicado em 1938, José Lins do Rego relata a tragédia pernambucana de 1838, onde foram assassinadas várias pessoas para que, com seu sangue, fossem lavadas as duas catedrais do reino de D. Sebastião (rei de Portugal, “suposto messias”), ser encantado nas duas pedras que ali existiam. Esse romance dá início ao ciclo do cangaço atrelado ao misticismo. Narra a história de uma vila humilde, a Vila do Açú, de um santo que era louco (padre Amâncio), e o drama desenrola-se em torno de uma espécie de loucura coletiva, de lutas, de heróis, da seca e do cangaço.

Riacho Doce publicado em 1939, não tem relação com os demais romances, ou seja, não faz parte de nenhum ciclo, é uma obra independente. No livro, o romancista mescla a memória, a imaginação, o primitivismo, a arte, o povo e a ficção por meio da naturalidade e

¹⁹ O ciclo do cangaço corresponde aos dois romances que retratam o medo que os cangaceiros alastravam pela região Nordeste e a luta pela sobrevivência em meio a seca no sertão. São eles: *Pedra Bonita* (1938) e *Cangaceiros* (1953).

da intimidade com a natureza interior e exterior. Nesse livro, o Nordeste está presente de uma forma bem dramática.

Diferentemente dos romances anteriores que possuem os cenários da região Nordeste como parte de suas narrativas, *Água-mãe*, publicado no ano de 1941, se passa na região Sudeste do país, especificamente no Rio de Janeiro, às margens da lagoa de Araruama, em Cabo Frio. O escritor trata da história de três famílias que vivem às margens da lagoa Araruama, que vivem várias tragédias, tematizadas por meio do terror sobrenatural e a força do destino, ambos provenientes da Casa Azul, supostamente responsável por tudo o que acontece de ruim para os personagens.

O décimo romance de José Lins do Rego, *Fogo Morto*, cuja data de publicação é de 1943, é considerado a obra-prima do autor. Trata de uma maneira realista os processos de mudanças sociais ocorridos no Nordeste brasileiro, abrangendo o período do Segundo Reinado²⁰ até as primeiras décadas do século XX.

Eurídice, livro publicado em 1947, é dividido em duas partes. Narra a agitada história do estudante de Direito Júlio, rapaz rejeitado pela mãe na infância e apegado à irmã, em quem encontra conforto. Entretanto, quando sua irmã se casa, o jovem sente-se novamente rejeitado. Ao entrar para a faculdade, Júlio vai morar em uma pensão e acaba conhecendo a Eurídice, por quem apaixona-se. Contudo, Eurídice é amante de outro hóspede da pensão e por isso considera Júlio apenas um bom amigo. É na dificuldade em lidar com os seus sentimentos que Júlio precisa administrar a situação para que não se torne um convívio insustentável.

Cangaceiros, publicado em 1953, é a continuação de *Pedra Bonita*, primeiro livro do ciclo do cangaço. Trata-se de um extenso romance sobre o misticismo e o flagelo das secas das caatingas do sertão. A narrativa gira em torno da vida de Bento, da sua amizade com os outros moradores, do seu namoro com Aline, das pragas da mãe que fica louca, das aventuras do irmão e da esperança do personagem Custódio em ter vingada a morte de seu filho pelos cangaceiros.

Último livro que José Lins do Rego teve publicado em vida, *Meus verdes anos*, de 1956, é um livro de memórias, em que o próprio autor o define como tal: “[...] Chamei de verdes anos os tempos da minha primeira infância.” (REGO, 2011, p.17). Mostra como é a vivência no engenho Corredor durante a sua infância, dominado pela figura do avô, já que perdera a mãe muito cedo e não viveu junto do pai.

²⁰ O primeiro Reinado foi o nome que se deu ao período histórico brasileiro em que D. Pedro I governou o país como imperador; compreende ao interstício entre 1822 e 1931.

Os romances de José Lins do Rego intentam retratar uma época de muitas transformações sociais na região Nordeste do Brasil, que vão dos velhos engenhos até as mulheres; deixam bem marcada a questão da oralidade e, além disso, seus livros possuem caráter autobiográfico, o que difere o romancista dos demais de sua época, tornando-o singular e dando unanimidade à sua obra (GALVÃO, 1998)

1.3 Bibliografia sobre o livro *Histórias da velha Totônia*

Como mencionei no instrumento de pesquisa (EBIZERO, 2020), no que se refere à produção escrita sobre o livro infantil *Histórias da velha Totônia*, reuni 104 referências de textos de autores que tratam desse livro ou de algum aspecto dele.

Essas referências estão reunidas na seção “Bibliografia *sobre* o livro *Histórias da velha Totônia*” e organizadas em oito subseções, de acordo com o grau de importância. Os títulos das subseções e a quantidade de referências correspondentes a cada uma são os seguintes: Textos em jornais e revistas que tratam do livro *Histórias da velha Totônia* (25); Textos acadêmicos que tratam do livro *Histórias da velha Totônia* (4); Dicionário de literatura infantil (4); Prefácio em livro (1); Pareceres sobre *Histórias da velha Totônia* (2); Recensões em jornais e revistas que contêm menção ao livro *Histórias da velha Totônia* (61); Textos acadêmicos que fazem menção ao livro *Histórias da velha Totônia* (6) e Obra de referência sobre literatura infantil que faz menção ao livro *Histórias da velha Totônia* (1)

Com relação às 104 referências que reuni na seção “Bibliografia *sobre* o livro *Histórias da velha Totônia*”, a fim de propiciar uma visão de conjunto e síntese dessas publicações apresento, a seguir, a Tabela 2.

Tabela 2 – Quantidade de referências por subseção, tipo de texto e ano de publicação, entre 1930 e 2018

Tipo de texto/ Subseção	Textos em jornais e revistas que tratam do livro <i>Histórias da velha Totônia</i>	Textos acadêmicos que tratam do livro <i>Histórias da velha Totônia</i>	Dicionário de literatura Infantil	Prefácio em livro	Pareceres sobre o livro <i>Histórias da velha Totônia</i>	Recensões em jornais e revistas que menção ao livro <i>Histórias da velha Totônia</i>	Textos acadêmicos que fazem menção ao livro <i>Histórias da velha Totônia</i>	Obra de referência sobre literatura infantil que faz menção ao livro <i>Histórias da velha Totônia</i>	Total por década
Ano de publicação									
1930 - 1939	19	-	-	-	-	14	-	-	33
1940 - 1949	-	-	-	-	-	5	-	-	5
1950 - 1959	2	-	-	-	-	15	-	1	18
1960 - 1969	2	-	-	-	-	8	-	-	10
1970 - 1979	-	-	-	-	-	8	-	-	8
1980 - 1989	1	-	2	-	-	3	1	-	7
1990 - 1999	1	-	1	-	-	4	-	-	6
2000 - 2009	-	1	1	-	-	3	1	-	6
2010 - 2019	-	3	-	1	2	1	4	-	12
Total geral	25	4	4	1	2	61	6	1	104

Fonte: *Bibliografia de e sobre José Lins do Rego: um instrumento de pesquisa* (EBIZERO, 2020).

Com relação aos 25 textos em jornais e em revistas que tratam do livro infantil *Histórias da velha Totônia*, a maioria deles foi publicada na década de 1930, período em que o livro foi publicado pela editora José Olympio. Tratam-se, portanto, de textos que abordam o lançamento de *Histórias da velha Totônia*, com análises críticas sobre ele. Esses textos serão mais bem detalhados no capítulo 2 desta dissertação.

Conforme consta na Tabela 2, encontrei quatro textos acadêmicos que tratam do livro *Histórias da velha Totônia* e que foram publicados entre os anos 2006 e 2016, tratam-se de artigos publicados em anais de eventos acadêmicos na área de Literatura.

No ano de 2006, foi publicado o trabalho “A contadora de histórias na literatura de José Lins do Rego” de Marilda Aparecida de Oliveira Effting, nos anais do *Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceito*, em Florianópolis, promovido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Nesse texto, a autora discute a presença da mulher contadora de histórias tanto no romance *Menino de Engenho* quanto no livro *Histórias da velha Totônia*, de José Lins do Rego.

No ano de 2016, Rossana Tavares de Almeida e Andréia de Paula da Silva tiveram publicado o trabalho “Memória e tradição na epopeia rural do Nordeste: uma análise a partir da obra *Histórias da velha Totônia* de José Lins do Rego”, nos anais do *III Congresso de Literatura*, promovido pela Universidade Federal da Paraíba (UFPE). Nesse artigo, as autoras discutem o fazer literário e a contribuição de José Lins do Rego para a construção de uma produção singular da literatura brasileira, retomando as narrativas orais e memorialísticas como instrumentos constituidores de subjetividades na formação do indivíduo desde o período da infância.

Ainda no ano de 2016, Amanda Karoline Alves da Costa teve publicado o trabalho “Monteiro Lobato e José Lins do Rego: um diálogo possível na literatura infanto-juvenil brasileira”, também nos anais do *III Congresso Nacional de Literatura*, promovido pela Universidade Federal da Paraíba (UFPE). Nele, a autora traça uma relação entre os livros *Histórias da tia Nastácia*, de Monteiro Lobato e, *Histórias da velha Totônia*, de José Lins do Rego, evidenciando o papel dos contos populares e a arte de narrar dos intelectuais que “[...] resolvem achar um ponto de equilíbrio entre a mobilidade da literatura oral e a fixidez característica da escrita” (COSTA, 2016, p.69).

Também no ano de 2016 e também nos anais do *III Congresso Nacional de Literatura*, promovido pela Universidade Federal da Paraíba (UFPE), Joaes Cabral de Lima e Daniela Maria Segabinazi tiveram publicado o trabalho “José Lins do Rego revisita a infância: um olhar no universo infantil através das *Histórias da velha Totônia*”, em que se debruçaram na

análise da figura da contadora de histórias que se relaciona à figura do herói presente no imaginário das crianças.

Além desses artigos publicados em anais de congressos acadêmicos, encontrei quatro edições do *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*, de Nelly Novaes Coelho. A primeira refere-se à 1ª edição, publicada em 1983, pela editora Quíron. A segunda, refere-se à 2ª edição, publicada em 1984, também pela editora Quíron. A terceira, refere-se à 4ª edição, publicada em 1995, pela editora EdUSP e a quarta refere-se a 5ª edição, publicada em 2006, pela Companhia Editora Nacional. Não consegui localizar informações sobre a 3ª edição desse dicionário.

Nesse dicionário, Nelly Novaes Coelho reúne informações sobre escritores brasileiros que produziram livros de literatura infantil, de modo a destacar aspectos de suas vidas e seus livros destinados às crianças. Além disso, a autora faz um panorama histórico da produção de literatura infantil desde o século XIX até o final do século XX.

Especificamente no verbete sobre José Lins do Rego e o seu único livro infantil *Histórias da velha Totônia*, Nelly Novaes Coelho destaca em seu dicionário a relevância desse escritor, recomendando estudos acadêmicos que se debruçam nesse livro.

Com relação ao prefácio, trata-se de texto escrito por Laura Sandroni, publicado junto à 22ª edição de *Histórias da velha Totônia*, de 2017. Nesse prefácio, Laura Sandroni faz um breve resumo dos contos presentes no livro e apresenta as suas principais características. Sandroni (2017) afirma que no livro é feita a “[...] transposição para o Brasil dos contos da tradição oral europeia” (SANDRONI, 2017, p.9) e ressalta alguns traços de histórias de origem europeia que estão presentes em *Histórias da velha Totônia*, como elementos dos contos “Gato de Botas”, “Pele de Asno” etc.

Com base ainda nas informações apresentadas na Tabela 2, encontrei dois pareceres sobre *Histórias da velha Totônia*. Esses pareceres são de autoria de Maria José da Nóbrega e Laura Sandroni. Esses pareceres decorrem do fato de *Histórias da velha Totônia* ter sido indicado para integrar o acervo do Programa Nacional da Biblioteca na Escola (PNBE²¹) em 1999, cuja organização foi feita pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

No parecer de autoria de Maria José da Nobrega (199-) destaca que o livro infantil de José Lins do Rego possui uma linguagem próxima da oralidade e que “[...] as narrativas

²¹ O PNBE - Programa Nacional Biblioteca da Escola, foi desenvolvido em 1997 com o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência. Esse programa divide-se em três seções: PNBE Literário (avalia e distribui obras literárias); PNBE Periódicos (avalia e distribui periódicos de conteúdo didático e metodológico para escolas de educação infantil) e PNBE do Professor (apoia a prática pedagógica dos educadores da educação básica e da Educação de Jovens e Adultos).

mantêm o encantamento e a magia dos contos tradicionais, adoçadas com o mel dos falares nordestinos” (NÓBREGA, 199-, s.p). Além disso, a autora afirma que o livro:

[...] merece compor a biblioteca do leitor brasileiro em função da representatividade de seu autor para o cenário da Literatura Brasileira, bem como pelo compromisso que todos aqueles que se preocupam com a formação dos jovens leitores têm de encarnarem "as velhas Totônias do Brasil", levando adiante as histórias de nosso povo. (NÓBREGA, 199-, s.p).

No parecer de Laura Sandroni (199-), a autora afirma que essa obra tem de especial é a “[...] ambientação brasileira e a linguagem coloquial eivada de regionalismos, característica da prosa de seu autor” (SANDRONI, 199-, s.p). Além disso, Sandroni (199-) aponta que as histórias que compõem o livro e que de certa forma interessaram às gerações passadas, interessam à geração presente e interessarão as gerações futuras, pois retratam os problemas sociais comuns aos homens, articulando com o mundo profundo e rico da fantasia que “[...] que não conhece limites de tempo e espaço” (SANDRONI, 199-, s.p).

Conforme consta na Tabela 2, encontrei 61 resenhas em jornais e revistas que contêm menções ao livro *Histórias da velha Totônia*. Desse total de 61 resenhas, 14 foram publicadas na década de 1930, mesma década de publicação do livro. As demais foram publicadas nas décadas subsequentes, especialmente na década de 1950, quando José Lins do Rego faleceu.

Essas resenhas constituem breves apreciações de um livro ou escrito, com a finalidade de apresentar informações de natureza geral. No caso específico das resenhas sobre *Histórias da velha Totônia*, elas contêm as informações sobre o lançamento do livro, sobre o autor, indicam os nomes dos contos que o compõem e por quem foi ilustrado. São textos breves, com o intuito apenas de apresentar o livro.

Outra menção ao livro *Histórias da velha Totônia* que encontrei está localizada em uma obra de referência sobre literatura infantil. *Bibliografia de literatura infantil em Língua Portuguesa*, de Lenyra Camargo Fraccaroli, foi publicada no ano de 1953, pela Editora Jornal dos Livros. Trata-se de um tipo de catálogo que abrange a produção literária para crianças no Brasil e em Portugal desde o século XIX até metade do século XX. Esse catálogo possui mais de 2 mil títulos de livros classificados como de literatura infantil. Fraccaroli (1953) divide esses livros em quatro seções que se referem a idade da criança a que se destinavam os livros: “Crianças de 1 a 6 anos”; “Crianças de 6 a 9 anos”; “Crianças de 10 a 12 anos” e “Crianças de 13 a 15 anos”. De acordo com a divisão de Fraccaroli (1953), o livro de José Lins do Rego, *Histórias da velha Totônia*, é destinado às crianças de 10 a 12 anos.

Além desses textos indicados na Tabela 2, verifiquei que *Histórias da velha Totônia* é mencionado em mais de 80 textos acadêmicos, sobre diferentes temáticas. Tratam-se de textos sobre José Lins do Rego, sua produção literária para adultos ou textos sobre literatura infantil e juvenil. Por não serem textos que abordem o livro diretamente, optei por não os inserir no instrumento de pesquisa.

1.4 Aspectos gerais sobre a produção de José Lins do Rego e sobre seu livro infantil

Com base nas informações apresentadas neste capítulo, busquei mostrar de maneira geral um pouco sobre a vida e a obra de José Lins do Rego, bem como os textos que tratam do seu único livro infantil. Para isso, tomei como base as informações que reuni no instrumento de pesquisa (EBIZERO, 2020). Nesse sentido, é importante destacar que um instrumento de pesquisa tem um caráter de atualização permanente, portanto, nele não está contida a totalidade da produção escrita de José Lins do Rego para o público adulto e tampouco a produção sobre a sua vida, atuação profissional e textos seus. Tratam-se de informações que pude localizar, reunir e selecionar até o momento de conclusão da dissertação.

Apesar desse caráter permanente de atualização, entendo que para os propósitos da pesquisa cujos resultados aqui apresento, esse instrumento de pesquisa cumpre seu papel de subsidiar as reflexões sobre *Histórias da velha Totônia* e pode abrir espaço para outras pesquisas com temas correlatos.

Ao observar as informações apresentadas neste capítulo, com base nos dados que reuni no instrumento de pesquisa, é possível notar que José Lins do Rego relata em seus romances as mudanças econômicas, sociais e culturais pelas quais a região Nordeste passou entre o final do século XIX e início do século XX, como: queda dos engenhos, ascensão das usinas, queda do patriarcado e abolição do escravismo, sempre tendo como base as suas próprias memórias. Essas características, somadas ao aspecto da linguagem (que se aproxima da oralidade e se busca simples) e da retratação do Nordeste (a seca, a pobreza, o cangaço) configuram, segundo alguns de seus estudiosos, como os traços do movimento regionalista em José Lins do Rego.

Embora *Histórias da velha Totônia* não integre essas análises da obra “adulta” de José Lins do Rego, nota-se sua vinculação a ela já pelo título, mediante a questão memorialística resgatada na figura da velha contadora de histórias – Totônia. Nesse sentido, cumpre destacar

que à época de sua publicação ele foi objeto de grande interesse pela crítica jornalística, como pode-se observar pelos dados que apresentei na Tabela 2.

Histórias da velha Totônia também reaparece no cenário literário e acadêmico, no âmbito de um programa de promoção de acesso à leitura literária de amplitude nacional – PNBE e como objeto de estudo em artigos científicos.

Os dados apresentados nesse capítulo são indicativos de outro aspecto importante: apesar de estar em circulação há mais de oito décadas, *Histórias da velha Totônia* permanece não estudado de modo aprofundado, confirmando, assim, a importância de se pensar sobre ele, já que se trata do único livro destinado ao público infantil produzido por José Lins do Rego.

CAPÍTULO II

***HISTÓRIAS DA VELHA TOTÔNIA E A REPERCUSSÃO NA IMPRENSA
PERIÓDICA***

2.1 A repercussão de *Histórias da velha Totônia* em jornais e revistas

Depois de sua publicação, *Histórias da velha Totônia* tornou-se objeto de comentários em textos de jornais e revistas da época, de modo que a repercussão desse livro extrapolou o ano de seu lançamento. Ao todo, conforme apresentei na Tabela 2 do Capítulo 1, localizei 25 textos em jornais e revistas que tratam de *Histórias da velha Totônia*, publicados nas décadas de 1930, 1950, 1960 e 1990. Sendo assim, neste capítulo trato desses textos a fim de compreender aspectos da repercussão e da circulação desse livro.

2.1.1 Comentários, críticas e elogios a *Histórias da velha Totônia* na década de sua publicação

Em 19 de novembro do ano de 1936, mês de lançamento de *Histórias da velha Totônia*, o jornal *Correio de S. Paulo* (SP), na coluna “Sociaes”, publicou uma matéria chamada “Histórias da velha Totônia – livros para creanças, de José Lins do Rego”. Essa matéria foi publicada antes do lançamento do livro, servindo como um tipo de prévia, com tom elogioso, muito possivelmente também devido a “boa fama” que José Lins do Rego gozava como “um dos nomes mais em evidência do romance moderno”, como apontou o autor da notícia.

Além disso, o autor da matéria elogia o estilo de linguagem utilizado por José Lins do Rego, caracterizando-o como “quase um milagre de expressão”. Nesse mesmo sentido, a notícia também informa que os contos que compõem o livro foram inspirados no folclore brasileiro que José Lins do Rego ouviu por meio das “pretas velhas” quando era criança. Com isso, o autor da notícia afirma que *Histórias da velha Totônia* seria o melhor presente de Natal para as crianças.

Em 24 de novembro do ano de 1936, após o lançamento de *Histórias da velha Totônia*, o *Jornal do Brasil* (RJ) lançou uma nota intitulada “Bibliografia”, na seção de Comércio e Finanças. Tal nota tratou do lançamento pela José Olympio Editora do livro infantil escrito pelo “notável” escritor de *Menino de Engenho*. Em tom elogioso, *Histórias da velha Totônia* foi considerada pelo autor da nota como uma das “mais belas” obras infantis publicadas até aquele momento. Essa afirmação se dá pelo fato de José Lins do Rego ter

utilizado uma “linguagem simples” para narrar as histórias, somado ao fato de o livro ter “desenhos interessantes e expressivos”, como pode-se notar neste fragmento:

[...] Essa coleção de deliciosos contos, cheios da mais encantadora poesia, vem trazer aos meninos do Brasil grandes momentos de deslumbrante alegria. A edição é apresentada com o maior apuro, sendo dos mais belos livros até então publicados. Todo ilustrado pelo conhecido artista Santa Rosa, o livro de José Lins do Rego conquistará de pronto o coração da meninada, pois, á linguagem simples com que são contadas as “Historias da Velha Totonia”, vêm se juntar os desenhos, também, expressivos e interessantes. (JORNAL DO BRASIL, 24 de novembro de 1936, p.13).

O jornal *A nação* (RJ), no dia 29 de novembro de 1936, publicou a notícia “Histórias da velha Totonia” na seção “Boletim”. De acordo com essa notícia, José Lins do Rego foi apontado como o “célebre” escritor de *Menino de Engenho* e que, por conta disso, lhe foi rendida maior “credibilidade” em seu livro para crianças. O livro foi indicado como um “belo” presente de natal por conta de seu trabalho gráfico, considerado pelo autor da notícia como “luxuosíssimo” e “perfeição” de livro. A notícia também destaca as características da linguagem apresentada no livro: [...] O seu geito de narrar é simples sem palavras difíceis, a altura das inteligências a que se destinam. (A NAÇÃO, 29 de novembro de 1936, p.1-2).

Esse aspecto remonta ao ideal de época de que livro infantil não devesse ter linguagem complexa, distante do vocabulário das crianças, o que provavelmente ocasionaria a falta de interesse.

No dia 2 de dezembro de 1936, o jornal *Diario Carioca* (RJ) publicou uma matéria sem autoria no caderno “Noticiário”, sob o título de “Historias da velha Totonia, de José Lins do Rego”. Nessa matéria, o livro *Histórias da velha Totônia* é considerado como “[...] qualquer coisa de extraordinário na literatura infantil brasileira” (DIARIO CARIOCA, 2 de dezembro de 1936, p.3). O trabalho literário de José Lins do Rego e as ilustrações de Santa Rosa são bastante elogiados, sendo considerado o livro “belo” e “maravilhoso”.

Em 6 de dezembro de 1936, o jornal *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro lançou uma matéria sob o título “Bibliographia”, no caderno “Suplemento”. Nessa matéria, foi informado ao leitor que o jornal havia recebido um exemplar de uma revista de ensino primário e normal, de Montevideú, que tratou das novas diretrizes pedagógicas, traduções, informações e notas sobre arte. Em seguida, a matéria informa que José Lins do Rego escreveu histórias “bonitas” para crianças e que Santa Rosa veio contar junto com ele, por meio de suas ilustrações, tais histórias.

Em 9 de dezembro de 1936, o periódico *O Jornal*, do Rio de Janeiro, lançou uma nota sem autoria, na coluna “Livros Novos”, intitulada “Um livro infantil de José Lins do Rego”. Essa nota é idêntica à publicada no dia 6 de dezembro pelo jornal *Gazeta de Notícias*. A única

diferença entre elas é que no caso dessa última não há a informação sobre a revista de Montevideú.

No dia 16 de dezembro de 1936, no jornal infantil *O Tico-Tico: Jornal das Crianças*, foi publicada a matéria intitulada “Histórias da velha Totonia”, sem autoria. Relembrando o sucesso que José Lins do Rego tinha à época por meio de seus romances, essa matéria tratou do conteúdo do livro infantil do autor, informando ao leitor que se tratavam de “[...] narrativas de encanto, num estylo que é poesia e simplicidade” (O TICO-TICO, 16 de dezembro de 1926, p.3).

Em 17 de dezembro de 1936, o jornal *Correio Paulistano*, de São Paulo, publicou uma matéria intitulada “Historias da velha Totonia”, na seção de “Publicações”, que informou ao leitor sobre o lançamento do livro de José Lins do Rego. O autor da matéria afirmou que esse livro de José Lins do Rego era uma “obra de arte”. Além disso, consta na notícia as felicitações ao autor, ao ilustrador e à editora pelo livro.

José Lins do Rego escreveu, Santa Rosa fez as ilustrações e a Livraria José Olympio Editora editou. Da reunião desses tres elementos sahi essa obra de arte que é “Historias da velha Totonia”. [...] São tão bonitas as historias contadas por José Lins do Rego que não ha duvida que elle será escutado com devoção pelas crianças do Brasil. Isso para ellas será um inestimavel beneficio. O livro está feito com tanta arte e tanta belleza, de uma forma tão adequada ao fim que se destina, que, de certo, virá representar mais um triumpho para os seus autores. José Lins do Rego, Santa Rosa e Livraria José Olympio Editora estão de parabens. De parabens estão tambem as crianças do Brasil, pelo lindo presente que acaba de lhes ser offerecido. (CORREIO PAULISTANO, 17 de dezembro de 1936, p.9).

Conforme observa-se pela citação, a matéria destaca a adequação do livro ao público a que se destina. Nesse sentido, projetava a matéria que o livro seria um novo “triumfo” na carreira de José Lins do Rego, em referência ao sucesso que o escritor já tinha com a publicação de seus romances destinados ao público adulto.

Na véspera do Natal, no dia 24 de dezembro de 1936, Gomes Maranhão²² escreveu a notícia “A meninada de parabéns”, veiculada no jornal *Diario de Pernambuco*. Nessa notícia, Maranhão afirma que *Histórias da velha Totonia* era o livro que todos estavam esperando e que publicar um livro infantil era mais uma vitória para José Lins do Rego, além da que obteve com os seus romances para adultos.

Maranhão inicia a notícia afirmando que a velha Totônia sabia contar histórias e que José Lins do Rego era bom em fazer livro interessante. Maranhão afirma também que as histórias de José Lins do Rego eram tão boas que possuíam a virtude de transformar os mais velhos em crianças de novo. Maranhão relembra os romances para adultos que José Lins já

²² Até o momento de conclusão desta dissertação, não encontrei informações sobre Gomes Maranhão.

havia publicado em seu famoso “ciclo da cana-de-açúcar” e comenta que o livro infantil foi essencial para fechar esse ciclo. Maranhão problematiza a questão do nome, ora Totônia, ora Totonha, e afirma que isso não impedia de reconhecer o livro bem feito que as pessoas não tinham e estavam precisando.

No ano de 1936 foi publicada na revista *O Cruzeiro*, no dia 26 de dezembro, a matéria intitulada “Historias da velha Totonia”, na coluna “Livros Novos”. Trata-se de um parecer sobre o livro infantil de José Lins do Rego e uma reflexão acerca da finalidade do livro para crianças:

Um bom livro infantil é muito mais difícil de ser feito do que um livro para adultos. No livro para crianças, autor, desenhista e editor precisam estar inteiramente à altura de compreender a finalidade importantíssima que é distrair instruindo, cerebrosinhos em formação, conduzindo-os, sem que eles o sintam para as coisas bellas, para a educação da intelligencia e do gosto. Tudo isso conseguiu brilhantemente a Livraria José Olympio Editora, publicando “Historias da velha Totonia”, escripto por José Lins do Rego e illustrado por Santa Rosa. Não se sabe o que mais admirar neste trabalho onde tres artistas de mérito estão reunidos... (O CRUZEIRO, 26 de dezembro de 1936, p.24).

Assim como em outros textos, nesse também evidencia-se o trabalho que José Lins do Rego, o ilustrador Santa Rosa e a editora José Olympio fizeram ao publicarem *Histórias da velha Totônia*. Na matéria, afirma-se que escrever um livro infantil era mais difícil do que escrever um livro adulto, afinal, o conjunto da obra deveria estar alinhado com a sua finalidade: distrair instruindo. Ou seja, segundo essa matéria, o livro infantil precisava deleitar, mas ao mesmo tempo não poderia deixar de ensinar as crianças sobre as coisas belas da vida, de modo que suas inteligências fossem sempre bem-educadas.

No dia 27 de dezembro de 1936, *O Jornal*, do Rio de Janeiro, publicou uma matéria de Octavio Tarquinio de Souza²³, sob o título de “José Lins do Rego – Historias da velha Totonia – Livraria José Olympio Editora – Rio, 1936”, na seção “Vida Literaria”. Nessa matéria, Souza afirma que a tragédia da infância era a incompreensão dos adultos para com os pequenos, dado que eram raros os adultos que sabiam lidar com as crianças, pois ora achavam que as suas reações eram idênticas às dos mais velhos, ora achavam que eram totalmente distintas. O autor da matéria afirma ainda que essa incompreensão era o perigo da literatura para as crianças e que não ser “mesquinho” era o segredo para os livros voltados ao público infantil. Nesse sentido, Souza problematiza e critica as traduções e adaptações literárias dos livros infantis de outros países, que pouco tinham a ver com a realidade das crianças brasileiras.

²³ Nasceu no Rio de Janeiro em 7 de setembro de 1889 e faleceu em 22 de dezembro de 1959, com a esposa, no desastre aéreo de Ramos (choque entre duas aeronaves). Foi escritor brasileiro da época. Sua obra mais conhecida é *História dos fundadores do Império do Brasil* (1957).

Em vista disso, Souza aponta José Lins do Rego como um “distinto” autor de livro infantil, aquele que sabia dialogar com os meninos e as meninas, pois trazia de uma maneira natural e espontânea em seu livro histórias que, apesar de não serem originárias do Brasil, já foram apropriadas, adaptadas, “influenciadas” pela nossa cultura. Por fim, Souza considera José Lins do Rego um verdadeiro escritor e, apesar de usar algumas expressões que não considerava muito adequadas – como “ficou besta” -, o crítico afirma que as crianças encontrariam muito prazer na leitura do livro.

No ano seguinte, em janeiro de 1937, o *Boletim Ariel* publicou uma matéria na parte “Boletim da Ariel”, sob o título de “José Lins do Rego. Histórias da velha Totônia. Liv. José Olympio”. A matéria informa ao seu leitor que José Lins do Rego retomou as histórias narradas por Silvio Romero em seu livro *Contos Populares do Brasil*. Além disso, a matéria afirma que a adaptação que o autor paraibano fez dos contos de Romero estava adequada ao seu público destinatário: os meninos e as meninas do Brasil.

A questão da linguagem é ressaltada nessa matéria, destacando-se que as crianças entenderiam tão bem os escritos do autor que teriam a sensação de estarem ouvindo as histórias diretamente da boca da velha contadora de contos. A matéria também afirma que os adultos, até os mais céticos, ficariam admirados com a “plasticidade de espírito” do livro, mesmo se tratando de um gênero “tão perigoso”.

No dia 3 de janeiro de 1937, o jornalista Octavio Tarquinio de Souza publicou uma notícia no jornal *Diário de Pernambuco*, sob o título de “José Lins do Rego. Historias da velha Totonia. Livraria José Olympio Editora – Rio 1936”, na parte “Vida Literária”. Trata-se da mesma matéria veiculada pelo mesmo autor no periódico *O jornal*, do Rio de Janeiro, publicada no dia 27 de dezembro de 1936.

O jornal paulista *Correio de S. Paulo*, no dia 7 de janeiro do ano de 1937 publicou uma nota intitulada “O sucesso de um livro infantil”. Trata-se de um texto pequeno que afirma que *Histórias da velha Totônia* alcançou um grande sucesso em pouco tempo, afinal, o livro havia sido lançado há pouco mais de um mês. Além disso, a nota realça o sucesso do livro infantil em função do público (crianças) e da crítica (adultos) e ressalta trabalho feito pelo ilustrador Santa Rosa.

Em 9 fevereiro de 1937, o *Jornal do Brasil* (RJ) apresentou uma matéria intitulada “A criança e José Lins do Rego”, sob autoria do Padre Helder Camara²⁴, na seção

²⁴ Dom Helder Pessoa Camara, nasceu em Fortaleza, no dia 7 de fevereiro de 1909, faleceu em Recife, no dia 27 de agosto de 1999. Foi arcebispo emérito de Olinda e Recife, além de ter sido jornalista e crítico teatral. Foi indicado quatro vezes ao Prêmio Nobel da Paz.

“Comentário”. Nessa matéria, Helder Camara faz críticas positivas e negativas em relação ao trabalho de José Lins do Rego. Camara afirma que o que José Lins escreveu não era coisa nova, afinal, eram histórias que ele ouvia quando era criança e que nem eram mais contadas. Apesar de não ser um livro novo, o crítico chamou a atenção para o modo como José Lins construiu as narrativas, ressaltando, sobretudo, a questão da moral cristã presente nos contos. Entretanto, o autor da matéria afirma que a moral presente nas histórias não é uma moral impositiva, mas uma moral cativante que exercia “influência” na criança sem ela perceber. Camara mostrou a questão da linguagem infantil com apreço, a presença do cenário brasileiro, sobretudo do norte e nordeste do país, tudo isso relacionado às imagens que o ilustrador Santa Rosa fez especialmente para esse livro.

Em contrapartida, Camara chama a atenção para a questão dos “erros” de linguagem – utilização do pronome oblíquo antes do verbo - que José Lins utilizou para representar a fala simples, popular que, de acordo com Camara, não deveria ocorrer em livros destinados para as crianças. Camara também problematiza a questão do “exagero da imaginação”, comparando a iniciativa de José Lins com Monteiro Lobato, referência na produção de literatura para crianças à época.

Sylvio Rabello²⁵, no jornal *Gazeta de Notícias* (RJ), escreveu a matéria “Historias da velha Totonia”, publicada no dia 21 de fevereiro do ano de 1937. Nessa matéria, Rabello afirma que o livro de José Lins do Rego foi esperado pelas crianças com bastante ansiedade e considera *Histórias da velha Totônia* como literatura boa, aquela em que as crianças podiam se reconhecer. Além disso, Rabello afirma que os meninos e as meninas de sua época não tinham mais contato com os mitos, as lendas, histórias que nutriam seu espírito, pois foram substituídos por brinquedos, por brincadeiras que representavam a realidade da vida adulta, um realismo incoerente. Sendo assim, Rabello considera que o livro de José Lins do Rego fazia parte de uma literatura que ajudava as crianças a “recuperarem” esse estado de “espírito natural”, que trazia o reconhecimento de si nas histórias, o sentimento de pertencimento dado que os contos foram adaptados às suas realidades: o nordeste do país, o engenho, etc. Sylvio Rabello também trata nessa matéria sobre a questão do místico, do maravilhoso e do poder da imaginação.

No mês de março de 1937, especificamente no dia 11, foi publicada uma matéria na revista *Vamos Lêr!* sobre José Lins do Rego, em que há um comentário sobre seu livro

²⁵ Sylvio de Lyra Rabello nasceu em Aliança, Pernambuco, no dia 29 de novembro de 1899 e faleceu em Recife no ano de 1972. Foi cientista, professor, psicólogo social e literato, além de ser autor de diversos livros e artigos em periódicos.

infantil *Histórias da velha Totônia*. Nessa matéria, comenta-se sobre o estilo da linguagem, considerado “claro” e “solto”, como era “particular” de José Lins do Rego. Informa-se ao leitor que esse livro fazia parte do presente que o escritor havia doado à literatura brasileira: um livro que narrava com um estilo de quem sabia contar.

Em 13 de junho de 1937 foi publicada uma matéria no jornal *Folha da Manhã* (SP), de autoria de Rubem Braga, intitulada “A política da velha Totônia”. Nela, Rubem Braga faz uma crítica geral sobre ser adequado ou não contar histórias de príncipes e de fadas às crianças. Para o autor da matéria, toda história contada para crianças tem um lado político. Nesse sentido, Braga afirma que mesmo José Lins do Rego dizendo à época que suas histórias não eram políticas, as atitudes e características das personagens indicam que sim:

[...] Por que é que o primeiro macaquinho da primeira historia, tendo tantos poderes com sua flauta magica, podendo lutar contra o rei, prefere, para sanar uma injustiça social, adular o rei? Por que o pobre marceneiro não chega ao throno por ser um revoltado e sim por ser um homem muito bom e humilde, muito resignado com sua vida de miseria e trabalhos? Evidentemente, tudo isso são coisas perfeitamente accitaveis para uma corrente politica e perfeitamente detestáveis para outras (FOLHA DA MANHÃ, 13 de junho de 1937, p.8).

A última matéria que localizei na década de 1930 foi publicada em 1937, pelo jornal *Correio da Manhã*, no dia 30 de dezembro. Esse texto intitula-se “Da infância”, de autoria de Gondin da Fonseca²⁶, e foi publicado na seção “Contra a mão”. Nele, Gondin da Fonseca considera o livro infantil de José Lins do Rego muito bom e afirma que não havia lido outro igual. Gondin declara que o livro possuía uma linguagem simples, alegre, sem artifícios e ressaltou que todos os autores infantis deveriam escrever daquela maneira. *Histórias da velha Totônia* foi, na concepção de Fonseca, a prova de que a literatura infantil do Brasil estava evoluindo.

2.2 *Histórias da velha Totônia* na imprensa após o seu lançamento

Na década de 1950, década em que José Lins do Rego faleceu (1957), poucos foram os textos em jornais sobre *Histórias da velha Totônia* que localizei.

No dia 26 de julho de 1957, o jornal *Tribuna da Imprensa* (RJ), publicou uma notícia que não trata propriamente sobre o livro infantil de José Lins do Rego, porém, menciona a possibilidade de tradução do livro para a língua francesa, pela editora Plon. Até o momento da conclusão desta dissertação, não pude confirmar se esse livro foi traduzido.

²⁶ Manoel José Gondin da Fonseca nasceu no Rio de Janeiro em 1899 e faleceu em 1977. Foi escritor, jornalista, historiador e biógrafo brasileiro.

Também a semana passada o editor Plon, de Paris, que lançara em francês, com tanto sucesso, o romance “Cangaceiros”, escreveu-lhe pedindo permissão para traduzir “Historias da velha Totonia”, o livro (destinado às crianças) no qual José Lins reuniu as histórias que, em sua infância no Engenho Corredor, lhe foram contadas por uma preta velha que, com as suas narrativas, tanta influência exerceu em sua vocação literária. José Lins do Rego não dispunha de nenhum exemplar desse livro, editado há quase 20 anos e jamais reeditado. Encarregou o sr. Carlos Ribeiro de encontrar um exemplar e remetê-lo à editora Plon. (TRIBUNA DA IMPRENSA, 26 de julho de 1957, p.8).

Nos dias 21 e 22 de setembro de 1957 foi publicada por Luz Clemente, no jornal *Tribuna dos Livros*, no caderno “Suplemento da Tribuna da Imprensa”, uma matéria em homenagem a José Lins do Rego, falecido em 12 de setembro do mesmo ano. Nessa matéria, Luz Clemente afirma que os contos contidos em *Histórias da velha Totônia* deveriam ser tomados como exemplo pelos escritores de literatura infantil. Clemente afirma que o “ângulo” infantil completou o todo do escritor.

Durante a década de 1960, encontrei apenas duas notícias sobre *Histórias da velha Totônia*.

A primeira, datada de 17 de dezembro do ano de 1960, foi veiculada em *O Jornal*, escrita por Valdemar Cavalcante²⁷. Nessa notícia, o autor trata da reedição de *Histórias da velha Totonia* pela editora Melhoramentos, 24 anos depois da 1ª edição publicada pela editora José Olympio. Além disso, Cavalcante indica o livro para leitura por ser “delicioso”, tendo em vista que a linguagem do livro era “viva e poderosa, poética e natural” (O JORNAL, 17 de dezembro de 1960, p.60).

Foi reeditado pela Melhoramentos, 24 anos após a primeira tiragem, lançada pela Editora José Olympio, um livro para crianças que José Lins do Rego escreveu nos seus vagares de romancista e jornalista: o livro “Histórias da velha Totônia”, cuja leitura gostaria de recomendar, por ser verdadeiramente deliciosa. O grande escritor reproduziu, na sua linguagem viva e poderosa, mas resguardando a substância poética natural, as histórias que lhe contara na infância uma preta velha, Cherazade do Nordeste. A editora paulista aproveitou as antigas ilustrações (lindas) de Santa Rosa, algumas a cores, e incluiu o volume numa nova coleção de literatura infantil, “Histórias do Folclore”. (O JORNAL, 17 de dezembro de 1960, p.6).

Em 1962, Gilberto Freyre teve publicada uma matéria na revista *O Cruzeiro*, no dia 10 de fevereiro. Sua matéria, intitulada *Livros para meninos*, traz um olhar diferente sobre *Histórias da velha Totônia* comparativamente aos textos que antecedem a publicação desse. Nessa matéria, Freyre afirma que esse livro não havia conquistado o público infantil e aponta Monteiro Lobato como único escritor que, de fato, conseguiu conquistar esse público tão difícil. Além disso, Freyre não explica os motivos pelos quais considera que *Histórias da velha Totônia* não tinha alcançado o seu público destinatário.

²⁷ Até o momento da escrita desta dissertação não encontrei informações sobre Valdemar Cavalcante.

A língua portuguesa não é pobre apenas em literatura dramática. Também em livros para meninos. Em bons livros de aventuras capazes de seduzir a criança e empolgar adolescentes. [...] O próprio José Lins do Rego – tão deliciosamente simples ao seu modo de escrever – não conquistou, com o seu *Histórias da Velha Totônia*, o favor do difícil público infantil do Brasil. Só Monteiro Lobato - cuja literatura infantil não é de modo algum ideal – alcançou esse favor; e o vem conservando. É que soube aproximar-se, brasileiroamente, do menino brasileiro. (O CRUZEIRO, 10 de fevereiro de 1962, p.36).

Na década de 1980, encontrei apenas uma notícia sobre *Histórias da velha Totônia*, publicada em 1981, de autoria de Gilberto Freyre, no jornal *Folha de S. Paulo*, no caderno de Opinião, intitulada “Outros livros para meninos”. Freyre aponta, com base em Lourenço Filho que até a publicação de *Contos da Carochinha*, em 1894, as crianças brasileiras não tinham muito o que ler além de livros escolares. Freyre afirma que apesar de as crianças não terem tido acesso a outro tipo de leitura se não a escolar, elas tinham as “negras velhas” contadoras de “histórias maravilhosas a seu modo”. O autor da notícia diz ser uma pena que tais histórias não tenham sido recolhidas por mais autores além de Silvio Romero e outros escritores, como Olavo Bilac, Monteiro Lobato, José Lins do Rego. Sobre *Histórias da velha Totônia*, Gilberto Freyre afirma que mesmo José Lins do Rego sendo “[...] tão deliciosamente simples no seu modo de escrever” (FOLHA DE S. PAULO, 21 de junho de 1981, p.3) o livro não conquistou o público infantil.

Na década de 1990, encontrei uma única notícia sobre *Histórias da velha Totônia*, publicada em 6 de julho de 1994, de autoria de Mario Margutti, publicada no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro. Esse texto traz a informação de que a editora José Olympio havia reeditado o livro infantil de José Lins do Rego quase 60 anos após a 1ª edição. Além disso, Margutti considera *Histórias da velha Totônia* um clássico da literatura infanto-juvenil, recomendando-a para leitura, pois entende que se trata de um livro que continha histórias que estimulavam a imaginação dos meninos e das meninas.

Entre as reedições das obras de José Lins do Rego, a José Olympio Editora colocou nas livrarias um clássico da literatura infanto-juvenil: “Histórias da Velha Totônia”. Trata-se de relatos cheios de aventura e fantasia, que o grande escritor ouvia, na infância, da boca da velha Totônia e que o encheram de tão grande felicidade que ele resolveu partilhá-la, recontando as histórias para outros meninos e meninas do nosso país. Segundo o escritor, não havia criança que não adorasse a velha e que não a esperasse com o coração batendo de alegria para ouvir sua voz mansa contar fantasias que estimulavam (e ainda estimulam) a imaginação. Recomendamos. (JORNAL DO COMMERCIO, 6 de julho de 1994, p. 22).

Comparativamente à notícia anterior, publicada na revista *O Cruzeiro*, de Gilberto Freyre, em 1962, essa matéria escrita por Margutti afirma que *Histórias da velha Totônia*, de José Lins do Rego é um “clássico da literatura infanto-juvenil” que contém relatos de “aventura e fantasia”, o que parecia não existir no livro de acordo com o texto de Freyre, que

afirma que faltava na língua portuguesa “[...] bons livros de aventuras capazes de seduzir a criança e empolgar adolescentes”, incluindo o de José Lins do Rego. (O CRUZEIRO, 10 de fevereiro de 1962, p.36).

2.3 Alguns sentidos na repercussão de *Histórias da velha Totônia* na imprensa periódica

Neste capítulo, a partir da síntese das 25 notícias que localizei sobre *Histórias da velha Totônia* objetivei mostrar como o livro foi recebido pela crítica jornalística em diversos periódicos do país, de diferentes capitais, como Recife, Rio de Janeiro e São Paulo.

De acordo com os textos apresentados, pode-se perceber que a repercussão de notícias sobre o livro deu-se muito mais no ano em que o livro foi publicado, 1936, e no ano subsequente, 1937. Depois disso, identifiquei apenas textos esparsos.

Mesmo antes de o livro ser publicado, o tom elogioso já marcava essa crítica, destacando-se sempre a figura de José Lins do Rego como escritor já de reconhecida capacidade por conta de sua obra literária para adultos publicada até então. Nesse sentido, observa-se que o livro recebeu muitas críticas positivas e elogiosas, sobretudo porque era considerado adequado ao modelo de literatura infantil que se considerava apropriado às crianças.

Como pode-se ver pela maior parte dos textos em jornais que apresentei, *Histórias da velha Totônia* era considerado pela crítica um bom texto literário infantil, pois apresentava traços indicativos de adequação ao público a que se destinava, dentre eles, a linguagem simples, sua função “recreativa”, porém, sem deixar de lado a questão formativa, e o resgate dos traços da cultura folclórica brasileira.

Um aspecto que se nota bastante importante a partir desses textos é a caracterização da linguagem utilizada por José Lins do Rego em *Histórias da velha Totônia*. Em quase todos os textos que encontrei, a questão da linguagem foi bastante discutida. Isso deve-se ao fato de o autor paraibano, vinculado ao movimento regionalista, trazer para o seu livro infantil um dos principais elementos do movimento estético regional: a linguagem simples, acessível, com marcas da oralidade. A presença desses elementos nos contos de *Histórias da velha Totônia* pode ser percebida pelos comentários da crítica jornalística da época, como por exemplo na notícia veiculada no jornal *A Nação* (RJ): “[...] o seu jeito de narrar é simples sem palavras difíceis, a altura das inteligências a que se destinam” (A NAÇÃO, 29 de novembro de 1936, p.1-2). Outro exemplo é o comentário publicado no jornal *Gazeta de Notícias* (RJ): “[...] José

Lins do Rego conversa com os seus pequenos leitores. Conversa bonita e simples, como as histórias que elle conta depois...” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 6 de dezembro de 1936, p.2).

Contudo, mesmo que a maior parte das notícias tenha interpretado a questão da linguagem simples, com marcas da oralidade como característica positiva do livro, houve quem discordasse disso. Padre Helder Câmara, por exemplo, autor do texto “A criançada e José Lins do Rego”, publicado em 1937 no *Jornal do Brasil* (RJ), critica as características, principalmente no que concerne às questões gramaticais da língua. Helder Camara apresenta em seu texto que o uso de formas gramaticais de base oral eram “indevidas”, como o uso do pronome oblíquo antes do verbo. Entretanto, o que Câmara considera como “erro gramatical” trata-se de uma das principais características do regionalismo.

Outro aspecto interessante de observar nessas notícias é um tipo de construção que Gilberto Freyre, amigo de José Lins do Rego, fez com relação à aceitabilidade de *Histórias da velha Totônia* por parte do público infantil. Gilberto Freyre, em texto intitulado “Livros para meninos”, publicado na revista *O Cruzeiro*, em 1962, afirma que José Lins do Rego não conquistou o gosto infantil, ainda que seu livro fosse “deliciosamente simples” e “delicado”. Apesar de a linguagem ser apropriada ao público infantil e José Lins do Rego ser um escritor de reconhecido mérito por meio de sua obra adulta, seu livro infantil não havia angariado o sucesso esperado ou merecido. Freyre considerava que o livro não tinha conseguido “atrair” as crianças.

Outro aspecto importante a ser destacado é que a maior parte dos textos de jornais e revistas destaca as qualidades de *Histórias da velha Totônia* como que amparadas no fato de José Lins do Rego já ser, à época, escritor reconhecido por seus livros para adultos. De alguma forma, o seu sucesso como romancista parece chancelar a sua publicação infantil. Não por acaso ele é mencionado com frequência nos textos que apresentei aqui como “autor de *Menino de Engenho*”.

CAPÍTULO III
APRESENTAÇÃO DE *HISTÓRIAS DA VELHA TOTÔNIA*

3.1 Elementos Editoriais

Publicado em novembro de 1936, *Histórias da velha Totônia* configura-se, como mencionei, como o único livro infantil de autoria de José Lins do Rego e também como o primeiro livro dedicado às crianças que a José Olympio Editora lançou. Essa informação foi dada pelo editor da José Olympio, em entrevista publicada no jornal *A Nação*, em 15 de novembro de 1936.

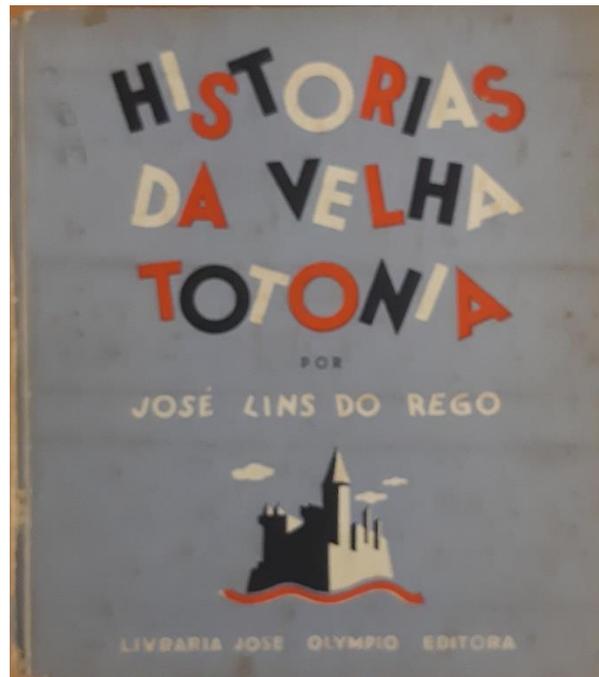
[...] Quero contar-lhe, para finalizar, que ainda este mez sairá o primeiro livro infantil da nossa casa. Refiro-me às “Histórias da velha Totônia”, de José Lins do Rego. O grande romancista vai agora mostrar ao Brasil uma outra face do seu talento. Confio absolutamente nesse livro. Como Monteiro Lobato, José Lins do Rego virá também a ser um grande escriptor amado dos meninos brasileiros. (A NAÇÃO, 15 de novembro de 1936, p.4).

A José Olympio Editora surgiu em São Paulo com a oportunidade de o editor José Olympio abrir a sua própria livraria a partir da aquisição da biblioteca de Alfredo Pujol, que tinha “a maior biblioteca particular do Estado” e a biblioteca de Estêvão de Almeida, advogado, dono de uma grande coleção de livros raros (HALLEWELL, 2005). Inicialmente, as atividades da livraria, aberta em 1931, consistiam em vender os livros da biblioteca de Pujol, importar livros e editar outros (CHAGURI, 2007). Porém, após a Revolução Constitucionalista de 1932, os negócios de José Olympio desestabilizaram-se, de modo que a mudança para o Rio de Janeiro surgiu como possibilidade de dar continuidade ao seu negócio (CHAGURI, 2007).

Em 3 de julho de 1934 foi inaugurada a Livraria José Olympio na rua do Ouvidor, número 110, no Rio de Janeiro. Após a mudança, a editora rapidamente alcançou posição de destaque no mercado livreiro, saltando de oito livros publicados em 1933 para 32 livros publicados em 1934 (HALLEWELL, 2005). Esse crescimento ampliou-se ainda mais em 1936, quando a editora José Olympio lançou 66 títulos, dentre os quais *Histórias da velha Totônia* (HALLEWELL, 2005). Com esses números, José Olympio tornou-se à época o maior editor nacional no campo das edições literárias e dos livros não didáticos, conforme afirma Hallewell (2005).

A 1ª edição de *Histórias da velha Totônia*, publicada em 1936, tem formato 17,5 cm x 20 cm e contém 114 páginas. Impressa em papel firme e em cor “azul”, a capa do exemplar da 1ª edição possui, na parte superior, o título do livro em letras maiores nas cores azul, vermelho e branco, dispostas de forma “ondular”; seguido do nome do autor em cor branca. Em seguida, embaixo, há o desenho de um castelo e na parte inferior, o nome da editora.

Figura 3 – Capa do exemplar da 1ª edição de *Histórias da velha Totônia*, editora José Olympio



Fonte: Acervo Histórico da Escola Caetano de Campos – AHECC

A contracapa e a folha de rosto da 1ª edição possuem o fundo amarelo e, em cor preta, alguns desenhos que representam os contos contidos no livro: peixe, pés grandes calçados, uma cobra, um homem pequeno, um macaco tocando flauta e notas musicais.

O livro também apresenta uma dedicatória às filhas do autor – Maria Christina, Maria da Glória e Maria Elizabeth – e possui uma apresentação denominada “Aos meninos do Brasil” escrita pelo próprio José Lins do Rego. Em seu conteúdo, o livro apresenta algumas ilustrações que foram feitas por Tomás Santa Rosa, ilustrador, cenógrafo e artista paraibano nascido em João Pessoa em 1909.

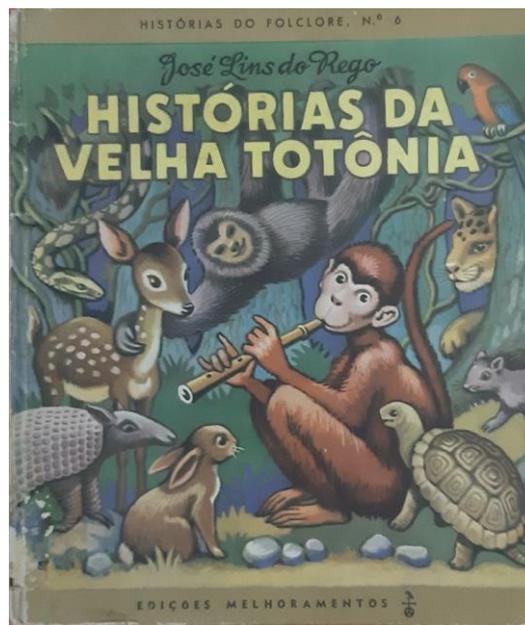
Esse livro teve outras edições publicadas por duas editoras, a Melhoramentos e a Nova Fronteira. A edição pela editora Melhoramentos não apresenta data de publicação e número de edição, porém, é possível presumir que ela tenha sido publicada em 1960, conforme nota do *O Jornal*, do Rio de Janeiro, em 17 de dezembro de 1960:

Foi reeditado pela Melhoramentos, 24 anos após a primeira tiragem, lançada pela Editora José Olympio, um livro para crianças que José Lins do Rego escreveu nos seus vagares de romancista e jornalista: o livro “Histórias da velha Totônia. [...] A editora paulista aproveitou as antigas ilustrações (lindas) de Santa Rosa, algumas a cores, e incluiu o volume numa nova coleção de literatura infantil, “Histórias do Folclore”. (O JORNAL, 17 de dezembro de 1960, p.6)

A edição pela Melhoramentos tem formato 17,5 cm x 20 cm e contém 86 páginas, quase 30 páginas a menos que a edição pela José Olympio. Impressa em papel firme, em cor

“verde musgo”, a capa do exemplar possui, na parte superior, o nome da coleção em letras pretas – Histórias do Folclore, n. 6; seguida, embaixo, pelo nome do autor também em letras pretas e, mais abaixo, em letras um pouco maiores e em cor amarela, o título do livro. O fundo da capa é composto por desenhos de animais: em uma floresta, ao centro, um macaco tocando flauta e, ao redor, uma cobra, um veado, um bicho preguiça, um coelho, um rato, uma onça, um tamanduá, uma arara e uma tartaruga, que fazem alusão ao conto “O macaco mágico”, presente no livro. Na parte inferior, há informações sobre a editora.

Figura 4 – Capa do exemplar de *Histórias da velha Totônia*, editora Melhoramentos (s/d)



Fonte: Acervo Histórico da Escola Caetano de Campos – AHECC

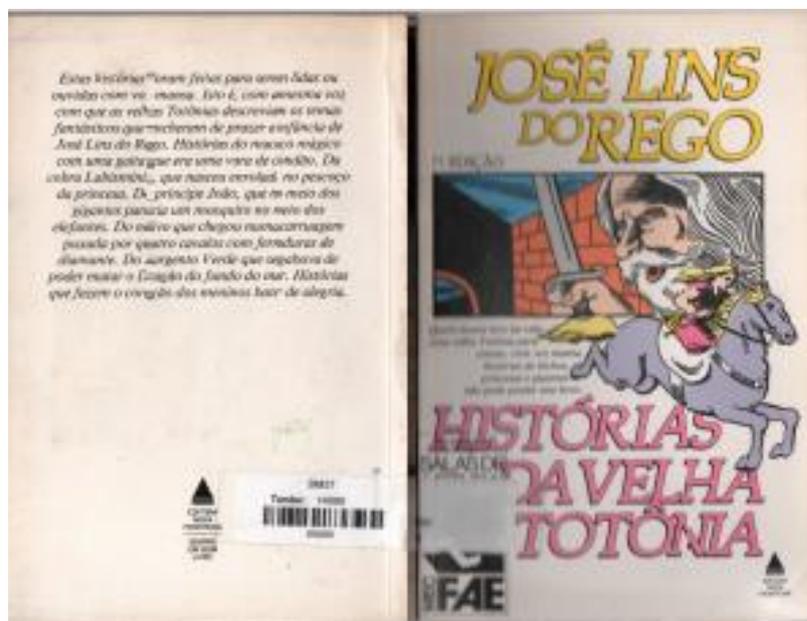
Na folha de rosto da edição pela Melhoramentos constam, na parte superior, o nome do autor, abaixo o nome do livro, em seguida, a informação do ilustrador responsável pelas imagens contidas no livro – “Ilustrações de Santa Rosa” -, seguido do desenho de um castelo e na parte inferior o nome da editora, em cor preta. No verso da folha, constam algumas informações a respeito da editora, tais como o endereço, caixa postal e códigos de impressão. Essa edição também repete a mesma dedicatória e apresentação que constam na 1ª edição, pela José Olympio Editora.

No que diz respeito à edição publicada pela editora Nova Fronteira, tive acesso apenas à 7ª edição, datada de 1985. De acordo com as informações que localizei (EBIZERO, 2020), a edição mais antiga por essa editora foi a 5ª edição, datada de 1981, porém, não tive acesso a ela. Por não ter encontrado uma 1ª edição publicada pela editora Nova Fronteira, suponho que

essa editora não tenha iniciado suas publicações como 1ª edição, dando, presumivelmente, seqüência ao número de edições publicadas pelas editoras anteriores.

A edição pela Nova Fronteira tem formato 14 cm x 21 cm e contém 84 páginas. Impressa em papel flexível e com o fundo na cor branca; possui, na parte superior, o nome do autor destacado em letras na cor amarela; seguido pela imagem de um homem com barba e cabelos brancos segurando uma espada e a imagem de uma moça de cabelos loiros, montada em um cavalo. Acompanhando essa imagem, no lado esquerdo, encontra-se um trecho da apresentação de José Lins do Rego para *Histórias da velha Totônia*, em letras menores e em itálico, na cor preta. A imagem da capa faz alusão ao conto “O príncipe pequeno”, terceiro conto do livro. Em seguida há, na cor rosa, e em letras grandes, o título do livro e, na parte inferior, as informações da editora.

Figura 5 – Capa do exemplar da 7ª edição de *Histórias da velha Totônia*, editora Nova Fronteira



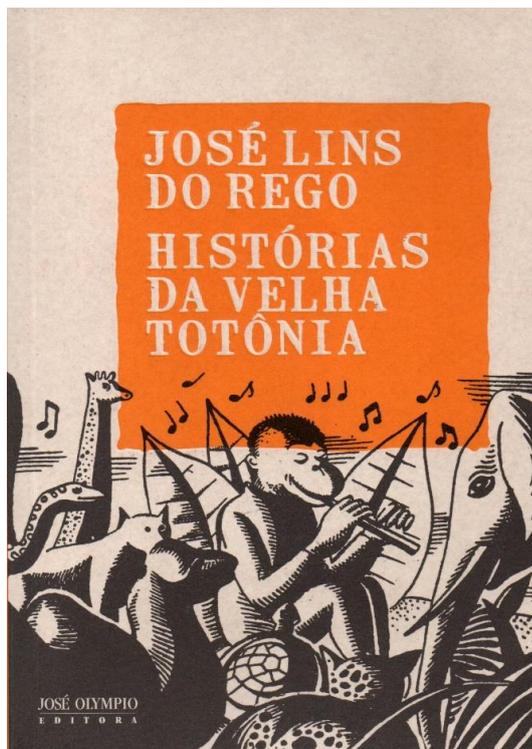
Fonte: Biblioteca Jovina Rocha Álvares Pessoa.

Na folha de rosto da 7ª edição publicada pela editora Nova Fronteira consta o nome do livro em letras na cor preta, centralizado na página. Na folha seguinte, constam: o nome do autor na parte superior, o nome do livro no centro, seguida pelo desenho de um castelo onde, embaixo dele, há a informação de que as ilustrações são de Tomás Santa Rosa. No caso dessa edição, é importante destacar que a ficha catalográfica apresenta informação divergente da capa e páginas iniciais. Consta na ficha que o livro se trata da 6ª edição, porém, na capa e outras partes do livro consta a informação de que se trata da 7ª edição.

Assim como nas edições anteriores pelas outras editoras, nessa também há a dedicatória e a apresentação elaborada por José Lins do Rego.

A edição mais recente que localizei de *Histórias da velha Totônia* foi editada 85 anos depois de seu lançamento. Trata-se da 22ª edição, datada de 2017, pela editora José Olympio. Tem formato 14cm x 21cm e contém 118 páginas. Impressa em papel flexível e com o fundo na cor “creme”, leva no centro da capa um quadrado laranja com o nome do autor em letras brancas e, abaixo do nome do autor, o título do livro. Da metade da capa para baixo, há um desenho de animais em preto: ao centro, um macaco tocando flauta, ao redor do macaco encontram-se uma girafa, uma cobra, uma onça, um urso, uma tartaruga, uma zebra, um elefante. Essa imagem assemelha-se à imagem contida na capa da edição pela Melhoramentos, porém, sem uso de cores e tantos detalhes. Ela faz referência ao primeiro conto do livro, “O macaco mágico”.

Figura 6 – Capa do exemplar da 22ª edição de *Histórias da velha Totônia*, editora José Olympio



Fonte: Acervo pessoal

Essa edição mantém as ilustrações de Tomás Santa Rosa, bem como a dedicatória e a apresentação original elaborada por José Lins do Rego. Nela foi acrescentado texto de apresentação de autoria de Laura Sandroni. Ao final, constam os “Dados bibliográficos do

autor”, com informações sobre a bibliografia de José Lins do Rego, as características de sua obra e um breve panorama da época em que o livro foi publicado.

3.2 As ilustrações

Como mencionei, *Histórias da velha Totônia*, em todas as suas edições, apresenta ilustrações de Tomás Santa Rosa²⁸. Nascido em João Pessoa, na Paraíba, em 20 de setembro de 1909, Tomás Santa Rosa foi cenógrafo, artista gráfico, ilustrador, pintor, professor, decorador, gravador, figurinista e crítico de arte. É considerado o primeiro cenógrafo moderno brasileiro. Apesar disso, a principal atividade profissional que desenvolveu ao longo de sua vida foi a de ilustrador de livros para os escritores brasileiros, tais como Graciliano Ramos, Jorge Amado, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade e José Lins do Rego. Faleceu em Nova Déli, em novembro de 1956.

Ao todo, *Histórias da velha Totônia* apresenta 45 ilustrações feitas por Tomás Santa Rosa, sendo 41 delas em preto e branco e quatro em cores. O primeiro conto, “O macaco mágico”, possui 11 ilustrações, sendo que dez estão em preto e branco e uma está em cores. O segundo conto, “A cobra que era uma princesa”, contém 12 ilustrações, sendo apenas uma em cores. O terceiro conto, “O príncipe pequeno”, possui 11 ilustrações em preto e branco e também uma em cores. Por fim, no último conto, “O sargento verde”, há 11 ilustrações em preto e branco e uma em cores. Em todas as edições as ilustrações são as mesmas, sem que haja nenhuma alteração.

Ao observar a relação entre o texto verbal e as ilustrações (texto visual), compreende-se que *Histórias da velha Totônia* configura-se como um “livro com ilustrações” que, de acordo com Linden (2018), trata-se de “[...] texto acompanhado de ilustrações. O texto é especialmente predominante e autônomo do ponto de vista do sentido. O leitor penetra na história por meio do texto, o qual sustenta a narrativa.” (LINDEN, 2018, p.24). Nesse tipo de livro, as ilustrações estão “justapostas” ao texto verbal, exercendo o papel apenas de retratar, em texto visual, aspectos que são narrados no texto verbal.

No caso específico de *Histórias da velha Totônia*, ao analisar-se as ilustrações, observa-se que elas buscam representar cenas ou elementos que se passam nas narrativas, sem que tenham o objetivo de ampliar ou complementar algo que consta no texto verbal. Elas, de

²⁸ Para mais informações sobre Tomás Santa Rosa, conferir: <http://portais.funarte.gov.br/brasilmemoriadasartes/acervo/cenario-e-figurino/biografia-de-santa-rosa/>. Acesso em: 22 ago. 2019.

fato, cumprem papel ilustrativo de representar em texto visual aspectos descritos ou narrados no texto verbal. Ou seja, a utilização das ilustrações não afeta o entendimento do livro, já que o traço do ilustrador tem papel apenas de “complemento a mais” (RAMOS, 2010, p.52).

Apesar de as ilustrações terem esse propósito de representar aspectos das narrativas, nem sempre elas dialogam diretamente com o texto na parte em que estão inseridas. Ou seja, as ilustrações estão dispostas ao longo dos contos, não necessariamente seguidas aos trechos do texto verbal que buscam representar. Na 1ª edição, por exemplo, há na primeira página do primeiro conto do livro, “O macaco mágico”, a imagem de um homem e uma mulher recém-casados e, no vestido utilizado pela noiva há uma longa grinalda sendo segurada por um macaco. Essa ilustração de “abertura” do conto representa, na verdade, a passagem final de “O macaco mágico”, em que o marceneiro Botelho e a filha do rei casam-se graças a ajuda do macaco Felisberto.

Ainda com relação à posição das ilustrações, observa-se que elas se alteram nas diferentes edições, de modo que em algumas delas essa relação texto verbal e texto visual se dê de modo mais direto. Por exemplo, na 1ª edição, de 1936, pela editora José Olympio, no conto “A cobra que era uma princesa”, há ilustração do rei com um olhar triste em diálogo com a passagem do texto: “[...] E foi indo assim, até que um dia todo o reino entristeceu.” (REGO, 1936, p. 41). Também na 7ª edição, de 1985, pela editora Nova Fronteira, no conto “A cobra que era uma princesa”, essa mesma imagem representa a passagem: “[...] O rei chorou muito, mas depois de tanto pranto, começou a pensar no seu casamento.” (REGO, 1985, p.32).

Em contrapartida, na edição sem data pela Melhoramentos a mesma imagem do rei aparece em um contexto que não representa o texto verbal. Na página 31 da edição pela Melhoramentos, por exemplo, essa ilustração do rei está inserida à direita da passagem:

Tôdas as manhãs, quando o sol nascia, ela ia para a beira do mar, para ver se Labismínia aparecia. E o sol chegava de longe, de muito longe e não trazia notícias de Labismínia. À tarde, a princesa voltava para a praia onde brincava com a sua amiga. Queria ver se a lua dizia alguma coisa. A lua podia dizer se tinha visto Labismínia, se tinha passado pela terra de sua irmã. (REGO, s/d, p.31).

A passagem acima refere-se às idas e vindas da princesa à praia que, por sentir muito saudade de sua irmã Labismínia, sempre ia a esse local para encontrá-la.

Também na 22ª edição pela José Olympio, de 2017, essa imagem do rei está inserida em um contexto diferente do que ela representa. Inserida na página 36 dessa edição, a imagem encontra-se à esquerda da passagem:

E foram os anos correndo. E foram correndo os anos. E a princesa criou um bem de irmã à cobrinha, que era verde e tinha uma cabeça com olhos de gente. Horas

inteiras ficava a princesa brincando com a cobra na beira do mar. E quando a cobra via as ondas do mar, gostava de sair do pescoço da princesa e passear feliz pelas ondas. (REGO, 2017, p.36).

Essa passagem do texto indica um momento de alegria entre a princesa e a cobra, contudo, a imagem contida na página é a do rei com feição triste.

Figura 7 – Imagem do rei no conto “A cobra que era uma princesa”, em *Histórias da velha Totônia*



Fonte: Acervo Histórico da Escola Caetano de Campos – AHECC

Com relação às ilustrações em cores, presumivelmente têm o objetivo de caracterizar as personagens principais de cada conto, exceto com relação ao último, cuja ilustração em cores representa um elemento da narrativa e que não corresponde ao personagem principal da história.

Em cada conto, a ilustração em cores aparece em posições diferentes, sem regularidades entre elas. Por exemplo, na 7ª edição pela José Olympio, de 1985, a imagem em cores do primeiro conto, “O macaco mágico”, aparece no meio da narrativa; no segundo conto, “A cobra que era uma princesa”, também aparece no meio; no terceiro conto, “O príncipe pequeno”, a imagem em cores aparece no começo da narrativa e, no último conto, “O sargento verde”, a imagem em cores aparece no final

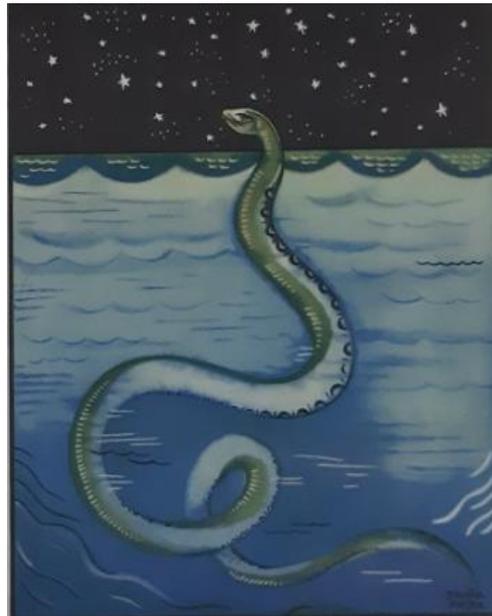
Essas ilustrações em cores são maiores, ocupando o espaço de uma página em todos os contos, enquanto as ilustrações em preto e branco são menores, geralmente localizadas na parte superior ou inferior da página.

Figura 8 – Ilustração colorida do conto “O macaco mágico”, em *Histórias da velha Totônia*



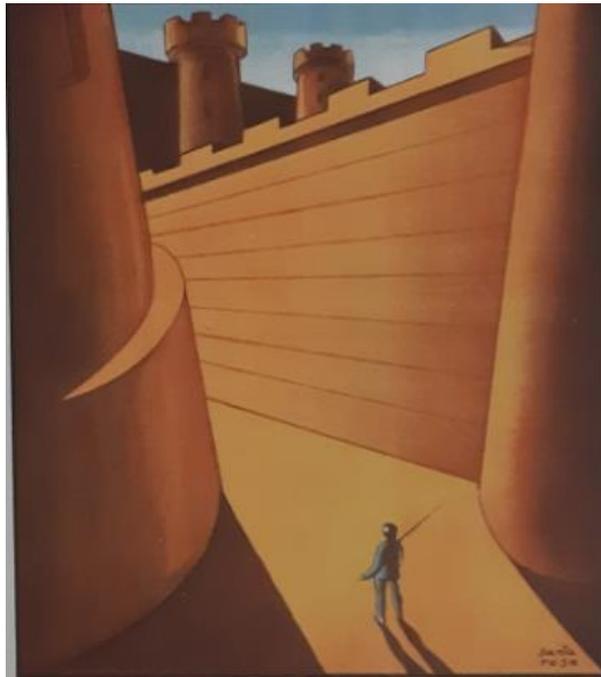
Fonte: Acervo Histórico da Escola Caetano de Campos – AHECC

Figura 9 – Ilustração colorida do conto “A cobra que era uma princesa”, em *Histórias da velha Totônia*



Fonte: Acervo Histórico da Escola Caetano de Campos – AHECC

Figura 10 – Ilustração colorida do conto “O príncipe pequeno”, em *Histórias da velha Totônia*



Fonte: Acervo Histórico da Escola Caetano de Campos – AHECC

Figura 11 – Ilustração colorida do conto “O sargento verde”, em *Histórias da velha Totônia*



Fonte: Acervo Histórico da Escola Caetano de Campos – AHECC.

3.3 Os contos

Apesar de o livro *Histórias da velha Totônia* ter sido publicado por três diferentes editoras, o seu conteúdo não sofreu nenhum tipo de alteração. Os contos e as imagens são os mesmos, o que difere de uma edição para a outra é a localização das ilustrações e a questão da ortografia da língua, que passou por alterações com base nos acordos ortográficos ao longo desses 83 anos desde o seu lançamento, em 1936.

Histórias da velha Totônia é composto por quatro contos: “O macaco mágico”; “A cobra que era uma princesa”; “O príncipe pequeno” e “O Sargento Verde”. Esses contos remetem à tradição oral, já que o livro se propõe a um tipo de recolha e reescrita das histórias que o autor ouvia da velha Totônia quando criança.

Essa característica do livro infantil de José Lins do Rego dialoga com uma das principais marcas da literatura infantil brasileira, cuja origem tem como uma de suas bases a tradição oral. Conforme explica Arroyo (1968), quando a leitura ainda era privilégio das classes distintas e a circulação de livros no país era escassa e restrita, sobressaindo-se a tradição oral:

As correntes culturais negras trazidas para o Brasil durante o ciclo da escravidão fizeram florescer alguns institutos de velhos narradores e contadores de estórias [...] Velhas negras que supriam outrora a insuficiência de livros para crianças com suas narrativas “contadas pela dindinha ou pela velha negra da casa”. (ARROYO, 1968, p.45-46).

Essa situação começou a ganhar outra feição com a criação da imprensa régia no Brasil, em 1808, quando começam a ser publicados no país, alguns livros destinados às crianças, todos eles traduções portuguesas de livros de origem europeia (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984).

Somente no final do século XIX, com o crescimento do movimento republicano e o fortalecimento do sentimento nacionalista, é que a produção literária para crianças começou a tomar corpo, sobretudo em defesa de textos de caráter eminentemente brasileiro (LAJOLO; ZILBERMAN; 1984). Argumentava-se a favor de livros que privilegiassem uma linguagem identificada com o português de uso corrente no Brasil, que tratassem de assuntos nacionais, com cenários e paisagens tipicamente do país. Esse movimento decorreu em processos de tradução e adaptação, por brasileiros, dos livros clássicos de origem europeia e estimulou a produção literária de autoria nacional (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984).

Nesse processo, apesar da gradativa predominância da cultura escrita em relação à tradição oral, a literatura infantil brasileira não deixou de “beber no leite da antiguidade”,

abarcando para si “valores recolhidos da tradição oral” (ARROYO, 1968, p. 47 e 63). Como explica Arroyo (1968): “O tema popular, o tema da terra em sua complexa e rica diversificação, reflete-se amplamente na criação literária para a infância entre a maioria de nossos atuais escritores.” (ARROYO, 1968, p.63).

No conjunto desses escritores cuja tradição oral se reflete na produção literária, Arroyo (1968) destaca José Lins do Rego, que “[...] deixou-nos reminiscências poderosas dessa profunda interpenetração de valores culturais dos três componentes principais da nossa formação – o português, o negro e o índio.” (ARROYO, 1968, p.53). Essa “interpenetração”, ainda que presente em toda sua obra literária, merece destaque em seu livro infantil, *Histórias da velha Totônia*, livro inspirado na velha que lhe contava, com “voz macia”, “histórias de princesas encantadas” e “fazia andar um mundo de coisas extraordinárias” (REGO, 2011, p.31).

A voz da velha Totônia enchia o quarto, povoava a minha imaginação de tantos gestos, de tantas festas de rei, de tantas mouras-tortas perversas. Tinha a velha um poder mágico na voz. Era sogra do mestre Águeda, tanoeiro, um negro que mal abria a boca para falar. Tinha para mim um poder de maravilha tudo o que saía da boca murcha da velha Totônia. (REGO, 2011, p.21).

A importância da velha Totônia para José Lins do Rego, seja como contadora, seja também como fonte de conhecimento sobre a tradição oral, transparece na própria fala do escritor: “Duas coisas fundamentais constituíram minha formação como romancista: velha Totônia e o livro *Os doze pares de França* [...]”. (REGO, 2011, p.47).

Esses aspectos possibilitam compreender algumas das características dos contos de *Histórias da velha Totônia*, pois tratam-se de narrativas cuja base é a tradição oral e que possuem marcas do “maravilhoso”. Como explica Propp (2001), o conto com elementos maravilhosos pode ser entendido, do ponto de vista morfológico, como:

[...] todo desenvolvimento narrativo que, partindo de um dano ou uma carência e passando por funções intermediárias, termina com o casamento ou outras funções utilizadas como desenlace. A função final pode ser a recompensa, obtenção do objeto procurado ou, de modo geral, a reparação do dano, o salvamento da perseguição etc. (PROPP, 2001, p.51).

Com base nisso, apresento, a seguir, os contos que compõem o livro *Histórias da velha Totônia*, de José Lins do Rego, baseados na tradição oral e que possuem elementos maravilhosos em suas narrativas, de modo a elucidar e compreender os principais elementos que constituem uma narrativa, como enredo, personagem, narrador, tempo e espaço.

3.3.1 “O macaco mágico”

O conto “O macaco mágico” narra a história de um marceneiro muito pobre, chamado Botelho, que apesar da pobreza, tinha um coração muito bom. Certo dia de chuva, o macaco Felisberto vai até a casa de Botelho procurar abrigo e, ao ser muito bem recebido, muito bem acomodado e bem tratado pelo marceneiro, resolve ajudá-lo em tudo o que ele precisasse, afinal, o macaco Felisberto era um mágico. Ao fim da história, com a ajuda de Felisberto, Botelho casa-se com uma linda princesa, filha do rei, e sua casa tão feia e simples é transformada em um lindo castelo.

As personagens do texto são: o Macaco Felisberto, o marceneiro Botelho e o rei. O macaco Felisberto é a personagem principal e os demais são personagens secundárias. Em relação às características das personagens, elas podem ser assim descritas:

- a) Macaco Felisberto – apesar de ser conhecido por todos por conta de suas travessuras, ele reconhece a bondade do marceneiro e o ajuda. Por ser um animal personificado, suas características psicológicas não mudam ao longo da narrativa, ele é brincalhão, esperto, travesso e compassivo do começo ao fim da história.
- b) Botelho – é uma personagem pobre, mansa, humilde, bondosa, mora em uma casa muito simples, em um lugar simples e feio.
- c) Rei – é ambicioso, quer que sua filha tenha um bom casamento, gosta de coisas grandiosas, vive em um palácio bonito, tem muitos servos etc. De modo geral, pode-se perceber que a figura do rei assume o papel de representação de uma categoria social, a aristocracia ou os mais abastados.

O narrador de “O macaco mágico” faz uso da 3ª pessoa do discurso para narrar, além disso, demonstra ter conhecimento de toda a história e dos personagens, entretanto, não é participante dela, há um distanciamento. Por isso, pode ser classificado, segundo Reuter (2002), como heterodiegético ou um narrador observador.

Havia um homem que era muito pobre, mas que era muito bom. Trabalhava, como o pai de Nosso Senhor, em madeira. E morava num quarto que só dava mesmo para o banco onde ele trabalhava. Todo mundo conhecia o marceneiro Botelho. Nunca um pobre bateu em sua porta que não recebesse uma esmola. Seu Botelho era um santo. Uma noite, chovia muito. O vento soprava com uma força danada nos pés de mangueira, querendo quebrar tudo. Fazia muito frio, a chuva roncava, de tão forte. Então seu Botelho ouviu que estavam batendo na porta. - Ô de casa – gritaram do lado de fora. - Ô de fora! – respondeu o marceneiro. E foi abrir a porta. (REGO, 2017, p.17).

O tempo da narrativa pode ser caracterizado como tempo cronológico ou histórico, pois acontece linearmente, sendo possível mensurá-lo. Tratam-se de indicações do tempo que “[...] qualificam lugares, ações e personagens de maneira direta e indireta, marcam etapas da vida, facilitam [...] determinadas ações” (REUTER, 2002, p.58). Isso pode ser observado no fragmento abaixo.

[...] Depois foram dormir. O macaco, muito feliz, porque há muito tempo que não encontrava um lugar tão bom para dormir. De manhã, ele ouvia da cama os passarinhos cantando. E espichou o corpo de preguiça. E ali de cima da cama, ele se lembrou de que era um mágico. (REGO, 2017, p.19).

Reuter (2002) afirma que é por meio dos espaços da narrativa que ela se torna mais ou menos realista. Dessa maneira, os espaços de “O macaco mágico” são variados e correspondem aos do mundo real: palácio, reino, engenho, fazenda, roçado, casa simples e pobre. Além disso, o leitor consegue identificar onde se passa cada acontecimento da narrativa, pois os locais são explícitos pelo narrador. A casa de Botelho e o palácio do Rei são espaços fundamentais para que a narrativa desenvolva-se: é na casa de Botelho que ele e Felisberto se conhecem e, ao final, essa casa feia transforma-se em um lindo castelo; o palácio é o local onde as negociações entre Felisberto e o rei acontecem no desenrolar da narrativa.

3.3.2 “A cobra que era uma princesa”

O conto “A cobra que era uma princesa” narra a história de uma princesa que nasceu com uma cobrinha enrolada no pescoço após muitas orações, pedidos e promessas de seus pais para terem um filho. A cobrinha, chamada Labismínia, e a princesa, chamada Maria, tornaram-se muito amigas, eram como irmãs. Um dia, Labismínia foi embora para dentro do mar e Maria ficou muito triste, porém, a cobrinha prometeu à princesa que quando ela precisasse de algo, viria sempre ajudá-la. A rainha, mãe de Maria, ficou doente e faleceu. Em seu leito de morte, entregou um anel para o rei e pediu para que ele se casasse com a princesa na qual o anel servisse. Para a surpresa de todos e para a infelicidade de Maria, o anel serviu nela, na própria filha do rei. Maria vai até o mar e pede ajuda para a irmã Labismínia. A cobrinha ajuda Maria, diversas vezes, a postergar o casamento com o rei e, quando Maria consegue fugir do reino, Labismínia pede que a moça se lembre dela no dia mais feliz de sua vida para que ela pudesse desencantar-se e voltar a ser princesa. Passado algum tempo, Maria conheceu um príncipe e casou-se com ele. No dia do seu casamento, ou seja, no dia mais feliz de sua vida, não se lembrou de sua irmã, que não desencantou-se e permaneceu triste no fundo do mar para sempre.

As personagens do texto são: a cobra Labismínia, a princesa Maria, o rei, o príncipe e a mãe do príncipe. Entretanto, Labismínia e Maria são as personagens principais, as demais personagens são secundárias. No que se refere às características, tem-se:

- a) Labismínia – um animal personificado, ou seja, com características humanas. Por ser uma princesa em forma de cobra, age como uma espécie de fada madrinha. Desde o começo da história é bondosa e ajudadora, não muda o seu jeito de ser ao longo da narrativa.
- b) Maria – ainda que ela seja uma moça bonita, boa, às vezes triste por conta dos problemas e que tenha tido um final feliz ao lado do príncipe, não se lembrou da irmã no dia de seu casamento, ou seja, de certo modo agiu de maneira egoística e ingrata, pois não cumpriu o que havia prometido à Labismínia.
- c) O rei, a rainha, o príncipe e sua mãe – são personagens ricas, fazem de tudo por sua família, não importando o custo, dão festas grandiosas. De modo geral, pode-se inferir que a figura do rei, das rainhas e do príncipe assumem papel de representação de categoria social mais abastada, da aristocracia.

O narrador do conto “A cobra que era uma princesa” usa a 3ª pessoa para contar a história, com uso de discurso direto e indireto. Apesar de não participar da história, demonstra ter conhecimento sobre os personagens e sobre os acontecimentos e, por isso, pode ser classificado como um narrador heterodiegético, como pode-se observar no fragmento abaixo:

Em casa, quando a princesa Maria chegou, sem a cobra no pescoço, foi um reboliço. O rei dançou de contente, mandou logo preparar uma grande festa, chamou os reis dos outros reinos. O povo comeu bolo, mataram bois e carneiros para o povo. E os escravos trabalharam sem as algemas nos braços e nos pés. Mas a princesa Maria estava triste. Nem parecia que tudo aquilo era para ela. (REGO, 2017, p.37).

O tempo da narrativa é cronológico, podendo ser mensurado, pois acontece linearmente.

Passados tempos, começaram no reino a falar numa festa muito grande que iam dar na cidade perto do castelo. E no dia da festa falada, à boquinha da noite, Marica começou a reparar nas carruagens que passavam, tilintando pela estrada. Então, depois de agasalhar as galinhas, ela ficou pensando na vida. Era a moça mais pobre deste mundo de Deus. Todas iam para a festa do castelo, os pobres e os ricos, e ela só, ficava ali, cheirando a sujice das galinhas do rei. Mas tudo isto era melhor do que se casar com o pai. (REGO, 2017, p.45).

O espaço principal da narrativa é a beira do mar, pois é lá que as irmãs se encontravam em momentos bons e em momentos de angústias, é o local onde fizeram promessas uma à outra. O castelo onde Maria morava, o galinheiro onde passou a morar quando fugiu do rei, o castelo onde foi às festas e conheceu o príncipe são espaços secundários.

3.3.3 “O príncipe pequeno”

O conto “O príncipe pequeno” narra a história do príncipe João, que gostava muito de caçar. Um dia, ao sair com seus companheiros em busca de um veado, o príncipe se perdeu e, por ter ficado tão cansado, acabou adormecendo em cima de uma pedra. Acordou com um barulho muito forte, diferente do barulho de animais e, quando se deu conta, estava diante do reino dos gigantes. Um gigante aproximou-se de João e o levou para o rei dos gigantes, que o obrigou a ficar no reino trabalhando como servo. Porém, neste mesmo reino dos gigantes, João encontrou uma mulher muito, mas muito bela, era a princesa Guimarães, filha do rei. Ela não concordava com o que o seu pai estava fazendo com João e por isso resolveu ajudá-lo a escapar. Guimarães era gigante também, mas era encantada e, após muitas tentativas de fuga e perseguição, João e Guimarães conseguem voltar para o palácio real dos homens pequenos. A princesa desencantou-se, casou-se com João, os dois tiveram filhos e foram os príncipes mais felizes da Terra.

As personagens dessa história são: o príncipe João, a princesa Guimarães, o rei gigante, a rainha gigante. João e Guimarães, no que diz respeito ao seu grau de importância na narrativa, podem ser caracterizados como personagens protagonistas e os demais como personagens secundários.

Em relação às características das personagens, pode-se descrevê-las assim:

- a) Príncipe João – representa um grupo social mais abastado, aristocracia. É bondoso, corajoso, obediente.
- b) Princesa Guimarães – é uma princesa amorosa, bonita, bondosa e encantada, utiliza os seus poderes para ajudar o príncipe.
- c) Rei gigante e a rainha gigante – também representam a aristocracia. O rei é bravo, malvado, persegue a própria filha. A rainha era encantada como a sua filha.

O narrador do conto utiliza a 3ª pessoa para narrar a história, além do discurso direto e indireto. E, assim como o narrador dos dois contos anteriores, também não faz parte da história, mas sabe tudo sobre as personagens e os acontecimentos. Portanto, pode ser classificado como narrador heterodiegético, como pode ser percebido no fragmento abaixo:

Estava com esses pensamentos tristes, quando sentiu cheiro, como se todas as rosas do mundo estivessem ali pertinho dele, numa touceira só. Era a bela Guimarães que tinha chegado. - Por que estás assim tão triste, lindo príncipe? – perguntou ela. - Ah, minha bela princesa, o senhor vosso pai me deu um trabalho para fazer que nem mil homens do meu tamanho fariam num ano. Ele quer que eu derrube os muros do palácio real e levante outros no mesmo instante. (REGO, 2017, p.59).

Também nesse terceiro conto, o tempo da narrativa é cronológico, pois acontece linearmente. Também nesse caso, o tempo da narração corresponde ao tempo da narrativa.

De fato. Quando foi lá para as duas horas da manhã, Guimarães e o príncipe fugiram no cavalo mais bonito das estrebarias do rei. Na hora do almoço o rei desconfiou. Deu gritos de todos os tamanhos. Mandou procurar Guimarães. E quando soube da fuga da filha, preparou o seu cavalo ruço, armou-se com as suas armas e saiu desembestado atrás dos dois. (REGO, 2017, p.62).

O castelo/reino dos gigantes pode ser caracterizado como o espaço principal da narrativa, porque é onde João conhece Guimarães, onde planejam a fuga e é onde João permanece como servo. A floresta, a igreja e o reino dos homens pequenos são espaços secundários.

3.3.4 “O Sargento Verde”

“O Sargento Verde” narra a história de uma moça chamada Maria, muito rica, bonita, muito devota de Nossa Senhora. Num belo dia, Maria recebeu uma proposta de casamento de um homem chamado Guilherme, um rapaz bonito, rico, elegante. Em outra ocasião, passeando na estrada, como de costume, Maria encontrou uma velhinha muito gentil e quando se deu conta, a velhinha transformou-se na mais bela imagem de Nossa Senhora, a santa da qual a moça era muito devota. Naquele dia, Nossa Senhora contou para a menina que o homem com quem ela iria se casar era o Cão (diabo) e ensinou a ela tudo o que deveria fazer para fugir dele e para onde ela deveria ir. No dia do casamento, após conseguir escapar do diabo, Maria foi a cavalo para um castelo muito bonito, era o palácio de um rei bondoso e de uma rainha má. Quando percebeu, Maria estava transformada em um soldado vestido com uma bela farda verde e o seu cavalo, o mais feio, passou a falar. Maria conseguiu trabalho no reino e virou muito amiga do rei, além de ser considerada o melhor soldado entre todos. A rainha malvada acabou apaixonando-se pelo soldado e a todo tempo o colocava a prova, já que ele não estava nem aí para ela. Maria, que era conhecida como o Sargento Verde, sempre recebia a ajuda de seu cavalo para livrar-se dos problemas em que a rainha a colocava. Após muitas aventuras, em uma última provação, foi revelado que o Sargento Verde era, na verdade, Maria, a moça mais bela; a rainha malvada sofreu um acidente e acabou morrendo; o cavalo feio desencantou-se em um moço lindo. Maria e o moço casaram-se naquele reino com o apoio do rei.

A personagem principal/protagonista desse conto é Maria/Sargento Verde. O pai, o cão, a Nossa Senhora, o cavalo, o rei, a rainha são os personagens secundários. No que se refere às características das personagens, pode-se descrevê-las assim:

- a) Maria/Sargento Verde – é bela, boa, prestativa, devota, obediente, inteligente.
- b) Cavalo/Moço – é um animal personificado, fiel, feio, leal e sábio, aconselha Maria o tempo todo, embora ao final ele se transforme em um moço muito bonito.
- c) Nossa Senhora e o Cão – a primeira é a representação dos santos, aqueles que ajudam, são bons, cuidam, protegem; o segundo é a representação máxima do mal, do pecado, de tudo que é ruim.
- d) O pai, o rei, a rainha – o pai de Maria é um homem rico. O rei e a rainha representam a aristocracia. O rei é bom e honesto. A rainha é má e vingativa.

O narrador do conto também utiliza a 3ª pessoa para narrar a história, bem como o discurso direto e indireto para as falas das personagens. E, assim como os narradores dos três contos anteriores, não faz parte da história, mas sabe tudo sobre ela e sobre os personagens. Portanto, pode ser classificado como um narrador heterodiegético, como nota-se no trecho abaixo.

E Maria se viu de repente transformada num soldado vestido com uma bela farda verde. O cavalo é que era o mesmo, bem velho e magro. E a surpresa maior de Maria foi quando reparou que o seu cavalo falava como gente. - Aqui – disse o cavalo – mora um rei muito bom, muito caridoso, amigo do seu povo, minha bela menina. Procura trabalho na corte. E não procures olhar para a rainha que é uma mulher muito intrigante. (REGO, 2017, p.73).

Também no último conto, o tempo da narrativa é cronológico, pois acontece linearmente, com marcação objetiva do tempo. A passagem abaixo demonstra isso:

E numa noite em que o rapaz entrava no seu quarto pensando na vida, ouviu a fala do seu cavalo velho, que dormia na estrebaria, perto: - Vem cá, Maria, vem cá que eu tenho uma coisa para te dizer. (REGO, 2017, p.74).

O palácio/reino é o espaço principal da narrativa, dado que é onde tudo acontece após a transformação de Maria em Sargento Verde. A estrada, a praia, o mar, o jardim são considerados como os espaços secundários da história.

3.4 Aspectos relativos à análise dos contos

Neste capítulo, apresentei aspectos relativos às edições e ao conteúdo de *Histórias da velha Totônia*. Além disso, descrevi cada conto a partir dos principais elementos da narrativa:

enredo, personagem, narrador, tempo e espaço, tentando demonstrar como José Lins do Rego organizou os contos que escolheu para compor seu livro infantil.

Em relação ao enredo dos contos, pude observar que tratam-se de histórias em que há uma disputa entre o bem e o mal, e que ser nobre, simples e bom de coração é o descrito como caminho para a felicidade.

Apesar de em apenas uma história ser representada um tipo de “injustiça”, quando uma das personagens – Labisminia – que age com caridade e bondade é esquecida no momento de maior importância da história, os contos apresentam um tom moralista e, sobretudo religioso, pois José Lins do Rego traz fortemente em seus textos questões relacionadas ao cristianismo, à religião católica, como se verifica principalmente no primeiro conto “O macaco mágico”, e no último, “O Sargento verde”. Trechos como os a seguir, exemplificam a questão da moralidade e o viés religioso que perpassam *Histórias da velha Totônia*:

Havia um homem que era muito pobre, mas que era muito bom. Trabalhava, como o pae de Nosso Senhor, em madeira. [...] Seu Botelho era um santo. (REGO, 1936, p.11).

[...] E a pobre princeza não se desencantou. Ficou cobrinha para toda a vida, com aquelles olhinhos de gente. E é por isto que ainda hoje o mar geme tanto, grita tanto, soluça, faz tanto barulho. É a pobre Labisminia que do fundo do mar chama pela irmã ingrata que não se lembrou della no dia mais feliz de sua vida. (REGO, 1936, p.61).

[...] A princeza quando viu que o pae se achegava, encantou-se outra vez. Ella ficou feito uma igreja, o príncipe João um padre, a sella um altar, o cavallo o sino. O sino tocava, chamando o povo para a missa. E o padre, todo aparamentado, rezava no altar. (REGO, 1936, p.82).

[...] Estava ali um homem bonito, que viera de longe, de terras estranhas, atrás dela, á sua procura para casa. E ella rezou muito para sua madrinha, que era Nossa Senhora. (REGO, 1936, p.61).

Os personagens dos contos, de modo geral, representam grupos sociais: os mais pobres, com profissões sem prestígio social, e os mais ricos, representados por reis e as rainhas. Também há a presença de animais como personagens, que aparecem como solucionadores dos problemas que os seres humanos não conseguem resolver, como um tipo de divindade ou ser fantástico que assume um papel semelhante ao das fadas nos contos de tradição europeia. Destaca-se ainda em relação a isso que esses animais – macaco, cobra e cavalo – embora não exclusivos do Brasil, apresentam forte identificação com a cultura e o folclore nacional.

Os contos de José Lins do Rego são narrados em terceira pessoa, assemelhando-se à prática da tradição oral indicada pelo título: como se fossem narradas por um adulto (Velha

Totônia) para as crianças. De acordo com Lajolo e Zilberman (2004) essa é uma característica de livros infantis da década de 1930. Monteiro Lobato, por exemplo, desde a publicação de *Narizinho arrebitado*, em 1921, faz o resgate da tradição oral de recontar histórias de origem popular, representado pela “preta e velha contadora de histórias” Tia Nastácia.

Ainda com relação à narração, pode-se perceber a presença da voz do adulto nas narrativas, como aquele que detém maior sabedoria e conhecimento, que age como sujeito orientador, instruidor das crianças – sujeitos em formação e preparação para ser o futuro da nação. No conto “O príncipe pequeno”, por exemplo, o narrador faz um comentário sobre a situação complicada em que o príncipe João se encontrava quando estava preso no castelo dos gigantes. Para o narrador, o que aconteceu com João é fruto da desobediência à sua mãe e da caça aos animais criados por Deus, sinônimo de um coração sem piedade. Isso fica claro na passagem a seguir:

O príncipe João saiu com mais medo do que o medo que lhe fizeram os bichos da mata. E ficou numa tristeza de cortar o coração. Era tão feliz no seu palácio real. Para que diabo se lembrou de caçadas, Bem que sua mãe lhe disse: “João, para que tu te mettes a matar os bichos e os passarinhos de Deus? João, que coração é o teu que não se importa com a vida dos animaes?” E elle não ouviu os conselhos de sua mãe e sahiu atrás daquele veado que corria mais que os cachorros de raça. E dera naquilo. Agora, era prisioneiro dos gigantes. E estava desgraçado para o resto da vida. (REGO, 1936, p.69-70).

Nessa passagem, o narrador mostra que a desobediência aos conselhos dos pais tem consequências graves e, caçar animais é motivo para João pensar no tipo de coração que ele tem. Ou ele não tem coração por fazer isso com os bichos? E não são quaisquer bichos, são os bichos de Deus.

Outro fator importante em *Histórias da velha Totônia* é a presença de elementos do regionalismo brasileiro. José Lins do Rego adapta os contos de origem europeia ao cenário brasileiro, o que se pode notar em:

[...] E andaram terras e terras. O rei e Felisberto conversando. - De quem é aquelle engenho ali? Perguntava o rei. – Aquelle de boeiro grande, reu meu senhor? Ah, é o engenho do Dr. Botelho! (REGO, 1936, p.27).

Ou ainda em:

[...] O povo comeu bolo, mataram bois e carneiros para o povo. E os escravos trabalharam sem as algemas nos braços e nos pés. (REGO, 1936, p.40).

Lajolo e Zilberman (2004) afirmam que alguns livros para crianças desse período “[...] nem sempre são histórias efetivamente brasileiras” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2004, p.71), sendo a sua maioria de origem ibérica transmitida desde a colonização. De acordo com as autoras, essas histórias passam por um branqueamento e possuem estruturas narrativas ingênuas, características de sua procedência popular e de seus narradores. Também pode-se

notar em *Histórias da velha Totônia* a presença de elementos europeus, sobretudo quando o narrador trata dos reinos, das riquezas, dos reis e rainhas.

Contudo, também estão presentes no livro as marcas de elementos brasileiros, sobretudo os da região nordeste do país, como a presença do engenho e do roçado, a escravidão e a questão da religiosidade. Em relação aos elementos paisagísticos da região Nordeste, pode-se notar a presença deles na passagem a seguir:

- De quem é aquele engenho ali? Perguntava o rei. – Aquelle de boeiro grande, rei meu senhor? Ah, é o engenho do Dr. Botelho! E foram andando. Mais adeante o rei viu um roçado com mais de mil negros trabalhando. Era negro que não acabava mais. – De quem é este roçado tão grande, Felisberto? (REGO, 1936, p.26-27).

De algum modo, esse aspecto indica o diálogo de *Histórias da velha Totônia* com traços do estilo literário de José Lins do Rego registrados em sua obra “adulta”, ainda que o público leitor previsto seja completamente diferente. Indica, também, a relação do livro infantil de José Lins do Rego com o movimento regionalista, sobretudo no que concerne à inserção do nacional mediante cenários do Nordeste.

Entendo também que a presença de elementos característicos da região Nordeste do Brasil sejam decorrente do fato de José Lins do Rego ter vivido grande parte de sua vida nessa região, bem como a relação que ele tinha com Totônia, a velha contadora de histórias de sua infância e que o título de seu livro infantil faz referência. Com relação à Totônia, ela aparece em outros romances de José Lins do Rego. Em *Menino de Engenho*, publicado em 1932, o narrador Carlinhos se detém em um capítulo inteiro a contar sobre a velha Totonha e as suas histórias. Segundo ele:

O que fazia a velha Totonha mais curiosa era a cor local que ela punha nos seus descritivos. Quando ela queria pintar um reino era como se estivesse falando dum engenho fabuloso. Os rios e as florestas por onde andavam os seus personagens se pareciam muito com o Paraíba e a Mata do Rolo. O seu Barba-Azul era um senhor de engenho de Pernambuco. (REGO, 2017, p.72).

Outra característica importante presente no livro *Histórias da velha Totônia* e que também se associa ao Movimento Regionalista é a questão da linguagem. O texto apresenta marcas bastante características da oralidade, como, por exemplo, o uso do pronome oblíquo em início de frase “[...] Me segura, amigo macaco, me segura senão eu caio!” (REGO, 1936, p.31).

José Lins do Rego também utiliza as expressões da fala como um recurso de linguagem escrita, como “[...] Lá um dia chegou o vestido...” (REGO, 1936, p.47), “[...] Ô de casa!” (REGO, 1936, p.11), “[...] Para que diabo se lembrou de caçadas.” (REGO, 1936, p.70)

ou “[...] Vem cá, Maria, vem cá que eu tenho uma coisa para te dizer.” (REGO, 1936, p.98).
Conforme apontam Lajolo e Zilberman (2004):

Representar essa oralidade não significou apenas desrespeitar regras relativas à colocação de pronomes ou ajustar a ortografia à pronúncia brasileira. Tratou-se principalmente de reproduzir a circunstância fundamental de transmissão de mensagens: o prazer de se comunicar e de ouvir histórias, a troca de ideias, a naturalidade da narração em serões domésticos. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2004, p.83).

Em vista desses aspectos, pode-se afirmar que apesar de as narrativas que compõem *Histórias da velha Totônia* não terem cunho “original”, dado que são fruto dos contos populares de tradição oral, todo esse trabalho com a linguagem, com as características dos personagens, são elementos que conferem e dão ao livro infantil de José Lins do Rego características de reescrita e criação desses contos para o público infantil.

CAPÍTULO IV

***HISTÓRIAS DA VELHA TOTÔNIA: RECOLHAS DA TRADIÇÃO ORAL
(RE)ESCRITAS AO PÚBLICO INFANTIL***

4.1 *Histórias da velha Totônia* e os contos de tradição oral

No capítulo anterior, apresentei aspectos de conteúdo de *Histórias da velha Totônia*, de José Lins do Rego. Tal análise permite compreender como José Lins do Rego foi construindo suas histórias e como o autor, utilizando-se de elementos linguísticos e operadores da narrativa, deu forma ao seu trabalho de criação.

Esses contos, narrados em 3ª pessoa, representam a materialização das histórias que José Lins do Rego ouvia, por meio da velha Totônia – uma senhora magra, bem velhinha (REGO, 1936) - durante a sua infância. Essa senhora, contadora de histórias, marcou a vida do escritor e, no anseio de eternizar tais histórias que ouviu e, ainda mais, na vontade de eternizar quem as contou, o autor paraibano escreveu esse livro pensando nela e em todas as outras Totônias que existiram. Como mencionei, na apresentação do livro o autor escreve um texto para as crianças brasileiras ressaltando e reforçando a importância das contadoras de histórias que não existem mais:

AINDA me lembro hoje da Velha Totônia, bem velha e bem magra, andando, de engenho a engenho, contando as suas histórias de Troncoso. Não havia menino que não lhe quisesse um bem muito grande, que não esperasse, com o coração batendo de alegria a visita da boa velhinha, de voz tão mansa e de vontade tão fraca aos pedidos dos seus ouvintes. Tôdas as velhas Totônias do Brasil se acabaram, se foram. E outras não vieram para o seu lugar. Êsta livro escrevi pensando nelas... Pensando na sua velha Totônia de Sergipe, Silvio Romero recolheu estas mesmas histórias que eu procuro contar aos meninos do Brasil. Quisera que todos eles me ouvissem com a ansiedade e o prazer com que eu escutava a velha Totônia do meu engenho. Se eu tiver conseguido este milagre, não precisarei de maior alegria para a minha vida. (REGO, 1936, p.5).

Nessa apresentação, José Lins do Rego menciona o trabalho de Silvio Romero de recolha de contos da tradição oral como trabalho semelhante ao que ele produziu em *Histórias da velha Totônia*. O trabalho que José Lins do Rego faz referência é o livro *Contos Populares do Brazil*, que Silvio Romero teve publicado em 1885.

Embora José Lins do Rego não afirme que seu livro infantil tenha qualquer relação direta com o de Silvio Romero, isso pode ser presumido pela análise dos dois livros, bem como por meio de notícias publicadas quando da publicação de *Histórias da velha Totônia*, que mencionam essa relação.

Em janeiro de 1937, por exemplo, o *Boletim Ariel* publicou uma matéria sob o título “José Lins do Rego. Histórias da velha Totonia. Liv. José Olympio”, em que informa que José Lins do Rego havia retomado em seu livro infantil as histórias narradas por Silvio Romero. Além disso, a matéria indica que a forma que José Lins do Rego narra essas histórias era mais

condizente com os meninos da época de publicação do livro. Ou seja, denotando um trabalho de reescrita por parte de José Lins do Rego.

Retomando as bellas historias folk-loricas narradas pelo grande Sylvio Romero, o sr. José Lins do Rego, que ninguém ignora ser o notável romancista de Banguê, narra-as agora em linguagem melhor condizente com o espirito dos meninos de hoje. (BOLETIM ARIEL, janeiro de 1937, p.101).

A fim de pensar sobre as possíveis relações entre *Histórias da velha Totônia*, de José Lins do Rego e *Contos Populares do Brazil*, de Silvio Romero, apresento aspectos do livro de Silvio Romero.

4.2 Silvio Romero e *Contos Populares do Brazil*

Silvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero²⁹ nasceu em Lagarto, Sergipe, em 21 de abril do ano de 1851 e faleceu em 18 de julho de 1914, no Rio de Janeiro. Ingressou na Faculdade de Direito de Recife em 1868 e, durante a sua vida, foi crítico literário, poeta, ensaísta, professor e historiador de Literatura Brasileira, além de atuar como jornalista na imprensa pernambucana – *A Crença*, *O Americano*, *O correio Pernambucano*, *Diário de Pernambuco*, *O movimento*, *O Jornal do Recife*, *A República*, *O liberal*. Também exerceu as funções de deputado provincial e federal pelo Estado/Província de Sergipe.

Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, além de ter sido sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa. Fundou, em 28 de janeiro de 1897, a cadeira nº 17 da Academia Brasileira de Letras.

Sílvio Romero percebeu a necessidade de preservar o material representativo da cultura oral brasileira, ameaçada de extinção dado o avanço das cidades e a mudança nos costumes (VOLOBUEF, 2008). Para Silvio Romero, segundo Volobuef (2008), compreender a identidade da cultura nacional é conhecer as contribuições que vieram de outros países (VOLOBUEF, 2008).

Então, em 1885, Silvio Romero lançou, em Lisboa, o livro *Contos Populares do Brazil*, pela editora Nova Livraria Internacional, com 235 páginas. Trata-se de uma coletânea de contos e lendas tradicionais brasileiras dividida em três seções: “Contos de proveniência européa”, “Fabulas de origem africana” e “Mytos e fabulas de origem Tupi”³⁰. Volobuef

²⁹ Para saber mais a respeito de Silvio Romero, consultar o site oficial da Academia Brasileira de Letras: <http://www.academia.org.br/academicos/silvio-romero/biografia>. Acesso em: 05 jul. 2019.

³⁰ Nesta dissertação optei por utilizar a 1ª edição do livro, datada de 1885. Portanto, será preservada a ortografia que consta no documento.

(2008) afirma que a antologia de Silvio Romero está dividida segundo critérios étnicos, embasados nos ideais positivistas de Comte, no evolucionismo de Darwin e no naturalismo de Zola e aponta que:

Boa parte dos cantos e contos é oriunda do Sergipe, sua terra natal, mas também são muitos os textos anotados em Pernambuco e no Rio de Janeiro. Além desse material coligido diretamente da tradição oral, Sílvio Romero ainda aproveitou alguns textos extraídos do livro *O selvagem* (1876), do general Couto de Magalhães, que estudou os índios brasileiros e traduziu histórias do tupi. (VOLOBUEF, 2008, p.12).

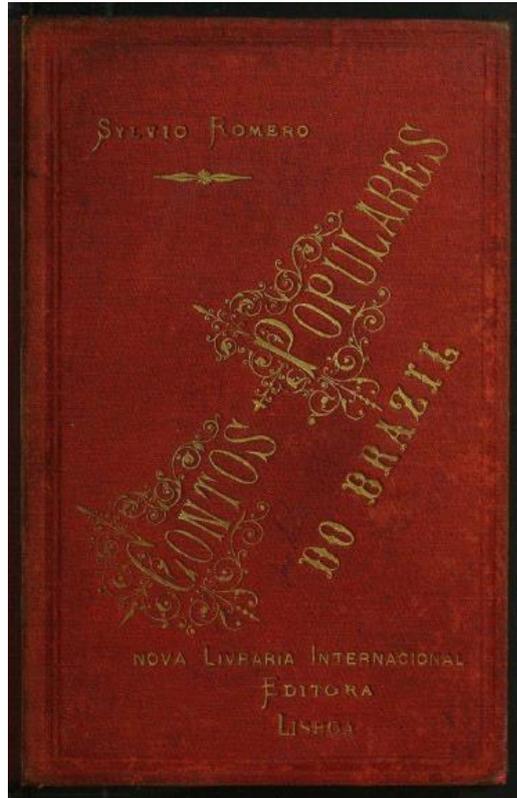
Como mencionei anteriormente, a 1ª edição³¹ do livro *Contos populares do Brazil* foi publicada pela Nova Livraria Internacional Editora, no ano de 1885, em Lisboa – Portugal. O livro possui 235 páginas.

A capa do livro é vermelha, contém no canto esquerdo da parte superior em dourado o nome do autor; no centro, na diagonal encontra-se o nome do livro (também em cor dourada) e na parte inferior contém o nome da editora e o local de publicação.

Cada seção de *Contos populares do Brazil* possui quantidade variada de contos: a primeira seção, “Contos de proveniência européa”, contém 42 histórias; a segunda seção, “Fabulas de origem africana”, contém 19 histórias e a terceira seção, “Mytos e fabulas de origem Tupi”, contém 24. O livro reúne, ao todo, 85 contos de tradição oral. Os contos registrados em *Contos populares do Brazil* são oriundos de Pernambuco e, sobretudo, de Sergipe; informação que é dada no início de cada conto, pois Silvio Romero escreve entre parênteses o local de recolha de cada história.

³¹ Por se tratar de uma obra de domínio público, o livro de Silvio Romero encontra-se disponível na Biblioteca Brasileira Guita e José Midlin (acervo digital): <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4600>. Acesso em 22 out. 2019.

Figura 12 – Capa da 1ª edição do livro *Contos populares do Brazil*, de Silvio Romero, por Nova Livraria Internacional.



Fonte: Acervo Digital Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

Essa 1ª edição, de 1885, possui uma “Advertencia” escrita por Silvio Romero em que ele afirma que o livro se trata de uma coleção de contos obtidos diretamente da tradição oral. Romero ressalta que não incluiu os contos tupis que não haviam sido transmitidos às populações do império. O autor declara que:

[...] consideramos o índio puro extranho á nossa vida presente. O mesmo pensamos a respeito do negro da costa. O portuguez, o *emboaba*, o reinol está nas mesmíssimas condições. O brasileiro é o resultado das tres almas que se reuniram, e por isso só colhemos os contos que nas villas e fazendas do interior correm de bocca em bocca. (ROMERO, 1885, p.VI, grifos do autor).

Talvez essa escolha se deva ao fato de Silvio Romero entender que os contos que circulavam apenas entre os tupis (ou “índios puros”) e os negros da costa não fossem parte da cultura brasileira, considerada por ele fruto da “reunião das três almas”. Por esse motivo, não podiam integrar uma coletânea de contos populares do Brasil.

Após essa “Advertencia”, há uma introdução escrita por Teófilo Braga sob o título “Sobre a novellistica brasileira” em que o autor discorre sobre a colonização do país e as suas diferentes tradições culturais, bem como a questão da distinção das raças – o branco, o

amarelo e o negro - baseada no positivismo de Comte. Discorre também sobre as tradições de origem europeia, especificamente as oriundas de Portugal, dando exemplos de autores, como Antonio José da Silva, Gil Vicente, Camões; assim como as tradições de origem africana e das “raças selvagens”, este último para referir-se aos indígenas.

Ao final do livro, após os contos, há um texto intitulado “Notas” em que é explicado a origem de cada conto e, após esse texto há o índice.

De acordo com Schneider (2011) o contexto de produção e publicação desse livro, final do século XIX, é marcado por grandes transformações políticas, econômicas e sociais no Brasil. A Monarquia e a escravidão estavam sendo contestadas por jornalistas, escritores, intelectuais, médicos; a produção de açúcar nos engenhos do Nordeste estava perdendo força para o cultivo do café produzido nas províncias do Rio de Janeiro e São Paulo; o ideal de mudança para o regime republicano, a urbanização e modernização do país se consolidavam cada vez mais. (SCHNEIDER, 2011).

Esse autor afirma ainda que as influências do positivismo de Comte (1798-1857), do evolucionismo de Spencer (1820-1903) e do monismo de Haeckel (1834-1919) fizeram com quem os intelectuais do país adotassem os princípios constitutivos das ciências naturais, do método experimental e do empirismo. A questão da raça foi uma das temáticas mais discutidas entre os intelectuais, pois não eram mais a religião, o jurídico, a cultura ou a linguística que definiam o que era raça, mas sim fatores biológicos e morfológicos (SCHNEIDER, 2011). Além disso, a questão do nacionalismo era algo que não saía de debate entre os pensadores, pois como o Brasil se tornaria uma potência, referência em progresso e civilização se não tinha uma “raça”, um “povo” que o constituísse e o definisse? Por muito tempo isso foi um problema, mas era impossível pensar o Brasil sem pensar no negro, no índio, na imigração europeia, na mestiçagem.

Silvio Romero teve os seus ideais marcados pelo nacionalismo e pela modernidade. Segundo Schneider (2011) o autor foi um dos intelectuais do país que aceitou a questão da mestiçagem como um traço essencial da formação da nacionalidade brasileira, entretanto, concordava com a teoria de hierarquia das raças, sendo a raça branca a superior.

Em vista disso, pode-se entender que Silvio Romero considerou a cultura popular como um forte elemento representativo do nacional, o que o levou a pesquisar sobre o folclore brasileiro. Dessa forma, escreveu *Cantos Populares do Brazil* (1882), *Contos Populares do Brazil* (1885) e *Estudos sobre poesia popular do Brazil* (1888), trabalhos que conforme

aponta Schneider (2011) sintetizam o esforço de organização e de coleta de dados sobre as tradições populares brasileiras³².

A fim de pensar a relação entre *Contos populares do Brasil* e *Histórias da velha Totônia*, apresento apenas os quatro contos que inspiraram José Lins do Rego na escrita de *Histórias da velha Totônia*.

Cumprido destacar, porém, que ao analisar os dois livros, verifiquei que o título dos contos apresenta algumas diferenças, de modo que em *Contos populares do Brasil*, Silvio Romero faz referência aos nomes das personagens principais dos contos, não ficando evidente ao leitor se as personagens são pessoas ou animais.

Além disso, a 1ª edição de *Contos populares do Brasil*, publicada em 1885, não contém o conto “O doutor Botelho”. Localizei esse conto em outras edições mais recentes, como a 3ª edição publicada pela Landy Editora, no ano de 2008. Ao final dessa 3ª edição há uma nota de autoria de Silvio Romero que explicita:

Deve a parte do público que se ocupa destes assuntos lembrar-se de haver, vai já para alguns anos, aparecido a primeira edição deste livro em Lisboa, por pedidos do Sr. Carrilho Videira, livreiro então residente naquela capital, e sob a direção do conhecido escritor Teófilo Braga, professor do Curso Superior de Letras. Deve ainda lembrar-se de não ter sido suficientemente correto o modo por que foi pelo professor português tratado o nosso manuscrito. Em opúsculo especial, sob o título – *Uma Esperteza – Os Cantos e Contos Populares do Brasil e o Er. Th. Braga* ³³– historiamos e discutimos todo o ocorrido, e é inútil insistir hoje no assunto. Apenas devemos notar as diferenças existentes entre aquela edição de Lisboa e esta segunda aparecida agora no Rio de Janeiro... (ROMERO, 2008, p. 245, grifos do autor).

Nessa nota, Romero afirma que a edição publicada após a de 1885, cuja data não consegui identificar, teve o acréscimo de 18 contos, sendo sete na seção de contos de origem portuguesa; dois na seção de contos de origem indígena e nove na seção de contos de origem africana e mestiça. Como não obtive acesso a essa edição, para análise do conto “O doutor Botelho”, utilizei a 3ª edição publicada pela Landy Editora, em 2008.

4.2.1 “O doutor Botelho”

Este é o 8º conto da terceira seção – Contos de origem Africana e Mestiça, de *Contos populares do Brasil* (2008). Tem aproximadamente duas páginas e meia de extensão e foi recolhido em Sergipe.

³² Para saber mais sobre o assunto, ver Candido (2001); Matos (1994), Schneider (2011; 2018).

³³ Trata-se de um livro publicado no ano de 1887 com 166 páginas em que Silvio Romero critica e acusa Teófilo Braga de adulterar e roubar seus escritos, além de explicar e justificar ao povo brasileiro o motivo das acusações. Por se tratar de um livro de domínio público, encontra-se disponível no acervo digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Midlin: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4504>. Acesso em 02 jan. 2020.

“O doutor Botelho” trata da história de um marceneiro pobre que um dia recebeu em sua casa a visita de um macaco que lhe pedia abrigo. Apesar de a casa ser pequena, o homem deixou o macaco ficar. Desde então, o macaco passou a levar presentes ao rei em nome do marceneiro e, em retribuição, o rei dava muitas moedas de ouro para o ele. O macaco, quando assoviava, fazia com que os animais da floresta aparecessem e então os mandava como mimos para o rei. Curioso em conhecer o tal doutor Botelho e enganado pelo macaco que o fazia pensar que Botelho era um homem muito rico, o rei acabou permitindo o casamento entre sua filha e o marceneiro. Apesar da preocupação com a mentira, Botelho se casa com a filha do rei e, com a ajuda do macaco, ninguém percebe que a situação era outra, pois o macaco deu um jeito em tudo.

4.2.2 “Dona Labismina”

Recolhido também em Sergipe, é o 9º conto da seção “Contos de proveniência européa” e tem extensão de aproximadamente três páginas e meia.

“Dona Labismina” narra a história de um rei e uma rainha que não conseguiam ter filhos e já eram casados há muitos anos. A rainha queria tanto ter um filho que um dia exclamou “[...] permita Deus que seja uma cobra!” (ROMERO, 1885, p.29). Passado um tempo, a rainha teve uma filha, mas que nasceu com uma cobrinha enrolada no pescoço. Os anos foram passando e a menina, chamada Maria, virou muito amiga da cobrinha, que se chamava Labismina. Um belo dia a cobrinha resolveu ir embora para o mar, mas avisou à Maria que caso ela precisasse de alguma ajuda, poderia contar com ela. Eis que um dia a rainha adoeceu e, antes de falecer, entregou ao rei o seu anel e pediu que, caso ele quizesse se casar, teria que ser com a princesa em cujo dedo o anel servisse. O rei procurou uma princesa em que o anel servisse e não encontrou nenhuma. Contudo, o anel serviu no dedo de sua filha Maria. Desesperada, a princesa foi até a beira do mar e pediu ajuda para Labismina que a socorreu. Labismina ajudou Maria a fugir em um navio para outro reino e disse que lá Maria iria encontrar um príncipe e ambos iriam se casar. Porém, pediu para que Maria a chamasse três vezes no dia do casamento para que ela, Labismina, pudesse se desencantar em princesa também. Maria casou com o príncipe mas esqueceu de chamar por Labismina, que não se desencantou e continuou a viver no mar, dando urros enfurecidos às vezes.

4.2.3 “O homem pequeno”

Sendo o 11º conto da seção “Contos de proveniência européa”, o conto “O homem pequeno” tem cerca de três páginas e meia de extensão e também foi recolhido em Sergipe.

“O homem pequeno” conta a história de um príncipe chamado D. João que saiu para caçar, perdeu-se na floresta e acabou indo parar em uma terra de gigantes. D. João conheceu uma família, dona de uma casa, composta por um homem, uma mulher e uma filha gigantes. O nome da filha era Guimara. D. João explicou a situação para o gigante, mas este o obrigou a trabalhar como criado. Depois de bastante tempo que D. João estava morando por lá, a gigante Guimara se apaixonou por ele. O gigante pai, desconfiado da situação, começa a dar desafios para D. João a fim de matá-lo, caso não conseguisse cumpri-los. Mas D. João foi ajudado por Guimara o tempo todo, de modo que acabam fugindo. O pai gigante vai em busca de Guimara e D. João, mas Guimara sempre conseguia enganá-lo, já que era “encantada”. Chegando no reino de D. João, Guimara pede a ele que não se esquecesse dela em momento algum e pede que o príncipe não beije a mão de sua tia ao vê-la. Entretanto, ao encontrar a sua tia, D. João beija a mão dela e se esquece, para sempre, de Guimara, que perde o encanto, fica pequena como as outras moças e passa a viver triste.

4.2.4 “O sargento verde”

“O sargento verde” é o 6º conto da seção “Contos de proveniência européa”, possui extensão de aproximadamente quatro páginas e meia, tendo sido recolhido também em Sergipe.

Narra a história de uma moça muito bonita, filha de um homem muito rico, que recebeu proposta de casamento de um rapaz também muito bonito. Entretanto, Nossa Senhora, madrinha da menina, avisa a sua afilhada que aquele homem era o diabo encarnado e explica à moça como se livrar dele no dia do casamento. Tendo conseguido enganar o diabo no dia da boda, a menina cortou os seus cabelos, vestiu-se de homem, toda de verde e fugiu em um cavalo muito feio para um reino desconhecido, onde passou a trabalhar na guarda do rei, no posto de sargento. Logo a moça e o rei viraram amigos e, algum tempo depois, a rainha ficou apaixonada pelo sargento verde (era como a moça ficou conhecida no reino). Como o sargento não lhe dava bola, a rainha falava mentiras a respeito dele para o rei, a fim de acabar com a amizade entre os dois e conseguir ficar com o sargento. Sabendo do que estava

acontecendo, o sargento verde sempre conversava com seu cavalo e ele o ajudava em tudo. Quanto mais o sargento se livrava das armadilhas que a rainha lhe pregava, mais a rainha ficava apaixonada. Numa dessas armadilhas, a rainha desafiou o sargento verde a resgatar uma irmã do rei que estava presa no mar. O sargento verde resgatou a moça, porém ela estava muda. Quando finalmente o sargento verde conseguiu fazer a mulher falar, esta disse apenas três palavras “já, bela e tudo”, que significavam: “[...] já estou livre de tantos trabalhos”, “[...] são duas donzellas, ella e o sargento verde, que se chama Lucinda” e “[...] si Lucinda fosse homem, há muito el-rei, meu irmão, seria cornudo” (ROMERO, 1885, p.21). Assim, o sargento verde retomou os trajes de moça. O seu cavalo feio transformou-se em um lindo moço e casou-se com a princesa desencantada. O rei casou-se com o sargento verde, que se chamava Lucinda e a rainha morreu amarrada em dois burros bravos a mando do marido.

4.3 Análise comparativa entre *Histórias da velha Totônia* e *Contos Populares do Brazil*

4.3.1 “O macaco mágico” x “O doutor Botelho”

O conto de José Lins do Rego, “O macaco mágico”, e o conto de Silvio Romero, “O doutor Botelho”, apresentam praticamente o mesmo enredo, mas há algumas diferenças entre eles.

A primeira diferença é o próprio título. No conto de José Lins do Rego, o título do texto faz referência à personagem principal da história, o macaco; no conto de Silvio Romero, o título faz referência ao doutor Botelho, mas a personagem principal da história continua sendo o macaco. Também a escolha por dar ênfase no macaco no título do conto registrado por José Lins do Rego pode estar associada ao fato de que se destina ao público infantil, de modo a buscar uma relação entre mundo animal e as crianças, já que normalmente os animais são vistos como um interesse “natural” delas.

No que diz respeito às personagens, não há acréscimos ou supressão, mas suas características são diferentes. No conto de José Lins do Rego, por exemplo, o macaco consegue realizar suas bem-feitorias ao rei em nome do marceneiro por meio de uma gaita que ele toca, no entanto, no conto de Silvio Romero, o macaco apenas assovia, como pode ser observado nos fragmentos abaixo:

[...] O macaco Felisberto era um magico. E tinha uma gaita que era o mesmo que uma vara de condão. (REGO, 1936, p.15).

[...] O marceneiro perguntou: “E que presente foi, macaco?” Ele respondeu: “Eu fui ao mato, assoviei e no mesmo instante apareceram mais de cem veadinhos que eu reuni todos e levei ao rei. (ROMERO, 2008, p.227).

Outro elemento importante relacionado ao macaco Felisberto é que, em Sílvia Romero, ele parece agir de forma astuciosa, pois “ajuda” o doutor Botelho com um certo interesse por trás:

[...] O dono da casa perguntou onde ele tinha achado tanto dinheiro. O macaco disse: “Foi o rei; eu hoje levei-lhe em seu nome um presente e ele de pagamento me deu este dinheiro.” [...] “Qualquer destes dias eu torno a levar outro presente para ele me dar mais dinheiro.” (ROMERO, 2008, p.227).

Pode-se presumir por meio desse fragmento que o macaco Felisberto estava mais interessado no dinheiro que iria receber do rei pelos presentes do que, de fato, ajudar Botelho.

Em contrapartida, no texto de José Lins do Rego, o macaco Felisberto parece querer realmente ajudar o marceneiro Botelho:

O macaco, muito feliz, porque ha muito tempo que não encontrava um lugar tão bom para dormir. [...] E assim elle foi pensando. Aquelle marceneiro merecia que elle fizesse tudo por elle. Aquelle que era um homem! [...] Elle iria dar ao seu amigo tudo o que pudesse fazer com a sua força. (REGO, 1936, p.14-15).

Nesse fragmento, é possível inferir a razão pela qual o macaco passa a ajudar o marceneiro Botelho: trata-se de uma forma de agradecimento por ele ter dado abrigo a Felisberto em sua casa. Em outra passagem, esse motivo fica mais evidente: Felisberto foi enviado por Deus para ajudar Botelho, como uma forma de recompensa pelo marceneiro ser tão bom, tão ajudador: “[...] É aqui o teu castello, disse Felisberto. Pelo bem que fizeste aos pobres, aos cegos e aos aleijados, Deus do céu me mandou para te ajudar.” (REGO, 1936, p.34). No entanto, no conto de Sílvia Romero não há uma passagem que “justifique” tal atitude do macaco, parecendo ser uma ação “sem fundamento”.

No conto de José Lins do Rego é mencionado que o macaco é mágico: “[...] O macaco Felisberto era um magico. E tinha uma gaita que era o mesmo que uma vara de condão.” (REGO, 1936, p.15). Essa informação não aparece em Sílvia Romero, que apenas informa que o macaco “assoviava” e os bichos apareciam: “[...] Eu fui ao mato, assoviei e no mesmo instante apareceram mais de cem veadinhos [...]” (ROMERO, 2008, p.227).

Presumo que isso se deva ao fato de que elementos mágicos (maravilhosos/fantásticos) eram considerados importantes para a literatura infantil da época (OLIVEIRA, 2015). Conforme explica Oliveira (2015), os estudiosos do assunto defendiam, à época, que as crianças em idade escolar inicial, 4 a 7 anos, inseriam-se na fase de “fabulação” ou “imagismo”, portanto interessavam a elas contos de fadas, textos sobre animais e as fábulas,

ou seja, tudo o que envolvesse o fantástico. Também para as crianças maiores, entre 8 e 12 anos, embora se considerasse que o interesse pudesse variar, o maravilhoso era sempre considerado elemento de agrado para as crianças (OLIVEIRA, 2015).

Outro ponto distinto em relação às características dos personagens é a grande quantidade de detalhes que José Lins do Rego traz para o leitor a respeito delas, enquanto Silvio Romero é mais objetivo. No conto de José Lins do Rego, o escritor caracteriza Botelho a partir dos valores morais, ou seja, como santo, como homem bom e bastante conhecido por suas caridades. Em contrapartida, no conto de Silvio Romero as características do Botelho são bem objetivas, fazendo referência à sua profissão e à sua condição econômica: era marceneiro e pobre.

Havia um homem que era muito pobre, mas que era muito bom. Trabalhava, como o pae de Nosso Senhor, em madeira. E morava num quarto que só dava mesmo para o banco onde elle trabalhava. Todo o mundo conhecia o marceneiro Botelho. Nunca um pobre bateu em sua porta que não recebesse uma esmola. Seu Botelho era um santo. (REGO, 1936, p.11).

Havia um homem que era marceneiro e muito pobre. Morava em uma casa de cavacos. Uma vez apareceu em casa dele um macaco e pediu-lhe um rancho. O homem disse que a casinha era muito pequena, mas que ele podia ali ficar. O macaco ficou morando com o marceneiro. (ROMERO, 2008, p.227).

No conto de José Lins do Rego, o rei é caracterizado como invejoso. No entanto, essa característica não é mencionada no conto de Sílvio Romero. Essa informação em José Lins do Rego denota a intencionalidade de oposição de pessoas com comportamentos bons e ruins, ou seja, há um princípio de moralização maniqueísta.

Outro item que se diferencia entre as duas narrativas e que demonstra essa intencionalidade de José Lins do Rego em criar essa ideia de oposição de sentimentos bons e ruins, valorizando uma ideia de moralização, é a questão do arranjo do casamento entre o marceneiro e a filha do rei. No conto de José Lins do Rego, o que leva o rei a permitir o casamento de Botelho com a sua filha é a sua ambição e inveja, ao passo que em Silvio Romero, trata-se da extrema curiosidade do rei em conhecer Botelho:

[...] Aí chegando, o macaco afirmou ao rei que ainda tinha um recado para dar a ele, mas que estava acanhado. O rei respondeu que podia falar; então o macaco disse que o Doutor Botelho tinha mandado pedir a filha dele em casamento, e se o rei consentisse, só no dia era que o Doutor aparecia, e acrescentou que achava aquilo uma esquisitice, mas por ser o seu Doutor muito rico é que fazia assim. O rei não teve dúvida, deu logo o sim, e mandou ao macaco que fosse à casa da moeda e dissesse que ele mandava dar algum dinheiro. (ROMERO, 2008, p.228).

[...] E foram andando. O rei, muito invejoso da riqueza do dr. Botelho. Mais adiante, viram uma fazenda de gado. Ninguém nem via o verde dos altos e das varzeas, era só gado pastando, uma beleza. O rei ficou besta, olhando: - De quem é esta fazenda, Felisberto? - Ah, esta fazendinha, rei meu senhor? Esta é a menor de todas do meu senhor, o doutor Botelho. E o rei ainda mais invejoso ficou, dizendo para Felisberto:

- Esse teu senhor tem mais riquezas do que o meu reino! Aí Felisberto falou, com muito jeito: - Ah, rei meu senhor, tudo isso poderia ser de Vossa Majestade, porque poderia ser da muito bella princesa filha de Vossa Majestade. O rei olhou para Felisberto e disse: - Vae ao teu senhor e diz que eu quero que ele se case com a minha filha. (REGO, 1936, p.28).

Essa passagem denota o tom mais moralista no texto de José Lins do Rego, já que o rei, ambicioso e invejoso, acaba por ser enganado.

Em José Lins do Rego, o rei é tão invejoso que é ele quem quer que a filha se case com Botelho: “[...] – Vae ao teu senhor e diz que eu quero que elle se case com a minha filha.” (REGO, 1936, p.28), ao passo que em Silvio Romero, o macaco, utilizando-se de uma “malandragem”, fala que Botelho pediu a filha do rei em casamento para poder, enfim, apresentar-se diante do rei, pessoalmente:

[...] então o macaco disse que o Doutor Botelho tinha mandado pedir a filha dele em casamento, e se o rei consentisse, só no dia era que o Doutor aparecia, e acrescentou que achava aquilo uma esquisitice, mas por ser o Doutor muito rico é que fazia assim. (ROMERO, 2008, p.228).

Em ambas as histórias o rei é enganado por meio da astúcia do macaco Felisberto. Entretanto, o que diferencia nas duas é que em José Lins do Rego, o macaco engana o rei para ajudar o amigo e o rei é invejoso; em Silvio Romero, o macaco é esperto, pensa na recompensa e o rei é extremamente curioso para conhecer o “tal homem riquíssimo”.

Além disso, em “O macaco mágico”, de José Lins do Rego, a recompensa que o rei manda para o marceneiro é uma barra de ouro, ao passo que em Sílvio Romero trata-se de moedas de ouro e de prata:

[...] – Enche os alforjes do macaco Felisberto e dá para elle dez barras de ouro, para que elle offereça ao seu senhor. (REGO, 1936, p.16).

[...] Um dia o macaco entrou com os bolsos cheios de moedas de ouro e prata. (ROMERO, 2008, p.227).

Com relação à linguagem, em ambas as narrativas ela é simples e aproxima-se da oralidade. Porém, no conto José Lins do Rego, percebe-se uma forma de escrita mais elaborada, que busca tom mais poético, como no trecho a seguir em que o narrador descreve que os bichos, “embebidos”, seguiam o som da flauta do macaco: “[...] E quando já tinha cem, Felisberto reuniu todos e sahiu tocando a sua flauta. Os bichos iam atraz de Felisberto embebidos, de ouvidos abertos para o canto. Felisberto foi andando para o Palacio do rei dos homens.” (REGO, 1936, p.16).

Além disso, José Lins do Rego traz mais características e descrições para suas histórias, ao passo que Silvio Romero é mais suscinto; o que justifica a diferença de extensão entre os contos.

4.3.2 “A cobra que era uma princesa” x “Dona Labismina”

Em “A cobra que era uma princesa”, de José Lins do Rego, e “Dona Labismina”, de Silvio Romero, observa-se também o mesmo enredo, com diferenças em aspectos específicos, como linguagem, maior detalhamento no primeiro e pequena mudança no desfecho.

Uma das diferenças que se observa é no próprio título dos contos. Embora ambos façam referência à mesma personagem, no de José Lins do Rego há um teor mais descritivo, com alusão a um elemento fantástico: cobra que era princesa. Esse elemento também pode estar associado à ideia de que o fantástico era elemento primordial para despertar interesse nas crianças, conforme apontei com base em Oliveira (2015).

Em ambos os contos há a presença do aspecto religioso, o que pode estar associado a uma característica dos contos da tradição oral, sobretudo os de origem europeia. Cumpre destacar, nesse sentido, que a herança e influência religiosa cristã dos portugueses no Brasil foi bastante acentuada, sobretudo na região Nordeste do país, e esse conto é descrito por Silvio Romero como um conto de origem europeia. Apesar de haver essa marca religiosa nos dois contos, no de José Lins do Rego isso se dá de forma muito marcada, ao passo que Sílvio Romero só menciona, de forma simples e breve. Isso pode ser notado nos excertos abaixo:

[...] O povo fazia promessa, a rainha rezava, e nada de aparecer o herdeiro tão desejado. Um dia, no toque das ave-marias, a rainha perdeu a paciência e disse uma coisa que não devia dizer: - Permitta Deus, disse ella, que eu tenha um filho nem que seja uma cobra. (REGO, 1936, p.37).

Uma vez havia uma rainha, casada já há muito tempo, que nunca tinha tido filhos, e tinha muita vontade de ter, tanto que uma vez disse: “Permitta Deus que seja uma cobra!”. (ROMERO, 1885, p.29).

No que diz respeito às personagens, José Lins do Rego descreve a cobra Labisminia em sua narrativa como uma cobra verde e com “olhos de gente”, enquanto em Silvio Romero o leitor não tem descrição dessa personagem, não se sabe como ela é: “[...] E a princeza criou um bem de irmã á cobrinha, que era verde e tinha uma cabeça com olhos de gente.” (REGO, 1936, p.38).

Nessa passagem é dito para o leitor que a princesa cria “um bem de irmã” para com a cobrinha, o que denota uma forma de “demonstração de sentimentos” na narrativa. De acordo com Oliveira (2015) os estudiosos do início do século XX consideravam que os livros serviam como exemplo para as crianças e, em vista disso, havia a necessidade de eles serem e representarem modelos de bons comportamentos e boas atitudes. Ou seja, os livros deviam propiciar a construção de uma “mente sã” para as crianças (OLIVEIRA, 2015).

Em relação à construção do enredo, em “A cobra que era uma princesa”, de José Lins do Rego, fica perceptível a questão da origem europeia do conto, ao passo que em Sílvia Romero não há como perceber isso. Em uma passagem do conto de José Lins do Rego é informado ao leitor que o rei, após a morte da rainha, buscou por uma nova esposa em todos os reinos de Castela, França, Inglaterra. Em Sílvia Romero não são mencionados os locais onde o rei fez essa mesma busca:

[...] O rei chorou muito, mas depois de tanto pranto, começou a pensar no seu casamento. E para isto mandou mensageiros para todos os lados da Terra. Primeiro, para princesas de Castella. E o anel não deu no dedo de nenhuma. Depois para as filhas dos pares de França. Nada. O rei mandou então falar com o soberano da Inglaterra. E não appareceu princeza nenhuma para o anel do rei. Na côrte da Áustria foi a mesma coisa. (REGO, 1936, p.42).

[...] Depois de alguns tempos, o rei quiz se casar e mandou experimentar a jóia nos dedos das princesas de todos os reinos, e não encontrou nenhuma em que o anel coubesse pela forma que lhe tinha recommendado a rainha. (ROMERO, 1885, p.30).

No desfecho dos contos há uma pequena diferença em relação ao pedido que a cobra faz para a princesa. Em “A cobra que era uma princesa”, Labisminia pede à Maria que, no dia mais feliz de sua vida, Maria gritasse por ela três vezes para que pudesse se desencantar e voltar a ser uma princesa. Em “Dona Labismina”, a cobra diz à princesa que no dia do seu casamento com o príncipe, a menina deveria chamar por ela três vezes para que voltasse a ser princesa novamente. No conto de Sílvia Romero já de início fica explícito que Maria deveria chamar Labismina no dia do casamento dela com o príncipe, contudo, em José Lins do Rego, menciona-se o “dia mais feliz” que, ao final do conto, é associado ao casamento. Essa característica do conto de José Lins do Rego reforça aspecto típico dos contos infantis de que o casamento, seguindo a lógica cristã, representa o ápice e consolidação da felicidade.

Em relação à linguagem, José Lins do Rego escreve de uma maneira simples, com marcas da oralidade, mas de forma mais detalhada e ao mesmo tempo com mais elementos de poeticidade, diferentemente de Sílvia Romero, que escreve de forma clara e objetiva, como se pode notar nos trechos a seguir que tratam do adoecimento e morte da rainha:

[...] E foi indo assim, até que um dia todo o reino entristeceu. O rei mandou botar as algemas outra vez nos escravos, o rei obrigou o povo do seu reino a rezar. Era que a rainha tinha começado a adoecer. Não houve médico que soubesse o que era. [...] E quando a rainha sentiu que ia morrer, chamou o rei e na frente da corte inteira disse... (REGO, 1936, p.40-41).

[...] Passados annos, cahiu doente a rainha, e morreu. (ROMERO, 1885, p.29).

Na passagem do livro de José Lins do Rego há muito mais elementos que descrevem a situação do adoecimento da rainha. Trata-se de uma relação mútua entre o que acontece com a família real e o reino. Ou seja, se o rei e a rainha estão bem e felizes, o reino todo sente-se

assim, se estão mal e infelizes, o reino também se caracteriza dessa forma. A ambientação da cena muda conforme os sentimentos dos personagens mudam. Em Silvio Romero, essa relação ambiente/personagem não aparece. Os fatos são dados e os sentimentos não são descritos.

4.3.3 “O príncipe pequeno” x “O homem pequeno”

O conto de José Lins do Rego, “O príncipe pequeno”, e o conto de Silvio Romero, “O homem pequeno”, também apresentam o mesmo enredo, com algumas diferenças de detalhamento, de linguagem, de construção da própria narrativa e de desfecho.

O título de ambas as histórias é diferente, mas os dois referem-se ao protagonista do conto. A única diferença é no substantivo comum, que no caso do conto de José Lins do Rego faz a alusão direta aos contos maravilhosos, resgatando uma figura corriqueira nesse tipo de conto: o príncipe.

Com relação à descrição das personagens, no conto de José Lins do Rego o leitor é informado sobre as características dos gigantes: são malvados e matam pessoas. Em contrapartida, no conto de Sílvio Romero essa informação não aparece. Presumo que o reforço das características dos personagens em José Lins do Rego seja uma forma de “marcar” o perfil psicológico e moral das personagens, a fim de serem formas de exemplo para as crianças de “como ser, como se comportar” ou “como não ser, como não se comportar”.

Quando o príncipe pequeno se perde e encontra o reino dos gigantes, em José Lins do Rego ele é recebido por um serviçal do rei e, em Silvio Romero, é o próprio rei dos gigantes que o recebe:

[...] – Que queres no nosso reino, peregrino? Ahi o príncipe João, tremendo como vara verde, contou a sua história. E o gigante mandou que elle viesse atraz dele para falar com o rei. (REGO, 1936, p.68).

[...] Quando o dono da casa viu D. João gritou logo: “Oh! homem pequeno, o que anda fazendo?” O príncipe contou-lhe a sua história, e então o gigante disse: “Pois bem; fique aqui como um criado.”. (ROMERO, 1885, p.36).

Ainda no que concerne às personagens, em José Lins do Rego, o nome da filha do rei é Guimarra, em Silvio Romero é Guimara. Além disso, no primeiro, o nome do príncipe aparece como João e, no segundo, aparece como D. João.

O rei propõe dois desafios para João, em ambas as histórias. Entretanto, apesar de a base dos desafios serem parecidas, os elementos que os compõem são diferentes: em Sílvio

Romero, o primeiro desafio era o de derrubar, em uma só noite, o muro das terras do gigante e levantar um palácio; e o segundo, era o de fazer da ilha dos bichos bravos um jardim cheio de flores e com um cano despejar água, tudo em uma noite. Em José Lins do Rego, o primeiro desafio é o de, em uma noite, derrubar os muros do palácio do rei e levantar outros muros no mesmo instante; e o segundo é, em uma única noite, matar todos os bichos da ilha dos bichos bravos, plantar um jardim mais bonito do que o do palácio do rei e trazer água do riacho para regar as plantas. Em ambas as histórias, Guimarães/Guimara é quem faz tudo pelo príncipe.

Depois dos desafios, a princesa gigante e o príncipe pequeno fogem em um cavalo muito veloz. Os leitores de José Lins ficam sabendo, a partir daí, que a princesa era encantada, diferentemente dos leitores de Silvio Romero, cuja informação aparece junto do primeiro desafio que o rei propusera a D. João.

Em ambos os contos o rei descobre a fuga e vai três vezes tentar recuperar os fugitivos. Na primeira, em José Lins do Rego, a princesa Guimarães transforma-se em rio, o príncipe João em um negro velho e o cavalo em um pé bonito de gameleira. O rei pergunta pelos fugitivos, mas enganado, retorna para casa. Em Silvio Romero, a princesa Guimara transforma-se em rio, o príncipe João em um negro velho, o cavalo em um pé de árvore, a sela numa leira de cebolas, e a espingarda em um beija-flor. A espingarda e a sela não estão presentes no conto de José Lins do Rego.

Na segunda tentativa, em José Lins do Rego, a princesa transforma-se em uma igreja, o príncipe João em um padre, a sela em um altar, o cavalo em um sino e a espingarda em um sacristão. Em Silvio Romero, Guimara transforma-se em uma igreja, João em um padre, a sela em um altar e a espingarda em um missal. Nota-se que em José Lins do Rego a sela e a espingarda aparecem somente na segunda tentativa. O rei pergunta ao padre se ele havia visto os fugitivos e, em José Lins do Rego, o padre mal consegue entender o que o rei dos gigantes falava porque o sino/cavalo tocava e o sacristão/espingarda tocava as campainhas. No conto de Silvio Romero, o gigante pergunta ao padre sobre os fujões e o padre responde: “Sou um padre ermitão, devoto da Conceição, não ouço o que me diz, não... Dominus vobiscum³⁴” (ROMERO, 1885, p.38).

Na terceira e última tentativa, nos dois contos Guimarães/Guimara soltou um punhado de cinzas no ar, o que gerou uma neblina muito forte e que impediu o gigante de continuar a perseguição. Em ambas as histórias, quem avisou o gigante de que ele estava sendo enganado pela filha foi a sua esposa, que no conto de José Lins do Rego é uma rainha encantada, o que

³⁴ Locução latina que significa “o Senhor esteja convosco”.

não consta no conto de Silvio Romero. Entendo que o fato de a rainha ser encantada tem relação com a construção da própria trama, porque se ela não fosse, o rei não iria descobrir que foi enganado e a história acabaria ali, de forma simples e rápida.

O desfecho das histórias é completamente diferente em ambos os contos. No de José Lins do Rego há um final feliz para João e Guimarães:

[...] E assim Guimarães e o príncipe João chegaram sãos e salvos ao Palácio Real do rei dos homens pequenos. Houve festa na corte. A rainha chorou de alegria vendo o filho que voltava, o rei deu uma semana de folga aos escravos. E Guimarães se desencantou, ficando uma princesa como as outras. E casou-se com o príncipe João. E tiveram filhos. E foram os príncipes mais felizes da Terra. (REGO, 1936, p.85).

Em Sílvio Romero, tem-se um final não feliz e, de certa forma, injusto para Guimara:

[...] Depois d'isto os fúgitivos chegaram ao reino de D. João. Guimara, então, lhe pediu que, quando entrasse em casa, não se esquecesse d'ella por uma vez, não beijasse a mão de sua tia. O príncipe prometeu; mas quando entrou em palácio a primeira pessoa que lhe apareceu foi a tia, a quem elle beijou a mão, e se esqueceu, por uma vez, de Guimara, que o tinha salvado da morte. A moça lá perdeu na terra estranha o encanto, e ficou pequena como as outras, mas sempre triste. (ROMERO, 1885, p.39).

O final do conto de José Lins do Rego termina de forma “esperada” para um conto infantil: Guimarães e João apaixonaram-se, passaram por muitos desafios e por isso, deveriam ficar juntos, ou seja, deveriam ter um final feliz.

4.3.4 “O sargento verde” x “O sargento verde”

Diferentemente dos contos anteriores, estes são os únicos que possuem o mesmo título. Ambos os contos apresentam também o mesmo enredo, com detalhamentos perceptíveis na versão de José Lins do Rego.

No conto de José Lins do Rego, o aspecto religioso é muito reforçado, ao passo que no conto de Silvio Romero essa questão é mais discreta:

Um homem muito rico tinha uma filha mesmo no ponto de casar. Era uma moça muito bonita mas muito devota, sem geito para apparecer a algum rapaz. [...] E ela rezou muito para sua madrinha, que era Nossa Senhora. [...] E quando ela olhou, não viu mais a velhinha. Viu foi a moça mais bella do que todas as imagens de Nossa Senhora. E o manto que trazia era mais bonito do que todos os vestidos do mundo. (REGO, 1936, p.89-91).

Havia um homem rico que tinha uma filha muito formosa; appareceu uma vez um moço tambem muito bonito que quis casar com ella. Contrataram o casamento. Mas Nossa Senhora, que era madrinha da noiva, lhe appareceu e disse: - “Minha filha, tu vaes te casar com o cão. (ROMERO, 1885, p.17).

Como mencionei anteriormente, no livro de Silvio Romero esse conto é classificado como de origem europeia e apresenta traços de conotação religiosa. Entretanto, no conto de

José Lins do Rego o acréscimo de informações, a descrição de detalhes, como “o manto mais bonito do que todos os vestidos”, demonstra também sua vinculação maior a essa religiosidade, configurando-se um traço de sua estética literária.

Com relação às personagens, em José Lins do Rego a moça chama-se Maria e o pretendente Guilherme. Em Sílvio Romero, a moça chama-se Lucinda e não aparece o nome do pretendente.

Passado o casamento, no conto de José Lins do Rego é mencionada uma carruagem que levaria Maria, contudo, no conto de Sílvio Romero esse elemento não aparece. Em ambos aparece o cavalo bonito que Guilherme oferece à Maria, mas, como Nossa Senhora a instruiu, a moça não o aceita e pede o cavalo mais magro e mais feio ao seu pai para ir embora. Nos dois contos, ao chegar na encruzilhada, a moça vai para um lado e o moço para o outro. Em Sílvio Romero, a moça vai pela direita e o moço pela esquerda. Em José Lins do Rego acontece o contrário, a moça vai pela esquerda e o moço pela direita. Apesar disso, nas duas narrativas a noiva mostra o rosário para o marido “cão” e em ambos ele estoura e deixa um mal cheiro de enxofre.

Em José Lins do Rego, Maria, a caminho de um reino desconhecido, vê-se transformada em um soldado vestido com uma farda verde, como em um toque de mágica. Em Sílvio Romero, Lucinda corta os seus próprios cabelos e veste-se de homem. Essa diferença confere ao conto de José Lins do Rego elemento mais fantástico, enquanto no de Sílvio Romero a cena toma como base uma descrição mais realista, pois Lucinda finge ser homem (é intencional).

Em ambas as histórias, o Sargento Verde torna-se melhor amigo do rei e a rainha, que no conto de José Lins é o demônio, apaixonou-se pelo Sargento Verde. Nos dois contos, o cavalo é encantado e fala, mas somente em José Lins do Rego é que o cavalo alerta a menina sobre as reais intenções da rainha: “[...] – Abre o teu olho, Maria, já reparaste nas intenções da rainha? Ella quer te perder, toma cuidado. O rei é teu amigo. Ele te trata como nunca tratou nem ao seu secretário. A rainha é o demônio, Maria.” (REGO, 1936, p.98).

Seguindo os conselhos de seu cavalo, o Sargento Verde não cai nas conversas da rainha e essa, sentindo-se despeitada, começa a levantar calúnias e falsas afirmações sobre o rapaz para o rei. Cada calúnia era um desafio que o Sargento Verde tinha que enfrentar.

O primeiro desafio é diferente nas duas narrativas. Em José Lins do Rego, a rainha diz ao rei que o Sargento Verde vai ao fundo do mar matar o dragão: “[...] - Saiba o meu real marido que o Sargento Verde anda se gabando de que é capaz de ir ao fundo do mar e matar o Dragão.” (REGO, 1936, p.99)

O primeiro desafio do conto em José Lins do Rego apresenta um elemento fantástico: o dragão no fundo do mar. É típico das narrativas de aventura a presença de um dragão que precisa ser enfrentado pela mocinha ou pelo mocinho para resolver o conflito da história.

Em Silvio Romero, a rainha diz ao rei que o Sargento Verde vai subir e descer escadas montado a cavalo, atirando limas e acertando-as em um copo. Ou seja, não há presença de elemento fantástico no desafio, apenas ações comuns mas que juntas tornam-se uma tarefa difícil de fazer, como “andar de cavalo em alta velocidade ao mesmo tempo em que dança e atirar limas a fim de que elas caiam dentro de um copo”, como na passagem a seguir: “[...] Saberá, vossa real majestade, que Sargento Verde disse que se atrevia a subir e a descer as escadas do palácio montado no seu cavallo a toda a bride, dançando e atirando para o ar três limas e todas três cahirem n’um copo.” (ROMERO, 1885, p.19).

O segundo desafio também se difere nos dois contos. Em José Lins do Rego, a rainha diz ao rei que o Sargento Verde vai derrubar as fruteiras e plantar tudo novamente, além de fazer algumas árvores darem frutos de um dia para o outro:

[...] – Meu querido marido, o vosso vassallo, o Sargento Verde, anda falando por ahí que é capaz de derrubar todo o vosso sítio de fruteiras e plantar tudo de novo. E de uma noite fazer as bananeiras, as laranjeiras, os sapotizeiros darem frutos.” (REGO, 1936, p.104-105).

Em Silvio Romero, a rainha diz ao rei que o Sargento Verde somente plantaria uma bananeira na hora do almoço e no jantar ela estaria cheia de cachos de banana:

[...] Saberá, vossa real majestade, que Sargento verde disse que era capaz de plantar na hora do almoço uma bananeira no chão do palácio, e, quando fosse na hora do jantar, estar ella deitando cachos com bananas maduras. (ROMERO, 1885, p.19).

O terceiro desafio, também distinto em ambos os livros, consiste em, no texto de José Lins do Rego, o Sargento Verde ir até o fundo do mar e tomar da Mãe-d’água a princesa encantada que vive por lá amarrada por correntes. E, no de Silvio Romero, o terceiro desafio consiste em o Sargento Verde andar montado em seu cavalo no largo do palácio, por cima de duas fileiras de ovos sem quebrar nenhum.

O quarto desafio possui a mesma essência nos dois contos, mas apresenta algumas diferenças. Em José Lins do Rego, o Sargento Verde é desafiado a resgatar a filha do rei do fundo do mar. Em Silvio Romero, o desafio trata-se de o Sargento Verde ir ao fundo do mar buscar a irmã do rei, a princesa encantada. Ou seja, em José Lins do Rego, a princesa é filha do rei e em Silvio Romero, a princesa encantada é irmã do rei. Essa distinção entre filha e irmã é importante, pois isso altera o desfecho em ambos os contos.

Nos dois contos há um quinto desafio para o Sargento Verde, que consiste em fazer falar a princesa resgatada do fundo do mar.

O Sargento Verde consegue cumprir o desafio, entretanto, o que a princesa fala em cada história é diferente. Em José Lins do Rego, por exemplo, as primeiras palavras da princesa foram “pai, papai e Maria”, somente na segunda tentativa é que a moça dispara a falar:

[...] E assim foi. Quando o rei estava na mesa com a côrte, o Sargento Verde entrou e chamou a princesa muda. E mal ella se chegou, elle passou-lhe as cordas com toda a força. A moça abriu a boca. E foi logo dizendo “Pae, papae”, como menino novo. Na outra lapada, falou outra palavra, chamando pelo nome de Maria, que era o nome do sargento. E não disse mais nada. (REGO, 1936, p.112-113).

No conto de Silvio Romero, as palavras da princesa encantada foram “já, bela e tudo”:

[...] Ao sahir do mar a moça disse: “Já!” e o Sargento tomou nota. Estando um pouco adiante olhou para traz e avistou o bicho que vinha damnado correndo, largou o sal e logo gerou-se no mundo um nevoeiro tamanho que o bicho não pôde romper. Continuou; adiante a moça encantada disse: “Bella!” e elle tomou nota ainda. Olhando para traz, lá vinha o bicho outra vez: largou a carta de alfinetes e gerou-se uma matta serrada de espinhos e a fera não pôde passar. Já perto do palácio a moça disse “Tudo!”, e elle de novo tomou sentido, e chegaram ao fim da viagem, havendo muita alegria e muitas festas, e a rainha ainda mais perdida ficou pelo Sargento verde. No entanto, a princeza encantada não fallava; estava muda. (ROMERO, 1885, p.21).

Em Silvio Romero, as palavras ditas pela princesa encantada querem dizer o seguinte: “já”, quer dizer “Já estou livre de tantos trabalhos”, “bela”, quer dizer “são duas donzelas, ela e o Sargento verde, que se chama Lucinda”, e “tudo”, quer dizer “se Lucinda fosse homem, há muito el -rei, meu irmão, seria cornudo” (ROMERO, 1885, p.21). É nesse momento da narrativa de Silvio Romero que o Sargento Verde volta aos trajes de moça e o seu cavalo transforma-se em um lindo moço.

No final do conto de Romero, o moço bonito casa-se com a princesa desencantada e o rei casa-se com Lucinda, pois a rainha morr amarrada em dois burros bravos, conforme ordem do rei. Em José Lins do Rego, o final difere-se porque o Sargento Verde se desencanta na moça mais bela existente e casa-se com o seu cavalo magro, que também se desencanta em um lindo rapaz. A rainha, quando desmascarada pela filha do rei, sai correndo, tropeça, cai e quebra o pescoço. O rei, portanto, fica viúvo.

A diferenciação mostra uma punição trágica para a personagem má do conto de José Lins do Rego, ainda que no conto de Silvio Romero ela também tenha como desfecho a morte. Presumo que essa mudança de desfecho esteja relacionada à questão do adultério e que aparece de modo mais explícito em Silvio Romero: “[...] si Lucinda fosse homem, ha muito el- rei, meu irmão, seria cornudo” (ROMERO, 1885, p.21).

4.4 Aspectos gerais sobre *Histórias da velha Totônia*, de José Lins do Rego e *Contos populares do Brasil*, de Silvio Romero

Neste capítulo, objetivei mostrar as semelhanças e as diferenças entre os quatro contos que compõem o livro de José Lins do Rego, *Histórias da velha Totônia*, e os mesmos contos presentes em *Contos Populares do Brasil*, de Silvio Romero. Pelos aspectos apresentados neste capítulo, é possível observar que os contos de José Lins do Rego são muito mais detalhistas, descritivos e, portanto, mais extensos.

Essa diferença de detalhes, descrições e extensão entre os contos indica que mais do que uma adaptação dos contos de tradição oral, José Lins do Rego fez um trabalho de (re)criação literária tomando como base os contos recolhidos por Silvio Romero.

Em *Contos populares do Brasil*, verifica-se maior objetividade da narrativa, de modo que o foco é na apresentação dos fatos determinantes que constituem a trama em si. É possível presumir que ao ter como objetivo o registro de aspectos da cultura brasileira mediante a materialização em texto escrito de contos da tradição popular, Sílvio Romero não adentra a possíveis variações ou detalhes da história narrada. Como afirma Volobuef (2008):

[...] Seu trabalho busca fazer um mapeamento dos aportes recebidos pelo povo brasileiro para, a partir daí, chegar a uma noção mais nítida acerca das forças que confluíram para a composição intelectual e cultural da nossa gente. (VOLOBUEF, 2008, p.13).

Por outro lado, o trabalho de José Lins do Rego, ao retomar esses contos da tradição oral para construir um livro infantil, explora diferentes elementos a fim de tornar o livro adequado ao público ao qual se destina. Para isso, utiliza-se de artifícios, como descrições mais minuciosas, apresenta características psicológicas e morais das personagens, altera aspectos do desfecho e incrementa elementos fantásticos.

Essa distinção que se observa em *Histórias da velha Totônia* denota interpretar dois aspectos: o primeiro diz respeito ao fato de que José Lins do Rego, mais do que adaptar contos da tradição popular ou fazer o registro escrito, como de uma recolha, recria, reescreve esses contos em função de um objetivo e um público específico; o segundo diz respeito ao mecanismo de adaptação e de adequação dos contos em face do público – as crianças – considerando-se o entendimento de literatura infantil da época.

De acordo com Silva (2012), de maneira geral, o reconto pode ser entendido como a tradução ou adaptação de obras estrangeiras, conservando o gênero do texto original ou migrando para outro gênero. Conforme a autora, o ato de recontar “[...] implica simplificar trama e linguagem, tendo em mira a faixa do público a que os textos adaptados se destinam”

(SILVA, 2012, p.14). Os contos de José Lins do Rego, embora não procedam exatamente a uma simplificação do enredo, promove algumas pequenas alterações, como desfecho, determinados acontecimentos ou ação das personagens.

Silva (2012) afirma que nos contos de autoria literária é possível identificar a presença do narrador por meio da linguagem que ele utiliza para contar a história, que pode gerar em torno da sustentação do modelo original ou de sua alteração (SILVA, 2012). Caso haja alteração, como é o caso dos contos de José Lins do Rego, “[...] o narrador também escolhe o tom com que vai contar sua história, que pode ser sensível ou lírico; lúdico ou caricatural; reflexivo ou metafórico; moralista ou admonitório.” (SILVA, 2012, p.26). O narrador em *Histórias da velha Totônia* parece mesclar vários elementos para conseguir captar a atenção do seu público alvo – as crianças – utilizando-se ora de tom sensível, ora de tom poético, ora de tom moralizante, ora aproximando-se da oralidade.

Com relação à adaptação dos contos para o público infantil, José Lins do Rego faz uso de elementos que simbolizam o bem, o belo e o bom, de forma a imprimir um traço moralizante. De acordo com Oliveira (2015), entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, os primeiros discursos sobre literatura infantil produzidos por educadores e intelectuais da época como análise crítica da produção de livros para crianças existentes no Brasil até então, apresentam os requisitos que se consideram importantes nesse tipo de texto. Dentre esses requisitos, sobressaia-se, juntamente com a preocupação com o ajustamento da linguagem, a “influência” dos livros na formação moral dos pequenos leitores. Conforme explica Oliveira (2015), nos primeiros discursos sobre literatura infantil:

[...] quando a questão moral é tocada, isso se dá muito mais no sentido da formação de valores ligados ao convívio social, de preparação das crianças para agir conforme se considerava adequado socialmente, num sentido mais rousseauiano. [A partir dos anos 1940], quando se trata da questão moral ou da formação da “mente sã”, [...] se referem muito mais à questão de formação do caráter, da personalidade, que implica em seu comportamento futuro. Ou seja, de uma noção mais ligada às regras sociais, observa-se a mudança para uma noção de moralidade que se aproxima da questão psicológica-comportamental (OLIVEIRA, 2015, p. 85).

Em vista dessa “moralidade” e da questão “psicológica-comportamental”, diferentemente dos contos recolhidos por Silvio Romero, é presumível que a mudança de final que ocorre, por exemplo, no conto “O Sargento verde”, esteja relacionada ao fato de que escrever um conto cuja personagem é morta porque pretendeu cometer adultério fosse algo que deformaria o caráter da criança. Portanto, instruir o seu espírito com coisas boas e corretas pode ser mais adequado e necessário em um livro de literatura infantil da época. Nesse conto, em Silvio Romero há uma punição do homem, em José Lins do Rego há uma “fatalidade”.

Essa questão moral, visando a certa funcionalidade dos livros para crianças como um tipo de instrumento formativo, especialmente no âmbito da escola, também se verifica no texto de Lourenço Filho, “Como aperfeiçoar a literatura infantil”, de 1947:

A compreensão artística da literatura infantil demanda, portanto, a aceitação de uma estética “evolutiva”, ou genética, a ser estudada ou, ao menos, sentida pelos que escrevem. E como, também necessariamente, êsse desenvolvimento estético se relaciona com as demais evolução psicológica da criança e, em particular com a de sua formação ética – tomando aqui o termo, no mais largo sentido, de ajustamento e integração da personalidade – segue-se que o livro para crianças, embora aspire, por si mesmo, apenas o belo, mas o belo das idades infantis, torna-se, queríamos ou não, instrumento de profunda ação educativa. (LOURENÇO FILHO, 1947, p. 157).

Com relação à questão da religiosidade, presumo que esteja ligada à questão cultural da região Nordeste do Brasil e à própria tradição oral. No capítulo 21 do seu romance de estreia, *Menino de Engenho*, publicado no ano de 1932, o narrador-personagem Carlinhos conta ao leitor sobre a velha Totonha e as histórias que ela contava para a meninada todas as vezes que ia ao engenho. Nos relatos memorialísticos, o narrador lembra das histórias que a velha contava para ele e elementos do cristianismo, como o próprio Jesus Cristo, eram presentes nas narrativas:

Havia também umas viagens de Jesus Cristo com os apóstolos. Chegava Jesus para dormir num rancho com os seus companheiros. Os donos da casa eram pobres de fazer pena. Nem um pedaço de pão tinham para os hóspedes. Jesus mandou Pedro buscar o saco que ficara com os mantimentos. – Mestre, o saco está vazio. – Homem de pouca fé, vai ver o saco. São Pedro sabia que deixara o saco sem coisa nenhuma, mas foi. E encontrou duas cargas de farinha e de carne na porta. São Pedro nestas histórias era um homem que só acreditava no que via e estava sempre levando carão de Nosso Senhor. (REGO, 2017, p.74).

Entendo que essas marcas do cristianismo presentes em *Histórias da velha Totônia* sejam uma herança recebida da velha contadora de histórias, também como marca cultural do contexto em que o escritor viveu parte de sua vida.

O que se pode notar no trabalho de (re)escrita dos contos é que José Lins do Rego deu a eles um tom mais amistoso, destacando gestos e características positivas de suas personagens, sempre evidenciando suas qualidades em vista também das atitudes que tinham. Por tratar-se de um livro para crianças, especialmente a ser lido em atividades escolares, esse livro de algum modo dialoga com a ideia de formação dos pequenos que se tinha. Daí a mescla de elementos e acontecimentos fantásticos com reforço de características positivas em oposição às negativas. Daí a marcação de personagens bons e não tão bons mediante a descrição de atitudes. Isso se pode ver, por exemplo, no conto “O macaco mágico”, em que José Lins do Rego ressalta as características de Botelho como sendo um homem “santo”, “bondoso” e bastante conhecido entre os pobres por suas caridades.

Pode-se entender pela comparação entre os contos de José Lins do Rego e de sua “fonte”, os contos de Silvio Romero, que em José Lins do Rego há um claro diálogo com o ideal do início do século XX de a literatura infantil “eivar o espírito da criança”, mediante um texto agradável, com elementos que a interessem, sem perder de vista o destaque para os sentimentos nobres e dignos de serem cultivados, como bondade, generosidade, gratidão, entre outros.

CAPÍTULO V

HISTÓRIAS DA VELHA TOTÔNIA E A LITERATURA PARA CRIANÇAS NO BRASIL NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 *Histórias da velha Totônia e a produção literária no início do século XX*

De acordo com as proposições de estudiosos brasileiros sobre a história da literatura infantil, como Arroyo (1968), Lajolo e Zilberman (2004), esse gênero literário surgiu, no Brasil, entre o final do século XIX e início do século XX.

Como mencionei anteriormente, depois da implantação da Imprensa Régia, em 1808, os primeiros livros destinados ao público infantil que circularam no país foram adaptações e/ou traduções portuguesas de livros que circulavam pela Europa. De acordo com Lajolo e Zilberman (2004) essas traduções e/ou adaptações “[...] eram escritas num português que se distanciava bastante da língua materna dos leitores brasileiros.” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2004, p.31).

Em vista disso, no final do século XIX, com a expansão do ideal republicano e a defesa pela escolarização da infância, iniciou-se um movimento de “abrasileiramento” dessa literatura infantil. O nacionalismo e o patriotismo, por exemplo, passaram a ser o foco da temática nesses livros. A descrição de espaços e cenários brasileiros, bem como “[...] a presença e a exaltação da natureza e da paisagem” foram considerados como alguns “[...] dos símbolos mais difundidos da nacionalidade” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2004, p.39). Além disso, também ganhou destaque a preocupação com a escrita correta da língua nacional, dado que a língua se constituía como emblema de uma nação.

Carlos Jansen, por exemplo, traduziu e adaptou para o português brasileiro *Contos seletos das mil e uma noites* (1882), *Robinson Crusóé* (1885), *Viagens de Gulliver* (1888), *As aventuras do celeberrimo Barão de Münchhausen* (1891), *Contos para filhos e netos* (1894) e *D. Quixote de la Mancha* (1891). Figueiredo Pimentel traduziu e adaptou os clássicos dos irmãos Grimm, de Charles Perrault e de Hans Christian Andersen, que foram divulgados nos *Contos da Carochinha* (1894), *Histórias da avozinha* (1896) e nas *Histórias da baratinha* (1896). João Ribeiro traduziu o livro italiano *Cuore* (1891) e Arnaldo de Oliveira Barreto coordenou adaptações e traduções de livros que compuseram a Biblioteca Infantil Melhoramentos, a partir de 1915. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2004).

Esse movimento de formação da literatura infantil no Brasil esteve relacionado a diferentes mudanças pelas quais o Brasil vinha passando, dentre elas, o ideal de Educação ligado intimamente à ascensão da burguesia e à construção do aparelho escolar republicano. (MORTATTI, 2008a; LAJOLO; ZILBERMAN, 2004).

Conforme explica Mortatti (2001), a literatura infantil desse final do século XIX e início do século XX tinha a

[...] finalidade de ensinar às nossas crianças, de maneira agradável, valores morais e sociais assim como padrões de conduta relacionados com o engendramento de uma cultura escolar urbana e necessários do ponto de vista de um modelo republicano de instrução do povo. (MORTATTI, 2001, p.180).

Em vista disso, muito do que se considera como os primeiros livros literários escritos por brasileiros e publicados no Brasil tinha destinação escolar, como por exemplo, os livros de leitura. Como aponta Arroyo (1968) “[...] a literatura infantil propriamente dita partiu do livro escolar, do livro útil e funcional, de objetivo eminentemente escolar” (ARROYO, 1968, p.94).

Essa associação direta entre literatura infantil e escola começou a ganhar outra “feição” a partir dos anos 1920. De acordo com Mortatti (2001) “[...] articuladamente à expansão e solidificação do mercado editorial [...] mediante a priorização programática de seu efeito estético e sua função de deleitar” (MORTATTI, 2001, p.180), a literatura infantil passou a ganhar uma “certa” independência em relação à escola, devido ao fato do “[...] profundo interesse da criança por leituras” (ARROYO, 1968, p.119) e do lançamento do livro *Narizinho arrebitado* (1921), de Monteiro Lobato.

De acordo com Arroyo (1968), Monteiro Lobato trouxe em seu primeiro livro de literatura escolar, *Narizinho Arrebitado* (1921), “[...] as bases da verdadeira literatura infantil brasileira” (ARROYO, 1968, p.198). Isso deve-se ao fato de que o autor apresentou em seu livro um novo e diferente modelo de livro para crianças:

[...] o apêlo à imaginação em harmonia com o complexo ecológico nacional; a movimentação dos diálogos, a utilização ampla da imaginação, o enredo, a linguagem visual e concreta, a graça na expressão – tôda uma soma de valores temáticos e linguísticos que renova inteiramente o conceito de literatura infantil no Brasil, ainda prêso a certos cânones pedagógicos decorrentes da enorme fase da literatura escolar. Fase essa expressa, geralmente, num português já de si divorciado do que se falava no Brasil. (ARROYO, 1968, p.198).

Nesse sentido, também cumpre destacar que além de ter criado um modelo novo de literatura infantil, Monteiro Lobato teve papel importante na busca pelo reconto de narrativas de origem oral e popular, que se completou por meio “[...] de um estilo coloquial, de que estão ausentes a erudição e a preocupação com a norma gramatical” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2004, p.70).

Esse modelo de literatura lobatiana baseado nas narrativas de origem popular, bem como na presença de elementos da oralidade em seus textos coincidiu, de acordo com Lajolo

e Zilberman (2004), “[...] com uma conquista do Modernismo – a introdução da oralidade e do coloquial no texto literário – e com uma meta daquele movimento – o resgate do primitivo”. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2004, p.70). Em decorrência dos ideais desse movimento, houve grande utilização do folclore nacional nos livros de literatura infantil, gerando uma “[...] abundância de narrativas de procedência popular, encontradas em especial após a década de 1930” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2004, p.70).

Nesse contexto, novos autores passaram a escrever textos para crianças, sobretudo escritores modernistas de literatura adulta já consagrados. Muitos desses escritores, de modo original ou não, voltaram-se para o folclore, para as histórias populares e para as histórias de aventuras (LAJOLO; ZILBERMAN, 2004). São os casos, por exemplo, do próprio Monteiro Lobato em *Histórias de tia Nastácia* (1937); de Erico Verissimo em *As aventuras do avião vermelho* (1936); Graciliano Ramos em *A terra dos meninos pelados* (1939) ou em *Alexandre e outros heróis* (1944); Luís Jardim em *O boi aruá* (1940) e José Lins do Rego em *Histórias da velha Totônia* (1936).

De maneira geral, a literatura infantil das primeiras décadas do século XX após os anos 1920, possuía, como características principais, a presença da língua nacional, do folclore, de espaços e paisagens brasileiras.

Essas características justificam-se pelo fato de a literatura infantil ter estado associada ao projeto republicano de Nação do início do século XX, que dentre os seus ideais, considerou o saber como uma prioridade. Nesse sentido, houve campanhas pela instrução, pela alfabetização e pela escola e isso, de certa forma, impulsionou os intelectuais, educadores e editores a produzirem uma literatura infantil que fosse de fato nacional. Além disso, o mercado editorial de livros destinados às crianças era composto, em sua grande maioria, por obras estrangeiras. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2004).

Havia, nessas obras estrangeiras, um distanciamento entre a “[...] realidade linguística dos textos disponíveis e a dos leitores” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2004, p.31) e, em vista disso, surgiram muitos programas de nacionalização desses livros estrangeiros.

O livro infantil de José Lins do Rego, *Histórias da velha Totônia*, publicado em 1936, como aponteí, configura-se como uma (re)escrita de contos da tradição oral popular brasileira, portanto, em diálogo com as características das demais obras infantis do mesmo período.

O conto “O macaco mágico”, por exemplo, narra a história de um macaco esperto, arteiro e bondoso que resolve ajudar o seu amigo Botelho, um moço bom, humilde e bem pobre. Durante a narrativa, é possível notar a presença de animais representativos da fauna brasileira, como os pássaros sabiá, concriz e a patativa. Isso fica explícito nessa passagem:

[...] E chegando lá, tirou a sua flauta do bolso e começou a tocar. E veio logo chegando tudo que era passaro para ouvir o macaco. Nunca ali naquellas mattas passaro nenhum tinha tocado. Nem o sabiá gongá, de tardinha, cantava assim; nem o canario que fugiu da gaiola do rei, cantava daquelle jeito; nem os concriz, os que tocavam o que queriam, cantavam como a gaita do macaco Felisberto. As patativas olhavam uma para a outra, com vergonha de abrir o bico por aquellas matas.” (REGO, 1936, p.17-18).

Nesse mesmo conto, também pode-se notar a presença de paisagens brasileiras, como a mata, o engenho, o roçado, as várzeas: “[...] Mais adiante, viram uma fazenda de gado. Ninguém nem via o verde dos altos e das varzeas, era só gado pastando, uma belleza.” (REGO, 1936, p.28).

O conto “O príncipe pequeno” narra a história do príncipe João, que se perde ao sair para caçar e acaba chegando em um reino de gigantes, onde se vê obrigado a trabalhar como servo para o rei dos gigantes.

Nesse conto, José Lins do Rego utiliza expressões da língua falada, como pode-se notar nesta passagem: “[...] - **Que diabo!** Disse o rei para o seu thesoureiro” (REGO, 1936, p.74, grifos do pesquisador) ou ainda nesta outra passagem: “[...] O príncipe andou atraz do bicho o dia inteiro e quando foi quasi **á boquinha** da noite, elle se perdeu dentro de uma matta muito grande” (REGO, 1936, p.65, grifos do pesquisador).

Pode-se notar ainda, em “O príncipe pequeno”, elementos do folclore brasileiro, como a presença da mula sem cabeça: “[...] o rei mandou sellar uma mula-sem-cabeça que elle tinha pagado numa noite de quaresma, e sahiu como um doido pelas estradas [...]” (REGO, 1936, p.83).

Em “A cobra que era uma princesa”, história de uma princesa chamada Maria que nasceu com a cobra Labisminia enrolada em seu pescoço, José Lins do Rego traz situações da cultura brasileira misturados com elementos da cultura europeia, como a escravidão e os reis e rainhas: “[...] De noite e de dia o povo dançava e cantava na frente do Palacio. Ninguém pagou mais imposto, rei andava de dentes arreganhados de contente, satisfeito, tratando seus escravos com brandura” (REGO, 1936, p.42).

Um ponto comum entre todos os contos é a presença de situações que envolvem o fantástico e o maravilhoso. Nos quatro contos de *Histórias da velha Totônia* percebe-se elementos de fantasia, como o nascimento de uma menina com uma cobrinha no pescoço; moças transformadas em sargento vestido com roupa em cor verde; cavalo que fala e se transforma em um lindo rapaz; rainha encantada; macaco mágico, entre outros.

De maneira geral, a partir das passagens dos quatro contos de *Histórias da velha Totônia*, é possível perceber um diálogo entre esse livro e a época em que foi escrito. Dentre

os escritores de literatura infantil do período entre 1910-1940, sobretudo os da década de 1930, José Lins do Rego fez parte do grupo de autores que, ao escreverem os seus livros para crianças, apropriaram-se do folclore brasileiro e das narrativas de tradição oral popular para enveredar as suas histórias. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2004).

5.2 Literatura infantil e a formação escolar das crianças brasileiras nas três primeiras décadas do século XX

Como mencionei, até o início do século XX, a distinção entre “literatura infantil” e “literatura escolar” era bastante complexa, pois ora esses termos eram tomados como sinônimos, ora não, de tal modo que muitos livros literários que tinham como destinação o ensino da leitura e livros de leitura, em momentos subsequentes, passaram a ser considerados literários. Esse é o caso, por exemplo, de *Narizinho arrebitado*, de Monteiro Lobato. Nesse sentido, a literatura escolar esteve na base do desenvolvimento da literatura infantil brasileira, de modo a exercer papel relevante “[...] não só quanto ao espírito pedagógico”, mas também “[...] revelando e preparando, despertando e cultivando o hábito da leitura entre as crianças da época” (ARROYO, 1968, p.98).

Nesse sentido, para entender a literatura infantil também se faz necessário, dentre outros aspectos, entender os pressupostos da escola republicana e o seu projeto de formação das crianças brasileiras.

Com a proclamação da República em 1889, a educação passou a ser considerada pelos republicanos como elemento fundamental para a “regeneração da Nação” (SOUZA, 1998). Nesse sentido, a educação por eles idealizada teve como principais objetivos a moralização e a civilização do povo e foi considerada como sinônimo da “ordem”, do “progresso social” e da “cidadania” (SOUZA, 1998).

Em vista disso, a escola pública primária das primeiras décadas da República foi o principal meio pelo qual os ideais republicanos foram difundidos. Ela foi, segundo Souza (1998), “[...] a escola da República e para a República” (p.28) e, por conta disso, passou por muitas transformações em seu modo de funcionamento, tendo:

[...] novas finalidades, outra concepção educacional e organização de ensino. O método individual cedeu lugar ao ensino simultâneo; a escola unitária foi, paulatinamente, substituída pela escola de várias classes e vários professores, o método tradicional dá lugar ao método intuitivo [...]. (SOUZA, 1998, p.29).

Como a escola popular representou um importante “[...] instrumento de reforma social, deveria ser completamente renovada de acordo com os padrões educacionais considerados os mais modernos na época” (SOUZA, 1998, p.159).

Baseados nessa nova proposta de educação, os republicanos criaram os grupos escolares³⁵ (chamados inicialmente de escolas centrais ou escolas graduadas) (SOUZA, 1998). De acordo com Razzini (2007a) São Paulo foi o primeiro estado da República a modernizar a educação popular e, em vista disso, “[...] desencadeou a expansão da produção de livros didáticos” (RAZZINI, 2007a, p.25).

De acordo com Panizzolo (2011) esse novo modelo de escola proposto pelos republicanos “[...] teria sido o mais importante estímulo para que os educadores brasileiros se dedicassem à escrita de livros de leitura e livros didáticos para o uso dos professores” (PANIZZOLO, 2011, p.1). Isso deveu-se ao fato de a leitura ter sido considerada “[...] elemento essencial da formação escolar e também indispensável para o sucesso do regime republicano” (FERREIRA, 2019, p.32).

A leitura era uma “[...] prática escolar hegemônica nos quatro anos de curso primário, não só porque o ensino da língua materna detinha a maior carga horária do currículo, mas também porque se tornara a base do método simultâneo e do ensino de outras matérias” (RAZZINI, 2007b, p.3).

Nesse sentido, a leitura era considerada como uma habilidade importante para a “[...] inserção numa sociedade da escrita” (SOUZA, 1998, p.177) e acreditava-se que ela criaria “[...] oportunidades inequívocas de formação de caráter” (SOUZA, 1998, p.177).

Com o intuito de criar uma educação “moderna e civilizada” por meio da leitura, os livros de leitura passaram a ter papel de grande importância na “[...] formação do cidadão republicano, mobilizando diversos temas e conteúdos (morais, cívicos, científicos, higiênicos, geográficos, históricos, cotidianos, infantis, etc)” (RAZZINI, 2007b, p.3).

Após a expansão da escolarização, a leitura escolar foi se tornando objeto de interesse dos intelectuais e educadores e, em vista disso, a literatura infantil foi compreendida como importante meio de ensino. Em decorrência disso, ainda não era consenso entre os intelectuais o termo utilizado para se referir aos livros de literatura infantil. Conforme afirma Oliveira (2015, p.39) eram recorrentes expressões como “[...] “livros escolares”, “livros para crianças”, “livros de crianças” e “literatura didática”.”.

³⁵ Tratavam-se de escolas públicas primárias de “[...] educação integral com um programa enriquecido e enciclopédico; [...] de acesso obrigatório, generalizado e universalizado” (SOUZA, 1998, p.31-32).

Por ser a escola o lugar privilegiado da circulação dos livros de literatura infantil, foram, de modo geral, as pessoas ligadas a essa instituição e às práticas que nela se desenvolviam que se debruçaram com maior empenho na tentativa de compreender e sistematizar os saberes sobre literatura infantil. (OLIVEIRA, 2015, p.82).

Com base nisso, pode-se afirmar que mais do que saber ler, para os educadores da época, importava saber qual era o melhor tipo de livro que as crianças leriam. Ou seja, a preocupação desses educadores era a de garantir que esses livros fossem, de fato, adequados para as crianças, seja do ponto de vista didático, seja do ponto de vista formativo mais amplo, como a moral republicana.

Com o gradativo crescimento da produção literária destinada às crianças, sobretudo após a década de 1920, educadores e intelectuais da época passaram a voltar a sua atenção a esses livros, sobretudo para problematizar possíveis perigos que esses livros podiam representar dentro de um projeto republicano de formação das crianças (OLIVEIRA, 2015).

De modo geral, esses textos buscavam analisar as relações e contribuições dos livros de literatura infantil em face dos métodos de ensino vigentes, bem como destacavam as características fundamentais que um livro destinado ao público infantil deveria conter, como: a representação do fantástico e o uso de formas “simples” e “objetivas” (OLIVEIRA, 2015). Além disso, na medida em que o debate sobre os livros infantis foi se adensando, a discussão em torno desse gênero literário passou a condenar a representação que se considerava pouco formativa da moral, como vandalismo e criminalidade, sob a acusação de que esses livros podiam “deformar” a personalidade infantil (OLIVEIRA, 2015).

A partir desse entendimento, ao analisar *Histórias da velha Totônia* é possível notar sua vinculação com esses aspectos. No conto “O Sargento verde” de *Histórias da velha Totônia*, por exemplo, evidenciam-se valores morais, em que ajudar é sinônimo de ter um coração bondoso, digno de ser recompensado, como nota-se nesta passagem: “[...] -Ah, minha filha, como o teu coração é grande! Por aqui passou gente de toda a qualidade e ninguém se lembrou de me ajudar. Por isso eu quero te ajudar também.”. (REGO, 1936, p.92).

Também nesse sentido, presumo que seja por conta desse debate sobre a literatura infantil da primeira metade do século XX, que as notícias veiculadas nos jornais³⁶ desse período a respeito do livro *Histórias da velha Totônia* consideraram-no como de “boa qualidade”, adequado à infância e que ajudava a moldar o espírito infantil, pois atendia à certas características consideradas fundamentais em um livro infantil, como a linguagem simples, a fantasia, a moral, o maravilhoso.

³⁶ Conferir o Capítulo II desta dissertação.

No conto “O príncipe pequeno”, por exemplo, é possível observar a presença de elementos característicos da moral cristã, evidenciados pelo narrador em um momento de reflexão da personagem que acreditava que o que estava vivendo era fruto de sua desobediência à sua mãe e fruto de sua perseguição aos “animais de Deus”:

[...] Bem que sua mãe lhe disse: “João, para que tu te mettes a matar os bichos e os passarinhos de Deus? João, que coração é o teu que não se importa com a vida dos animaes?” E elle não ouviu os conselhos de sua mãe e sahiu atraz daquelle veado que corria mais que os cachorros de raça. E dera naquillo. (REGO, 1936, p.70).

De modo geral, pode-se observar que à medida que os livros de literatura infantil começaram a ser produzidos em maior quantidade no país e passaram a circular nas escolas públicas primárias, aumentou a preocupação com relação a eles porque poderiam “violiar” o caráter da criança.

Os discursos sobre literatura infantil da primeira metade do século XX delinearum um modelo de literatura infantil, cuja função era a de instruir e divertir e que precisavam atender às questões de linguagem e de requisitos materiais, como as ilustrações, o tamanho da letra, o papel, a qualidade de impressão. (OLIVEIRA, 2015).

5.3 *Histórias da velha Totônia* e a estética literária para crianças

Com base nos aspectos que apresentei em relação ao livro *Histórias da velha Totônia*, publicado em 1936 pela José Olympio Editora, entendo ter sido possível identificar como se configura o modelo de estética literária para crianças de José Lins do Rego.

Frutos de textos da tradição oral, com origem sobretudo europeia, os contos que compõem *Histórias da velha Totônia* possuem elementos que eram considerados imprescindíveis em um livro de literatura infantil.

O primeiro desses elementos é a questão da linguagem simples e com marcas da oralidade. José Lins do Rego escreveu de maneira simples os seus contos para as crianças, de maneira clara e sem a presença de vocábulos complexos, distantes do universo infantil. Por outro lado, mediante uso de construções sintáticas típicas da fala e pelo uso de vocábulos oriundos da tradição oral popular, esse livro conecta-se com um traço mais amplo da estética de José Lins do Rego, decorrente de sua atuação no movimento regionalista. Para os livros infantis da época, ainda que se defendesse que os livros para crianças tivessem que apresentar linguagem escrita correta, pois eram entendidos como instrumento de treino da leitura e ensino da língua, essa marca do regionalismo não parece ter sido encarada pelos críticos da

época como um problema. Haja vista o quão a linguagem do livro foi aclamada nos artigos que apresentei no Capítulo 2.

Outro elemento presente em *Histórias da velha Totônia* e que entendo caracterizar a estética literária para crianças de José Lins do Rego é a questão da presença do fantástico e do maravilhoso em suas histórias. Princesas encantadas, macaco mágico, dragões, gigantes, meninas que nascem enroladas com uma cobra no pescoço, desafios impossíveis, são elementos que foram considerados importantes para a manutenção da imaginação infantil. Embora o fantástico e o maravilhoso fizessem parte dos contos nos quais José Lins do Rego se baseou para escrever *Histórias da velha Totônia*, como demonstrei na análise comparativa, o escritor paraibano amplia esses elementos, num possível diálogo com a ideia recorrente à época que esse tipo de texto era mais atrativo para o público infantil.

Também a descrição das emoções e dos sentimentos das personagens, a oposição entre bem e mal, entre belo e feio, bom e ruim, são elementos que identificam a presença de aspectos morais nos contos. Entretanto, mais do que uma simples moral, esses aspectos giram em torno de uma moral cristã que, ao lado de Nossa Senhora, do diabo, do santo, a todo momento aparecem junto de Deus nos contos de José Lins do Rego.

A presença de elementos da fauna, da cultura e das regiões brasileiras, como os sabiás, o concriz, a patativa, os engenhos, o cangaço, os escravos, a mata, misturados com os reinos da Europa, constroem uma aproximação dos contos ao Brasil da época (embora a origem da maior parte dos contos fosse europeia), dialogando com o esforço de “abrasileiramento” dos textos.

Em face desses pontos que aqui elenquei, em sintonia com o ideal de formação escolar republicano, que via na educação o caminho para o avanço e modernização do país, alinhado com o modelo de criança, moldável e educável para agir em prol da República, José Lins do Rego produziu um livro nos termos do que se considerava “bom” à época, porém, com traços de inventividade, de leveza e beleza na escrita.

5.4 À guisa de concluir...

Nesta dissertação de mestrado, apresentei resultados da pesquisa que desenvolvi com os objetivos de contribuir para a produção de uma história da literatura infantil e juvenil e compreender como se configura o modelo de estética literária para crianças em livros

produzidos ao longo do século XX. Para isso, elegi como *corpus* privilegiado da pesquisa o livro *Histórias da velha Totônia*, de autoria de José Lins do Rego.

Elogiada pela crítica e por muitas vezes tendo a sua qualidade justificada ou associada ao fato de que José Lins do Rego já era escritor reconhecido à época de publicação de *Histórias da velha Totônia*, os dados que expus aqui possibilitam compreender que esse livro não apresenta em seus contos enredo original, mas é fruto de uma adaptação e reescrita de contos populares de tradição oral brasileira.

Os quatro contos que compõem o livro de José Lins do Rego apresentam um diálogo, no que tange à trama, com quatro contos registrados no livro *Contos Populares do Brasil* (1885), de Sílvio Romero.

Nesse sentido, considero que José Lins do Rego, ao escrever *Histórias da velha Totônia*, buscou valorizar o trabalho de contação de histórias das negras, velhas, amas, escravas que fizeram parte da cultura popular brasileira e que levaram de geração a geração as marcas do narrador popular. Esses contos que José Lins do Rego apresenta em seu livro são heranças de uma dessas contadoras de histórias de sua infância, a velha Totônia, a quem o autor dedica o seu livro infantil, como visto em sua apresentação.

Com base na análise que apresentei, os contos de *Histórias da velha Totônia* são narrados em terceira pessoa, o que sugere a voz de um adulto contando histórias para crianças leitoras (como a das velhas e velhos contadores de histórias); possuem uma linguagem simples, marcada por traços da oralidade; carregam consigo aspectos do movimento Regionalista; possuem certa intencionalidade moralista, como aspectos de posição de sentimentos, de características psicológicas e comportamentais que são tidas como adequadas e inadequadas, como o bem e o mal, o bom e o ruim, o caridoso e o egoísta, além disso, há a presença de castigos como consequência da maldade, e o casamento e o encontro do príncipe encantado como recompensa e felicidade. Contudo, não observei em seus contos uma rigidez relacionada a esses aspectos.

Essas características observadas em *Histórias da velha Totônia* dialogam com os elementos necessários em um livro de literatura infantil, como a moral, o fantástico e o uso de formas “simples” e “objetivas”, diretamente relacionada ao propósito do ensinar (OLIVEIRA, 2015).

Tendo sido considerada como a principal forma de consolidação do projeto republicano do início do século XX de modernizar, regenerar e formar o cidadão da Nação brasileira, a escola passou a ser o *locus* privilegiado da disseminação desse ideal. A leitura, como habilidade importante para a formação do caráter e como porta para a entrada em uma

sociedade escrita, foi o foco de atenção desse ideal republicano. Nesse sentido, com o aumento da alfabetização e com a crescente produção de livros voltados para as crianças, entender, indicar e “fiscalizar” aquilo que elas liam foi a preocupação dos intelectuais e educadores até a primeira metade do século XX.

Em vista disso, discursos sobre literatura infantil começaram a surgir e a denunciar os livros que não eram adequados às crianças, como aqueles que “desvirtuavam” a sua moral, que não estavam a serviço do “belo” (como valor estético) e do “bem” (como valor moral) (OLIVEIRA, 2015, p.335).

Com base nesses aspectos, pode-se considerar que todos esses elementos, de alguma maneira, estiveram relacionados ao modo como José Lins do Rego escreveu *Histórias da velha Totônia* e, portanto, contribuíram para a produção de uma estética literária voltada para as crianças nos anos 1930, no século XX.

REFERÊNCIAS

ABDALA JR, Benjamin. Dados bibliográficos do autor. In: REGO, José Lins do Rego. *Meus verdes anos*. Memórias. 9ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

ABREU, Raquel de. *A Série de Leitura Graduada Pedrinho (1953-1970) e a perspectiva de socialização em Lourenço Filho*. Florianópolis: Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação de Mestrado, 2009, 259 f.

AGUIAR E SILVA, V. M. *Teoria da literatura*. 8ª ed. Coimbra: Almedina, 1988.

ALEXANDRE, Fernando Luiz. *Literatura e educação na memória de uma cidade: um olhar sobre Thales Castanho de Andrade*. São Paulo: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado, 2007, 230 f.

AMOROSO LIMA, Alceu. Literatura infantil. In: _____. *Estudos*. 1ª. série. 2ª ed. Rio de Janeiro: A Ordem, 1927.

ARROYO, L. *Literatura infantil brasileira*. Ensaio de Preliminares para a sua História e suas Fontes. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1968.

AZEVEDO, F. A literatura infantil numa perspectiva sociológica. *Sociologia – (Escola de Sociologia e Política)*, v. XIV, n.1, mar. 1952.

BELLOTO, H. L. Os instrumentos de pesquisa no processo historiográfico. In: *Congresso Brasileiro de Arquivologia*, n.4, 1979, Anais..., p.133-147.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. *Lourenço Filho e a literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

CADEMARTORI, Ligia. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CANDIDO, Antonio. *A formação da literatura brasileira*. Momentos decisivos. 1º volume (1750-1836). 6ª ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.

_____. *A formação da literatura brasileira*. Momentos decisivos. 2º volume (1836-1880). 6ª ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.

_____. *Literatura e Sociedade*. 8ª ed. São Paulo: T.A. Queiroz; Publifolha, 2000.

_____. Literatura e subdesenvolvimento. In: CANDIDO, A. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989, p. 140-162.

_____. A Revolução de 1930 e a Cultura. *Novos Estudos Cebrap*, v.2, n.4, abr. 1984, p. 27-36.

CECCANTINI, J. L. C. T. Perspectivas de pesquisa em literatura infanto-juvenil. In: CECCANTINI, J. L. C. T. (org.). *Leitura e literatura infanto-juvenil: Memória de Gramado*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004, p.19-37.

CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1990.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*. São Paulo: Quíron, 1983.

COSTA, Amanda Karoline Alves. Monteiro Lobato e José Lins do Rego: um diálogo possível na literatura infanto-juvenil brasileira. In: *Congresso Nacional de Literatura*, n.3, 2016, p. 64-71.

DICIONÁRIO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros. Secretaria de Estado da Cultura, 1996.

DÓRIA, Sampaio. Methodologia do ensino e literatura didática. *Revista de Ensino*. São Paulo, 1918.

FERREIRA, Mayara Ribeiro. *Livros de leitura suplementar na história da alfabetização paulista*. Guarulhos: Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo. Trabalho de Conclusão de Curso, 2019, 67 f.

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). *Teoria Literária*. Abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3ª ed. Maringá: Eduem, 2009.

FREYRE, Gilberto. *O Manifesto Regionalista*. Recife: INPJM, 1976.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Amansando Meninos: uma leitura do cotidiano da escola a partir da obra de José Lins do Rêgo (1890-1920)*. João Pessoa: Editora Universitária, 1998.

GENETTE, G. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Veja, 1979.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. Sua história. 2ª ed. revista e ampliada. Tradução de Maria da Penha Villalobos; Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Edusp, 2005.

LAFETÁ, João Luíz. *1930: A crítica e o Modernismo*. 2ª ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades; Editora 34, 2000.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. São Paulo: Ática, 2004.

LE GOFF, J. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão. 5ª ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LINDEN, Sophien Van der. *Para ler o livro ilustrado*. Tradução de Dorothée de Bruchard. 1ª ed. São Paulo: SESI-SP, 2018.

LOURENÇO FILHO, M. B. Como aperfeiçoar a literatura infantil. *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, v.3, n.7, 1943, p.146-169.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. Entre a literatura e o ensino: um balanço das tematizações brasileiras (e assisenses) sobre literatura infantil e juvenil. *Miscelânea*. V.3, p.247-257, 1998.

MEIRELES, C. *Problemas da Literatura Infantil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MORTATTI, M. do R. L. *Os sentidos da alfabetização: São Paulo/1876-1994*. 1ª ed. 5ª reimp. São Paulo: Editora UNESP, 2000b.

_____. Notas sobre linguagem, texto e pesquisa histórica em educação. *História da Educação*. Pelotas, v.6, n.6, out. 1999, p.69-77.

_____. Leitura crítica da literatura infantil. *Itinerários*, Araraquara, n.17, 2001, p.179-187.

_____. Literatura infantil e/ou juvenil: “a prima” pobre da pesquisa em Letras?. *Revista Guavira Letras*. Três Lagoas, n.6, mar. 2008a, p.43-52.

MORTATTI, M. do R. L.; OLIVEIRA, F. R. de. Produção acadêmica brasileira sobre literatura infantil (1970-2016): desafios de um campo em constituição. In: SILVA, M. C. da.; BERTOLETTI, E. N. M (orgs.). *Literatura, leitura e educação*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2017.

OLIVEIRA, F. R. de. *O ensino de literatura infantil em Compêndio de literatura infantil: para o 3º ano normal (1959)*, de Bárbara Vasconcelos de Carvalho. Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. Dissertação de Mestrado, 2010, 253 f.

OLIVEIRA, F. R. de. *História do ensino da literatura infantil na formação de professores no estado de São Paulo (1947-2003)*. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2015, 356 p.

OLIVEIRA, V. V. de. *As raízes da poesia infantil de Zalina Rolim, em Livro das Crianças*. João Pessoa: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba. Dissertação de Mestrado, 2017, 142 f.

PANIZZOLO, Claudia. Civilizar, educar e instruir: a infância impressa nos livros de leitura. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH. São Paulo, jul 2011, p.1-15. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300851459_ARQUIVO_Civilizar,educar_einstruir_ClaudiaPanizzolo.pdf. Acesso em jan. 2020.

PEIXOTO, Afrânio. *Ensinar a ensinar: ensaios de pedagogia aplicada à educação nacional*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1923.

PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.

PROPP, Vladimir I. *Morfologia do conto maravilhoso*. Editora: CopyMarket.com, 2001. Disponível em:

https://monoskop.org/images/3/3d/Propp_Vladimir_Morfologia_do_conto_maravilhoso.pdf. Acesso em jun. 2019.

RAMOS, Graça. *A imagem nos livros infantis*. Caminhos para ler o texto visual. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

RAFFAINI, Patricia Tavares. *Livros para morar*. Uma história dos livros para crianças e jovens no Brasil (1860-1920). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Relatório de Pós-Doutoramento, 2016, 153 f.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregório. *Produção de livros didáticos e expansão da escola elementar em São Paulo: a Tipografia Siqueira e a Editora Melhoramentos*. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política e Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Relatório de Pós-Doutoramento, 2007, 202 f.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregório. Produção de livros didáticos e expansão escolar em São Paulo (1889-1930). *Língua escrita*. Belo Horizonte, v. 1, 2007b.

REGO, José Lins do Rego. *Histórias da velha Totônia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

_____. Notas sobre Gilberto Freyre. In: FREYRE, G. *Região e Tradição*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944, p. 11.

_____. *Histórias da velha Totônia*. São Paulo: Edições Melhoramentos, s/d.

_____. *Histórias da velha Totônia*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. *Meus verdes anos*. Memórias. 9ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

_____. *Histórias da velha Totônia*. 22ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

_____. *Menino de Engenho*. 108ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

REUTER, Jean-Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Tradução Murilo Pontes. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

RIZZINI, Jorge. *Histórias de Monteiro Lobato (Para a Infância e Juventude)*. São Paulo: Editora Piratininga, s/d.

ROMERO, Silvio. *Contos Populares do Brasil*. Lisboa: Nova Livraria Internacional, 1885.

_____. *Contos Populares do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Landy Editora, 2008.

SANTINI, Juliana. A Formação da Literatura Brasileira e o regionalismo. *O eixo e a roda*. Belo Horizonte, v.20, n.1, 2011, p.69-85.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. O Brasil de Sílvio Romero: uma leitura da população brasileira no final do século XIX. *Projeto História* (PUCSP), v.42, jun. 2011, p.163-183.

SILVA, V. M. T. Sobre contos e recontos (nos 200 anos de *Kinder-und Hausmärchen*, dos irmãos Grimm, 1812-2012). In: AGUIAR, V. T.; MARTHA, A. A. P. (Org.). *Conto e reconto: das fontes à invenção*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

SILVA, A. P. S. M. da. *O universo infantil e escolar em Poesias Infantis, de Olavo Bilac*. João Pessoa: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba. Dissertação de Mestrado, 2018, 123 f.

SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo: (1890-1910)*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

STANISLAVSKI, Cleila de Fátima Siqueira. *A coleção de leitura escolar: Série Thales de Andrade (1928-1964): reflexões sobre a leitura escolar no Brasil*. Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. Tese de Doutorado, 2011, 204 f.

VIÑAO FRAGO, A. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. *Revista Brasileira de Educação*, n.0, set/out/nov/dez. 1995, p.63-82.

VOLOBUEF, Karin. Prefácio. In: ROMERO, Silvio. *Contos populares do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Landy Editora, 2008.

Jornais

A NAÇÃO. O que o Rio lê? *A Nação*. Anno IV, n.1182. Rio de Janeiro, 15 de nov. 1936, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=120200&pesq=hist%C3%B3rias%20da%20velha%20totonia&pasta=ano%20193>. Acesso em 11 de jun. 2019.

A NAÇÃO. Historias da velha Totonia. *A Nação*. Anno IV, n. 1.194. Rio de Janeiro, 29 de nov. 1936, p. 1-2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=120200&pesq=hist%C3%B3rias%20da%20velha%20totonia&pasta=ano%20193>. Acesso em 11 de jun. 2019.

BOLETIM DE ARIEL. José Lins do Rego. Historias da velha Totonia. Liv. José Olympio – Rio. Anno VI, n.4. Rio de Janeiro, jan. 1937, p.101. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=072702&pesq=hist%C3%B3rias%20da%20velha%20totonia&pasta=ano%20193>. Acesso em 11 de jun. 2019.

CORREIO DA MANHÃ. Da infância. *Correio da Manhã*. Anno XXXVII, n. 13.233. Rio de Janeiro, 30 de dez. 1937, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=hist%C3%B3rias%20da%20velha%20totonia&pasta=ano%20193. Acesso em 11 de jun. 2019.

CORREIO DE S. PAULO. Historias da velha Totonia. Livro para crianças de José Lins do Rego. *Correio de S. Paulo*. Anno V, n. 1.357. São Paulo, 19 de nov. 1936, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720216&pesq=hist%C3%B3rias%20da%20velha%20totonia&pasta=ano%20193>. Acesso em 11 de jun. 2019.

CORREIO DE S. PAULO. O sucesso de um livro infantil. *Correio de S. Paulo*. Anno V, n. 1.395. São Paulo, 7 de jan. 1937, p. 7. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720216&PagFis=10680&Pesq=hist%c3%b3rias%20da%20velha%20totonia>. Acesso em 11 de jun. 2019.

CORREIO PAULISTANO. Historias da velha Totonia. *Correio Paulistano*. Anno LXXXIII, n. 24.773. São Paulo, 17 de dez. 1936, p. 9. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_08&pesq=hist%C3%B3rias%20da%20velha%20totonia&pasta=ano%20193. Acesso em 11 de jun. 2019.

DIARIO CARIOCA. Historias da velha Totonia, de José Lins do Rego. *Diario Carioca*. Anno IX, n.77. Rio de Janeiro, 2 de dez. 1936, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093092_02&PagFis=27698&Pesq=hist%c3%b3rias%20da%20velha%20totonia. Acesso em 11 de jun. 2019.

DIARIO DE PERNAMBUCO. Letras e Artes. *Diario de Pernambuco*. Anno 11, n. 345. Recife, 25 de dez. 1937, p.1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_11&PagFis=27339&Pesq=hist%c3%b3rias%20da%20velha%20totonia. Acesso em 11 de jun. 2019.

DIARIO DE PERNAMBUCO. A meninada de parabéns. *Diario de Pernambuco*. Anno 112, n. 40. Recife, 24 de dez. 1936, p.12. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_11&pesq=hist%C3%B3rias%20da%20velha%20totonia&pasta=ano%20193. Acesso em 11 de jun. 2019.

DIARIO DE PERNAMBUCO. Historia da velha Totonia – Livraria José Olympio Editora – Rio 1936. *Diario de Pernambuco*. Anno 112, n. 47. Recife, 03 de jan. 1937, p.3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_11&PagFis=22633&Pesq=hist%c3%b3rias%20da%20velha%20totonia. Acesso em 11 de jun. 2019.

FOLHA DA MANHÃ. A política da velha Totônia. *Folha da manhã*. Anno XII, n. 4.062. São Paulo, 13 de jun. 1937, p. 8. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=28937&keyword=%22Historias+da+velha+Totonia%22&anchor=4581290&origem=busca&pd=defeb9f368c5f91f7a92a4f91c698fc2>. Acesso em 01 de jan. 2020.

FOLHA DE S. PAULO. Outros livros para meninos. *Folha de S. Paulo*. Anno 61, n. 19.072. São Paulo, 21 de jun. 1981, p.2. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=7714&keyword=%22Historias+da+velha+Totonia%22&anchor=4188468&origem=busca&pd=482b7ea54985f5d7a839e875ed12980a>. Acesso em 01 de jan. 2020.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Bibliographia. *Gazeta de Notícias*. Anno 62, n. 289. Rio de Janeiro, 6 de dez. 1936, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_06&PagFis=11039&Pesq=hist%c3%b3rias%20da%20velha%20totonia. Acesso em 11 de jun. 2019.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Historias da velha Totonia. *Gazeta de Notícias*. Anno 63, n. 45. Rio de Janeiro, 21 de fev. 1937, p.7. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_06&pesq=hist%C3%B3rias%20da%20velha%20totonia&pasta=ano%20193. Acesso em 11 de jun. 2019.

JORNAL DO COMMERCI0. Aventuras com imaginação. *Jornal do Commercio*. Ano 167, n. 227. Rio de Janeiro, 6 de jul. 1994, p. 22. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_18&pesq=hist%C3%B3rias%20da%20velha%20totonia&pasta=ano%20199. Acesso em 11 de jun. 2019.

JORNAL DO BRASIL. Bibliografia. *Jornal do Brasil*. Ano XLVI, n. 279. Rio de Janeiro, 24 de nov. 1936, p. 13. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_05&PagFis=72773&Pesq=hist%C3%B3rias%20da%20velha%20tot%C3%B4nia. Acesso em 11 de jun. 2019.

JORNAL DO BRASIL. A criançada e José Lins do Rego. *Jornal do Brasil*. Ano XLVI, n. 33. Rio de Janeiro, 9 de fev. 1937, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_05&PagFis=72773&Pesq=hist%C3%B3rias%20da%20velha%20tot%C3%B4nia. Acesso em 11 de jun. 2019.

O CRUZEIRO. Histórias da velha Totonia. Ed. José Olympio. José Lins do Rego. *O Cruzeiro: Revista Semanal Ilustrada*. Anno IX, n. 8. Rio de Janeiro, 26 de dez. 1936, p. 24. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&pesq=hist%C3%B3rias%20da%20velha%20totonia&pasta=ano%20193>. Acesso em 11 de jun. 2019.

O CRUZEIRO. Livros para meninos. *O Cruzeiro: Revista Semanal Ilustrada*. Rio de Janeiro, 10 de fev. 1962, p. 36. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&pesq=hist%C3%B3rias%20da%20velha%20totonia&pasta=ano%20196>. Acesso em 11 de jun. 2019.

O JORNAL. Um livro infantil de José Lins do Rego. *O Jornal*. Ano XVIII, n. 5.364. Rio de Janeiro, 9 de dez. 1936, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_03&pesq=hist%C3%B3rias%20da%20velha%20totonia&pasta=ano%20193. Acesso em 11 de jun. 2019.

O JORNAL. José Lins do Rego. Histórias da velha Totonia. Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro. *O Jornal*. Anno XVIII, n. 5.380. Rio de Janeiro, 27 de dez. 1936, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_03&pesq=hist%C3%B3rias%20da%20velha%20totonia&pasta=ano%20193. Acesso em 11 de jun. 2019.

O JORNAL. Livros para crianças. *O Jornal*. Ano XXXIX, n. 12.255. Rio de Janeiro, 17 de dez. 1960. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_06&pesq=hist%C3%B3rias%20da%20velha%20totonia&pasta=ano%20196. Acesso em 11 de jun. 2019.

O TICO-TICO. Histórias da velha Totonia. *O Tico-Tico*. Anno XXXIII, n. 1.628. Rio de Janeiro, 16 de dez. 1936, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153079&pesq=hist%C3%B3rias%20da%20velha%20totonia&pasta=ano%20193>. Acesso em 11 de jun. 2019.

TRIBUNA DA IMPRENSA. Toda a cidade voltada para José Lins do Rego. *Tribuna da Imprensa*. Ano IX, n. 2.299. Rio de Janeiro, 27-28 de jul. 1957, p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_01&pesq=hist%C3%B3rias%20da%20velha%20totonia&pasta=ano%20195. Acesso em 11 de jun. 2019.

TRIBUNA DOS LIVROS. Homenagem. *Tribuna dos Livros*. Ano I, n. 38. Rio de Janeiro, 21-22 de set. 1957, p. 7. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_01&pesq=hist%C3%B3rias%20da%20velha%20totonia&pasta=ano%20195. Acesso em 11 de jun. 2019.

VAMOS LÊR. Literário. *Vamos Lêr!* Anno II, n. 32. Rio de Janeiro. 11 de mar. 1937, p. 55. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=183245&pesq=hist%C3%B3rias%20da%20velha%20totonia&pasta=ano%20193>. Acesso em 11 de jun. 2019.

APÊNDICE A

**BIBLIOGRAFIA *DE E SOBRE* JOSÉ LINS DO REGO: UM INSTRUMENTO DE
PESQUISA**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO – UNIFESP
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS – EFLCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

AMANDA TOPIC EBIZERO

**BIBLIOGRAFIA *DE E SOBRE* JOSÉ LINS DO REGO: UM INSTRUMENTO DE
PESQUISA**

**Instrumento de Pesquisa apresentado ao Prof.
Dr. Fernando Rodrigues de Oliveira**

**Guarulhos – SP
2020**

Apresentação

Este instrumento de pesquisa é resultado das atividades desenvolvidas como mestranda em Educação (bolsa Capes), entre março de 2018 e fevereiro de 2020, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), campus Guarulhos. Trata-se de uma pesquisa vinculada ao *Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Ensino de Língua e Literatura* (NIPELL) e ao Projeto Integrado de Pesquisa *Literatura infantil e juvenil revisitada: temas, formas, finalidades e valor histórico, cultural e estético da produção literária nos séculos XIX e XX*, ambos coordenados por Fernando Rodrigues de Oliveira.

Com o objetivo de contribuir para a produção de uma história da literatura infantil e juvenil e compreender como se configura o modelo de estética literária para crianças em obras produzidas ao longo do século XX, apresento, neste instrumento de pesquisa, a relação de referências de textos de autoria de José Lins do Rego (1901-1957) e de textos de autores que se debruçam a estudar a vida pessoal, profissional e a produção escrita de José Lins do Rego. Ressalto que, em relação a este ponto, dei maior ênfase aos estudos que tratam especificamente da obra *Histórias da velha Totônia* (1936), único livro infantil de José Lins do Rego e *corpus* de análise de minha pesquisa de mestrado.

Segundo o Dicionário de Terminologia Arquivística (1996) o instrumento de pesquisa pode ser entendido como “[...] obra de referência, publicada ou não, que identifica, localiza, resume ou transcreve, em diferentes graus e amplitudes, fundos, grupos, séries e peças documentais existentes num [ou mais] arquivo permanente” (p.45).

De acordo com Belloto (1979), em uma pesquisa histórica, os instrumentos de pesquisa são fundamentais, pois:

[...] constituem-se em vias de acesso do historiador ao documento, sendo a chave da utilização dos arquivos como fontes primárias da História. O pré-conhecimento é indispensável ao processo historiográfico, racionalizando a pesquisa através da aceitação ou rejeição prévia de fontes. [...] Cabe ao elaborador do instrumento de pesquisa apreender, condensar e, sem distorções, apresentar todas as possibilidades de uso e aplicação da documentação por ele relacionada ou descrita. (BELLOTO, 1979, p.133).

O método de investigação que utilizei para a minha pesquisa da qual resultou este instrumento é o da abordagem histórica em educação, que pode ser entendida, de acordo com Mortatti (1999) como:

[...] um tipo de pesquisa científica, cuja especificidade consiste, do ponto de vista teórico metodológico, na abordagem histórica – no tempo – do fenômeno educativo em suas diferentes facetas. Para tanto, demanda a

recuperação, reunião, seleção e análise de fontes documentais como mediadoras na produção do objeto de investigação. (p.73).

Neste sentido, para a elaboração deste instrumento de pesquisa utilizei os procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção e ordenação de referências de textos *de* e *sobre* José Lins do Rego e, especificamente, sobre a obra *Histórias da velha Totônia*.

Para o desenvolvimento da pesquisa, consultei, até o momento, instituições de pesquisa e acervos físicos localizados na cidade de São Paulo; acervos e base de dados disponíveis *online* e *sites* da internet.

Todas as referências localizadas, recuperadas e reunidas foram elaboradas de acordo com o documento *Manual de normalização de trabalhos acadêmicos* (2019), da Universidade Federal de São Paulo, baseado na Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Dado que se trata de uma pesquisa histórica, optei por manter a ortografia da época em títulos ou subtítulos de livros, matérias de jornais etc.

Como resultado das atividades descritas, elaborei o instrumento de pesquisa (EBIZERO, 2019), no qual estão reunidas 32 referências de textos escritos por José Lins do Rego e 129 referências de textos de outros autores que tratam de aspectos da vida, atuação profissional e produção escrita desse autor, com destaque, em especial, aos trabalhos que se referem ao livro infantil *Histórias da velha Totônia*, *corpus* de análise de minha dissertação de mestrado.

Em relação aos textos *de* José Lins do Rego, reuni outras 36 referências que se referem às diferentes edições de um mesmo título. Portanto, reuni ao todo, 197 referências de textos *de* José Lins do Rego, *sobre* José Lins do Rego e sua produção e *sobre* o livro infantil *Histórias da velha Totônia*.

As primeiras edições dos trabalhos *de* José Lins do Rego estão justificadas no corpo do texto e as referências das demais edições de um mesmo trabalho estão recuadas em dois centímetros à direita em relação à referência da primeira edição.

Exemplo:

REGO, José Lins do. *Histórias da velha Totônia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

REGO, José Lins do. *Estórias da velha Totônia*. 3^a ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

Ordenei essas 197 referências em três seções: “Produção *de* José Lins do Rego” (68 referências, nas quais encontram-se edições variadas de um mesmo título); “Bibliografia *sobre* José Lins do Rego – vida, atuação profissional, produção escrita” (25 referências) e “Bibliografia *sobre* o livro *Histórias da velha Totônia*” (104 referências).

Apesar de apresentar de uma maneira geral as produções *de/sobre* José Lins do Rego, optei por focalizar os textos *sobre* a obra *Histórias da velha Totônia*, dado que se trata do *corpus* de análise privilegiado em minha dissertação de mestrado. O autor José Lins do Rego foi/é um autor muito estudado, sendo referência no que diz respeito ao movimento modernista-regionalista e há livros seus que passam da 100ª edição, como o seu romance de estreia *Menino de Engenho* (1932). Portanto, reafirmo que para o meu instrumento de pesquisa, o olhar esteve totalmente voltado para a sua produção infantil e para os textos de autores que se debruçaram sobre ela.

Apresento, na Tabela 1, a quantidade de referências por seção:

Tabela 1 – Quantidade de referências de textos, por seção:

Seção	Quantidade de referências por seção
1. Produção <i>de</i> José Lins do Rego	68
2. Bibliografia <i>sobre</i> José Lins do Rego (vida, atuação profissional, produção escrita)	25
3. Bibliografia <i>sobre</i> o livro <i>Histórias da velha Totônia</i>	104
TOTAL GERAL	197

A primeira seção, “Produção *de* José Lins do Rego”, está dividida em 7 subseções, de acordo com o tipo de texto publicado pelo autor. Os títulos das subseções e a quantidade de referências correspondentes a cada uma são os seguintes (as diferentes edições de um mesmo título estão inclusas): 1.1 Literatura Infantil (20); 1.2 Romance (26); 1.3 Memória (autobiografia) (1); 1.4 Viagem (6); 1.5 Tradução (2); 1.6 Crônicas (10) e 1.7 Conferência/Discurso (3).

Como a subseção 1.1 Literatura Infantil corresponde ao *corpus* de análise de minha dissertação, coloquei todas as referências de edições que encontrei do livro. Entretanto, não coloquei referências de edições repetidas de uma mesma editora. Optei apenas por repetir as edições quando as editoras fossem diferentes, caso contrário, o número de referências encontradas nessa subseção seria de 47 e não 20.

No item 1.2 Romance³⁷, coloquei a referência da 1ª edição de cada livro e a edição mais recente encontrada. Nas demais subseções coloquei apenas as referências da 1ª edição ou qualquer outra edição que encontrei do mesmo livro/texto, o que raramente aconteceu.

Na Tabela 2, apresento as subseções e a quantidade de referências da produção escrita por José Lins do Rego.

Tabela 2 – Quantidade de referências, por subseção, de textos escritos por José Lins do Rego

Subseção	Total por subseção
1.1 Literatura Infantil	20
1.2 Romance	26
1.3 Memória (autobiografia)	1
1.4 Viagem	6
1.5 Tradução	2
1.6 Crônicas	10
1.7 Conferência/Discurso	3
TOTAL DA SEÇÃO	68

Na segunda seção, “Bibliografia *sobre* José Lins do Rego”, reuni alguns trabalhos (livros, teses de doutorado, dissertações de mestrado, capítulos de livros) de autores que tratam de aspectos da vida, atuação profissional e da produção escrita de José Lins do Rego. Optei por não colocar os trabalhos que versam sobre o livro infantil desse autor nessa seção, já que se trata do foco do instrumento de pesquisa, considerei relevante ter uma seção à parte.

Apresento, na Tabela 3, a quantidade de referências dessa seção.

Tabela 3 – Quantidade de textos *sobre* José Lins do Rego (vida, atuação profissional e produção escrita)

Seção	Total por seção
2. Bibliografia <i>sobre</i> José Lins do Rego	25
TOTAL DA SEÇÃO	25

³⁷ Nesta subseção, em especial, coloquei as referências dos livros encontrados no acervo online da Biblioteca Nacional. Disponível em <<https://www.bn.gov.br/>>. Acesso em: 03/2019.

A terceira e última seção, “Bibliografia sobre o livro *Histórias da velha Totônia*”, está dividida em oito subseções, de acordo com os tipos de textos encontrados. Os títulos das subseções e a quantidade de referências correspondentes a cada uma são os seguintes: 3.1 Textos em jornais e revistas que tratam do livro *Histórias da velha Totônia* (25); 3.2 Textos acadêmicos que tratam do livro *Histórias da velha Totônia* (4); 3.3 Dicionário de literatura infantil (4); 3.4 Prefácio em livro (1); 3.5 Pareceres sobre o livro *Histórias da velha Totônia* (2); 3.6 Recensões em jornais e revistas que contém menção ao livro *Histórias da velha Totônia* (61); 3.7 Textos acadêmicos que fazem menção ao livro *Histórias da velha Totônia* (6) e 3.8 Obra de referência sobre literatura infantil que faz menção ao livro *Histórias da velha Totônia* (1).

Na Tabela 4, apresento as subseções e a quantidade de referências encontradas sobre o livro infantil *Histórias da velha Totônia*.

Tabela 4 – Quantidade de referências, por tipos de textos, sobre o livro *Histórias da velha Totônia*

Subseção	Total por subseção
3.1 Textos em jornais e revistas que tratam do livro <i>Histórias da velha Totônia</i>	25
3.2 Textos acadêmicos que tratam do livro <i>Histórias da velha Totônia</i>	4
3.3 Dicionário de literatura infantil	4
3.4 Prefácio em livro	1
3.5 Pareceres sobre o livro <i>Histórias da velha Totônia</i>	2
3.6 Recensões em jornais e revistas que contém menção ao livro <i>Histórias da velha Totônia</i>	61
3.7 Textos acadêmicos que fazem menção ao livro <i>Histórias da velha Totônia</i>	6
3.8 Obra de referência sobre literatura infantil que faz menção ao livro <i>Histórias da velha Totônia</i>	1
TOTAL DA SEÇÃO	104

REFERÊNCIAS

BELLOTTO, Heloísa Liberali. Os instrumentos de pesquisa no processo historiográfico. In: Congresso Brasileiro de Arquivologia, 4, 1979, *Anais...*, p.133-147.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Notas sobre linguagem, texto e pesquisa histórica em educação. *História da Educação*. Pelotas, v.6, out. 1999, p. 69-77.

Universidade Federal de São Paulo. Biblioteca da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. *Manual de normalização de trabalhos acadêmicos*. 2. ed. – Guarulhos: Biblioteca da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2012. 66 p.

1. Produção de José Lins do Rego

1.1 Literatura Infantil

REGO, José Lins do. *Histórias da velha Totônia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

REGO, José Lins do. *Estórias da velha Totônia*. 3ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

REGO, José Lins do. *Histórias da velha Totônia*. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 198?.

REGO, José Lins do. *Histórias da velha Totônia*. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

REGO, José Lins do. *Histórias da velha Totônia*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

REGO, José Lins do. *Histórias da velha Totônia*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

REGO, José Lins do. *Histórias da velha Totônia*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

REGO, José Lins do. *Histórias da velha Totônia*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

REGO, José Lins do. *Histórias da velha Totônia*. 8ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

REGO, José Lins do. *Histórias da velha Totônia*. 8ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

REGO, José Lins do. *Histórias da velha Totônia*. 9ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

REGO, José Lins do. *Histórias da velha Totônia*. 10ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

REGO, José Lins do. *Histórias da velha Totônia*. 11ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

REGO, José Lins do. *Histórias da velha Totônia*. 13ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

REGO, José Lins do. *Histórias da velha Totônia*. 14ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

REGO, José Lins do. *Histórias da velha Totônia*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

REGO, José Lins do. *Histórias da velha Totônia*. 16ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

REGO, José Lins do. *Histórias da velha Totônia*. 18ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

REGO, José Lins do. *Histórias da velha Totônia*. 21ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

REGO, José Lins do. *Histórias da velha Totônia*. 22ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

1.2 Romance

REGO, José Lins do Rego. *Menino de Engenho*. Rio de Janeiro: Adersen Editor, 1932. 163 p.

REGO, José Lins do Rego. *Menino de Engenho*. 108ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017. 186 p.

REGO, José Lins do. *Doidinho*. Rio de Janeiro: Ariel, 1933. 236 p.

REGO, José Lins do. *Doidinho*. 47ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011. 252p.

REGO, José Lins do. *Banguê*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934. 310 p.

REGO, José Lins do. *Banguê*. 23ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011. 270p.

REGO, José Lins do. *O moleque Ricardo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. 283 p.

REGO, José Lins do. *O moleque Ricardo*. 28ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011. 348 p.

REGO, José Lins do. *Usina*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936. 392 p.

REGO, José Lins do. *Usina*. 21ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012. 398p.

REGO, José Lins do. *Pureza*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937. 347 p.

REGO, José Lins do. *Pureza*. 13ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012. 236p.

REGO, José Lins do. *Pedra bonita*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938. 273 p.

REGO, José Lins do. *Pedra bonita*. 15ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011. 350 p.

REGO, José Lins do. *Riacho doce*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939. 372 p.

REGO, José Lins do. *Riacho doce*. Rio de Janeiro: Edições BestBolso, 2009. 279 p.

REGO, José Lins do. *Riacho doce*. 15ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000. 326 p.

REGO, José Lins do. *Água-mãe*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941. 376 p.

REGO, José Lins do. *Água-mãe*. 13ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012. 380 p.

REGO, José Lins do. *Fogo morto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943. 376 p.

REGO, José Lins do. *Fogo morto*. 45ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995. 380 p.

REGO, José Lins do. *Eurídice*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947. 284 p.

REGO, José Lins do. *Eurídice*. 9ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993. 163p.

REGO, José Lins do. *Cangaceiros*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953. 315 p.

REGO, José Lins do. *Cangaceiros*. 15ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011, 414 p.

REGO, José Lins do. *Romances reunidos e ilustrados*. (5 vols.) Com ilustrações de Luís Jardim. Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio/INL-MEC, 1980.

1.3 Memória (autobiografia)

REGO, José Lins do. *Meus verdes anos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. 351 p.

REGO, José Lins do. *Meus verdes anos*. 9ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011. 222 p.

1.4 Viagem

REGO, José Lins do. *Bota de sete léguas*. Rio de Janeiro: A Noite, 1951.

REGO, José Lins do. *Bota de sete léguas*. Rio de Janeiro: A Noite, 1952. 199 p.

REGO, José Lins do. *Roteiro de Israel*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Brasil-Israel, 1955.

REGO, José Lins do. *Roteiro de Israel*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Brasil-Israel, 1955. 62 p. ilus.

REGO, José Lins do. *Gregos e troianos*. Rio de Janeiro: Bloch, 1957.

REGO, José Lins do. *Gregos e troianos*. Rio de Janeiro: Bloch, 1957. 182 p.

1.5 Tradução

RHEINHARDT, Emil Alphons. *A vida de Eleonora Duse*. Trad. José Lins do Rego. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940. 296 p.

RHEINHARDT, Emil Alphons. *A vida de Eleonora Duse*. Trad. José Lins do Rego. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949. 246 p.

1.6 Crônicas

REGO, José Lins do. *Gordos e magros*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942. 351 p.

REGO, José Lins do. *Poesia e vida*. Rio de Janeiro: Universal, 1945.

REGO, José Lins do. *Homens, seres e coisas*. Rio de Janeiro: MEC, Serviço de Documentação, 1952. 77 p.

REGO, José Lins do. *A casa e o homem*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1954. 230 p.

REGO, José Lins do. *Presença do Nordeste na Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: MEC, Serviço de Documentação, 1957. 44 p.

REGO, José Lins do. *O vulcão e a fonte*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958. 315 p.

REGO, José Lins do. *Dias idos e vividos (antologia)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. 460 p.

REGO, José Lins do. *Flamengo é puro amor: 111 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002. 203 p.

REGO, José Lins do. *O cravo de Mozart é eterno: crônicas e ensaios*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004. 365 p.

REGO, José Lins do. *Ligeiros traços: escritos da juventude*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007. 303 p.

1.7 Conferência/ Discurso

REGO, José Lins do. *Pedro Américo*: conferência lida no salão de conferências da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, no dia 10 de maio de 1943. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943. 36 p.

REGO, José Lins do. *Conferências no Prata*. Tendências do romance brasileiro, Raul Pompeia, Machado de Assis. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1946. 105 p.

REGO, José Lins do. *Discursos de posse e recepção na Academia Brasileira de Letras*: em sessão realizada a 15 de dezembro de 1956. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. 95 p.

2. Bibliografia sobre José Lins do Rego (vida, atuação profissional e produção escrita)

ANDRADE, Mário de. Riacho Doce. In: _____. *O empalhador de passarinhos*. São Paulo: Martins Fontes; Brasília: INL, 1972.

ARAGÃO, J. Guilherme de. Espaço e tempo em J. L. do Rego. In: _____. *Fronteiras da criação*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

ATHAYDE, Tristão de. José Lins do Rego. In: LIMA, Alceu Amoroso. *Companheiros de viagem*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 46. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CÂNDIDO, Antônio. Um romancista da decadência. In: _____. *Brigada Ligeira*. São Paulo: Martins, [s.d.].

CARDOSO, Laís de Almeida. *A infância revisitada: um estudo sobre o protagonismo infantil na literatura brasileira ao raiar do século XX*. 2017. 274 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

CASTELLO, José Aderaldo. *José Lins do Rego: modernismo e regionalismo*. São Paulo: Edart, 1961.

_____. Doidinho – Elo de uma trilogia. In: REGO, José Lins do. *Doidinho*. 46. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

_____. Reflexões sobre Banguê. In: REGO, José Lins do. *Banguê*. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

_____. O negro tinha caráter como o diabo! In: REGO, José Lins do. *O moleque Ricardo*. 28. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

CASTRO, Marcos de. A emoção e a glória de um escritor. In: REGO, José Lins do. *Menino de Engenho*. 108. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

CHAGURI, Mariana Miggiolaro. *Do Recife nos anos 20 ao Rio de Janeiro nos anos 30: José Lins do Rego, Regionalismo e Tradicionalismo*. 2007. 211 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

COSTA, Dante. Cangaceiros. In: _____. *Os olhos nas mãos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

COUTINHO, Afrânio (dir.). *José Lins do Rego*. Coleção Fortuna Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; João Pessoa – PB: FUNESC, 1991.

COUTINHO, Edilberto. *O romance do açúcar – José Lins do Rego: vida e obra*. Rio de Janeiro: José Olympio, INL-MEC, 1980.

FREYRE, Gilberto. Recordando J. L. do R. In: _____. *Vida, forma e cor*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Amansando Meninos: uma leitura do cotidiano da escola a partir da obra de José Lins do Rêgo (1890-1920)*. João Pessoa: Editora Universitária, 1998.

LUCAS, Fábio. O memorialismo de José Lins do Rego. In: REGO, José Lins do. *Meus verdes anos*. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

MARTIS, Eduardo. *José Lins do Rego: o homem e a cobra*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Paraíba, 1980.

MONTEIRO, Adolfo Casais. Quatro estudos. In: _____. *O romance (teoria e crítica)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. Dois momentos sobre José Lins do Rego e Menino de Engenho. In: REGO, José Lins do. *Menino de Engenho*. 108. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

PROENÇA, M. Cavalcanti. Ensaio sobre O moleque Ricardo. In: _____. *Estudos literários*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

QUEIROZ, Raquel. Menino de Engenho: 40 anos. In: REGO, José Lins do. *Menino de Engenho*. 108. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

SOBREIRA, Ivan Bichara. *O romance de José Lins do Rego*. 2. ed. João Pessoa: A União, 1979.

XAVIER, Nubea Rodrigues. *Memórias de infância e da escola: uma perspectiva literária*. 2010. 103 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2010.

3. Bibliografia sobre o livro *Histórias da velha Totônia*

3.1 Textos em jornais e revistas que tratam do livro *Histórias da velha Totônia*

(1930-1939)

BOLETIM DE ARIEL. José Lins do Rego. *Histórias da velha Totônia*. Liv. José Olympio – Rio. *Boletim de Ariel*. Mensario critico – Bibliographico. Anno VI, n. 4. Rio de Janeiro, jan. 1937, p. 101.

BIBLIOGRAFIA. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 nov. 1936. Comércio e Finanças, p. 13.

BIBLIOGRAPHIA. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 06 dez. 1936. Suplemento, p. 2.

HISTORIAS da velha Totonia. *Correio Paulistano*, São Paulo, 17 dez. 1936. Publicações, p. 9.

HISTÓRIAS da velha Totonia. Livro para creanças, de José Lins do Rego. *Correio de S. Paulo*, São Paulo, 19 nov. 1936. Sociaes, p. 2.

HISTÓRIAS da velha Totônia. *A Nação*, Rio de Janeiro, 29 nov. 1936. Suplemento de A Nação. Boletim. p. 1-2.

HISTORIAS da velha Totônia. Ed. José Olympio. José Lins do Rego. *O Cruzeiro*: Revista Semanal Ilustrada, Rio de Janeiro, 26 dez. 1936. Livros Novos, p. 24.

HISTORIAS da velha Totonia. *O Tico-Tico: Jornal das Crianças*, Rio de Janeiro, 16 dez. 1936. p. 3.

MARANHÃO, Gomes. A meninada de parabéns. *Diario de Pernambuco*, Recife, 24 dez. 1936. Uma secção, p. 12.

SOUSA, Octavio Tarquinio de. José Lins do Rego – Historia da velha Totonia – Livraria José Olympio Editora – Rio 1936. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 27 dez. 1936. Vida Literária, p. 3.

HISTORIAS da velha Totonia, de José Lins do Rego. *Diario Carioca*, Rio de Janeiro, 02 dez. 1936. Noticiario, p. 3.

UM livro infantil de José Lins do Rego. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 09 dez. 1936. Livros – Novos, p. 5.

CAMARA, Helder. A criançada e José Lins do Rego. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 09 fev. 1937. Comentário, p. 4.

FONSECA, Gondin da. Da infância. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 30 dez. 1937. Contra a mão, p. 2.

LITERARIO. *Vamos Lêr!*, Rio de Janeiro, 11 mar. 1937. Literario, p. 55.

O SUCESSO de um livro infantil da Livraria José Olympio Editora. *Correio de S. Paulo*, São Paulo, 07 jan. 1937. Arte, p. 7.

BRAGA, Rubem. A política da velha Totônia. *Folha da Manhã*, São Paulo, 13 jun. 1937. p. 9

RABELLO, Sylvio. Historias da Velha Totonia. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 21 fev. 1937. p. 9-10.

SOUSA, Octavio Tarquinio de. José Lins do Rego – Historia da velha Totonia – Livraria José Olympio Editora – Rio 1936. *Diario de Pernambuco*, Recife, 03 jan. 1937. Vida Literaria, p. 3.

(1950-1959)

TÔDA a cidade voltada para José Lins do Rego. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 27-28 jul, 1957. p. 8.

LUZ, Clemente. Homenagem. *Tribuna dos Livros*, Rio de Janeiro, 21-22 set, 1957. Suplemento da Tribuna da Imprensa, p. 7.

(1960-1969)

CAVALCANTI, Valdermar. Livros para crianças. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 17 dez. 1960. Jornal Literário, p. 6.

FREYRE, Gilberto. Livros para meninos. *O Cruzeiro: Revista Semanal Ilustrada*, Rio de Janeiro, 10 fev. 1962. Pessoas, Coisas e Animais, p. 36.

HISTÓRIAS da Velha Totônia. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 04 dez. 1960. 7º Caderno – Leituras, p.107.

(1980-1989)

FREYRE, Gilberto. Outros livros para meninos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 de jun. 1981. Opinião, p. 3.

(1990-1999)

MARGUTTI, Mario. Aventuras com imaginação. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 06 jul. 1994. Capital Cultural, p. 22.

3.2 Textos acadêmicos que tratam do livro *Histórias da velha Totônia*

ALMEIDA, Rossana Tavares de.; SILVA, Andréia Paula da. Memória e tradição na epopeia rural do Nordeste: uma análise a partir da obra *Histórias da velha Totônia* de José Lins do Rego. In: III CONALI - CONGRESSO NACIONAL DE LITERATURA, 2016, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora LTDA, 2016, p. 1168-1178.

COSTA, Amanda Karoline Alves da. Monteiro Lobato e José Lins do Rego: um diálogo possível na literatura infanto-juvenil brasileira. In: III CONALI - CONGRESSO NACIONAL

DE LITERATURA, 2016, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora LTDA, 2016, p. 64-71.

EFFTING, Marilda Aparecida de Oliveira. A contadora de histórias na literatura de José Lins do Rego. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceitos, 2006, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2006.

LIMA, Joaes Cabral de.; SEGABINAZI, Daniela Maria. José Lins do Rego revisita a infância: um olhar no universo infantil através de Histórias da velha Totônia. In: III CONALI - CONGRESSO NACIONAL DE LITERATURA, 2016, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora LTDA, 2016, p. 612-622.

3.3 Dicionário de literatura infantil

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*. São Paulo: Quíron, 1983.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Quíron, 1984.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: séculos XIX e XX*. 4ª ed. São Paulo: EdUSP, 1995.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*. 5ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

3.4 Prefácio em livro

SANDRONI, Laura. As Histórias da Velha Totônia. In: REGO, José Lins do Rego. *Histórias da velha Totônia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

3.5 Pareceres sobre o livro *Histórias da velha Totônia*

NÓBREGA, Maria José da. Parecer 01. FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL, [199-]. Disponível em: <<https://www.fnlij.org.br/site/pnbe-1999/item/225-hist%C3%B3rias-da-velha-tot%C3%B4nia.html>>. Acesso em 10.04.2018.

SANDRONI, Laura. Parecer 02. FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL, [199-]. Disponível em: <<https://www.fnlij.org.br/site/pnbe-1999/item/225-hist%C3%B3rias-da-velha-tot%C3%B4nia.html>>. Acesso em 10.04.2018.

3.6 Recensões em jornais e revistas que contém menção ao livro *Histórias da velha Totônia*

(1930 – 1939)

O QUE o Rio lê. Ouvindo o livreiro-editor José Olympio. *A Nação*, Rio de Janeiro, 15 nov. 1936. Conclusões da primeira página, p. 4.

BOLETIM DE ARIEL. Novidades do mez. *Boletim de Ariel*. Mensario critico – Bibliographico. Anno VI, n. 4. Rio de Janeiro, jan. 1937, p. 117.

BOLETIM DE ARIEL. Memento bibliographico. *Boletim de Ariel*. Mensario critico – Bibliographico. Anno VI, n. 4. Rio de Janeiro, jan. 1937, p. 128.

BOLETIM DE ARIEL. Novidades do mez. *Boletim de Ariel*. Mensario critico – Bibliographico. Anno VI, n. 5. Rio de Janeiro, fev. 1937, p. 151.

BANDEIRA, Manoel. De poesia. *Diario de Notícias*, Rio de Janeiro, 16 ago. 1936. Suplemento, [s.p].

CARVALHO, Albertus de. Histórias da velha Totonia, de José Lins do Rego. *Beira-Mar: Copacabana, Ipanema, Leme*, Rio de Janeiro, 19 dez. 1936. Livros, p. 4.

ANNUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA. Livros Novos. *Anuario Brasileiro de Literatura*. Rio de Janeiro, 1937, p. 298

ANNUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA. A ilustração no livro brasileiro. Rio de Janeiro, 1937, p. 86.

LETRAS e Artes. *Diario de Pernambuco*, Recife, 25 dez. 1937. 2ª Secção, p. 1.

ESTÁ satisfeito com a sua profissão de escriptor? *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 jan. 1938. Theatro, Cinema, Radio, p. 9.

H.K. O concurso de livros infantis. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 02 abr. 1937. Bellas Artes, p. 2.

LITERATURA Infantil. *Educação Física: Revista de esportes e saúde*, Rio de Janeiro, jun. 1939. Compre os seus livros, p. 78.

BOLETIM DE ARIEL. Novidades do mez. *Boletim de Ariel*. Anno VI, n. 3. Rio de Janeiro, Dez. 1936, p. 90.

FONSECA, Gondin da. Mão caminho. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 jan. 1938. Contra a mão, p. 2.

(1940-1949)

OS COMEDIANTES. *Sombra*, Rio de Janeiro, fev. 1944. p. 18.

CORDEIRO, Cruz. Da frase á sua pontuação (Estilística fraseológica). *O Jornal*, Rio de Janeiro, 13 mai. 1945. Revista do O Jornal, p. 3.

JOSÉ Lins do Rego. *A Cigarra*, Rio de Janeiro, fev. 1945. Biografia, p. 101.

HOLLANDA, Aurelio Buarque de. Como falava minha avó. *Diario de Notícias*, Rio de Janeiro, 25 jan. 1948. Letras, Artes, Ideias Gerais, p. 2.

HOLLANDA, Aurelio Buarque de. Como falava minha avó. *Jornal de Notícias*, São Paulo, 13 mar. 1948. p. 2.

(1950-1959)

TÔDA a cidade voltada para José Lins do Rego. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 26 jul, 1957. p. 8.

COELHO, Saldanha. Zé Lins. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 2-3 jun. 1951. Semana Literária, p. 8.

JOSÉ Lins do Rego. *A Cigarra*, Rio de Janeiro, fev. 1950. Fichário, p. 96.

EVOCAÇÃO de Santa Rosa. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 30 nov. 1956. Artistas e escritores deploram o desaparecimento de Santa Rosa, p.2

IVO, Lêdo. Anos de aprendizagem de José Lins do Rego. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 15-16 dez, 1956. p. 7.

IVO, Leno. A forma na selva. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 11 jan. 1958. Suplemento Literário, p. 39.

DE LUTO a cidade: morreu José Lins. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 12 set. 1957. p. 8.

PERDE o Brasil um dos seus maiores romancistas. *O Poti*, Natal, 15 set. 1957. Letras e Artes, p. 2.

HISTÓRIA de um Menino de Engenho. *Diario de Pernambuco*, Pernambuco, 22 set. 1957. 2ª secção, p. 1.

CRONOLOGIA de José Lins do Rêgo. *Tribuna dos Livros*, Rio de Janeiro, 21-22 set. 1957. Suplemento da Tribuna da Imprensa, p. 1.

ENCERRA-SE uma página do romance nacional com o falecimento de José Lins do Rego. *Correio Paulistano*, São Paulo, 13 set. 1957. 2º caderno, p. 8.

CAMPOS, Renato Carneiro. Morte de um menino de engenho. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 29 set. 1957. Terceira Secção, p. 2.

N. C. José Lins do Rego e a música carioca. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 03 jul. 1958. Vida Cultural, p. 12.

GUIMARÃES, Reginaldo. O Folclore na obra de José Lins do Rego. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 set, 1957. Folclore, 5º caderno, p. 7.

GUIMARÃES, Reginaldo. Fontes Folclóricas de José Lins do Rego. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2, 3 e 4 nov. 1957. Folclore, 3º Caderno, p. 4.

(1960-1969)

CAVALCANTI, Valdemar. Em 1960 houve poucos livros para crianças. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 24 dez. 1960. Fatos, temas e ideias: Balanço literário de 1960, p. 7.

CAVALCANTI, Valdemar. Livros para crianças. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 17 dez. 1960. *Jornal Literário*, p. 6.

CAVALCANTI, Valdemar. Notícias de várias fontes. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 31 dez. 1960. *Jornal Literário*, p. 6.

ARROYO, Leonardo. Histórias da velha Totônia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 02 dez. 1960. 2º Caderno, p. 3.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Bibliografia. Literatura Infantil. *Revista do Livro*. Órgão do Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, Ano VI, n. 21-22, mar/jun. 1961, pp. 260, 301.

VERDES anos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 ago. 1966. Panorama das Letras, p. 2.

CONDÉ, José. Literatura infantil. *Correio da manhã*, Rio de Janeiro, 25 abr. 1962. Escritores e livros, 2º caderno, p. 2.

HISTÓRIAS da Velha Totônia. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 04 dez. 1960. 7º Caderno – Leituras, p.107

(1970-1979)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. INL: abertas novas perspectivas. *Revista do livro*. Órgão do Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, Ano XIII, n. 43, 4º trimestre, 1970, p. 9.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Projeção no estrangeiro. *Revista do livro*. Órgão do Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, Ano XIII, n. 40, 1º trimestre, 1970, p. 155.

RUI: três prêmios para universitários. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 18 nov. 1970. Literatura, p. 2.

CASTRO, Acyr. Leitura em tom de gravação. Leitura Interpretada. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 02 jul. 1972. O som da nossa era, Caderno B, p. 4.

PEQUENO dicionário de livro para presente. Infantil. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 dez. 1972. Livro, Mercado, p. 6.

UM TRISTE aniversário: a 12 de setembro, morriam dois grandes escritores brasileiros. *Luta Democrática*, Rio de Janeiro, 10 e 11 set. 1972. Suplemento LD, p. 1.

IVO, Ledo. As obras-primas que poucos leram. *Manchete*, Rio de Janeiro, Ano 21, n. 1112, 1973, p. 113.

SOARES, Ricardo. José Lins do Rego: produto de Gilberto Freyre. *Diário de Pernambuco*, Recife, 08 ago. 1976. Quarto caderno, p. 4.

(1980-1989)

MIRANDA, Waldemir. Dia da Literatura Infantil. *Diário de Pernambuco*, Recife, 03 abr. 1981. Opinião, p. A9.

TÍTULOS novos. *Jornal do Brasil*, 23 jan. 1982. Caderno B, p. 10.

NO CARNAVAL de 36, pierrô apaixonado se destacou entre outras 250 músicas. *Manchete*, Rio de Janeiro, Ano 38, n. 1.957, 21 out., 1989, p. 102.

(1990-1999)

PARA as férias da criançada um clássico. Histórias da velha Totônia, de José Lins do Rego. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 jan. 1998. Idéias Livros, p. 1.

LISTA do MEC. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 abr. 1999. BLeitura, p. 2.

HISTÓRIAS da velha Totônia. José Lins do Rego. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 ago. 1999. Idéias Livros, p. 1.

ESTANTE Jovem. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 31 dez. 1995. Feminino, p.128.

(2000-2009)

ZÉ LINS: difícil inventar outro como ele. *Revista Nacional*, Rio de Janeiro, Ano XXIII, n. 1.170, 29 abr. a 05 mai. 2001. p. 5.

MARTINS, Wilson. A casa na Ouvidor, 110, uma república das letras. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 jan. 2007. Ideias & Livros, p. 7.

BABO, Roberta Campos. A simplicidade do menino de engenho. Romancista José Lins do Rego, morto há 50 anos, hoje é patrimônio de saudades. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 12 set. 2007. Tribuna BIS, p. 2.

(2010-2019)

LIMA, Edna Lucia Cunha. Santa não sou. In: MINISTÉRIO DA CULTURA. *Revista do livro*. Da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, Ano 19, n. 55, 2015, p. 59.

3.7 Textos acadêmicos que fazem menção ao livro *Histórias da velha Totônia*

CARDOSO, Laís de Almeida. *A infância revisitada: um estudo sobre o protagonismo infantil na literatura brasileira ao raiar do século XX*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Tese (Doutorado), 2017, 274 f.

CONGRESSO NACIONAL DE LITERATURA, 3, 2016, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora LTDA, 2016. 1.427 p.

FILHO, Hildeberto Barbosa. José Lins do Rego: técnica narrativa de Fogo Morto. *Culto da Imortalidade*. Conferência proferida na Academia Brasileira de Letras, em 2 de maio de 2001, durante o ciclo Centenário José Lins do Rego. 2001, 147 p.

MARQUES, Helton. Ficção, História e Memória em Menino de Engenho, de José Lins do Rego. *Patrimônio e Memória*. São Paulo, UNESP, v.11, n.2, jul-dez, 2015, p.52-68.

MATOS, Miriam Ferreira de. *Representações sobre a cultura escolar no romance Doidinho (1933), de José Lins do Rego Cavalcanti (1901-1957)*. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe. Dissertação de Mestrado, 2017, 96 f.

ROSEMBERG, Fúlvia. *Literatura Infantil e Ideologia*. São Paulo: Global Editora, 1985.

3.8 Obra de referência sobre literatura infantil que faz menção ao livro *Histórias da velha Totônia*

FRACCAROLI, Lenyra C. *Bibliografia de literatura infantil em Língua Portuguesa*. 2ª ed. São Paulo: Editora Jornal dos Livros, 1955.

Instituições e acervos consultados

- São Paulo

Acervo Histórico da Escola Caetano de Campos (AHECC).

Biblioteca “Jovina Rocha Álvares Pessoa”.

Biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP

Bases de dados disponíveis *onlines* e em *sites* da Internet

Banco de Dados do Sistema Municipal de Bibliotecas – São Paulo

Disponível em: <<http://bibliotecacircula.prefeitura.sp.gov.br>>

Banco de Dados Bibliográficos da Universidade de São Paulo – USP

Disponível em: <<http://dedalus.usp.br>>

Banco de Dados da Biblioteca da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (MINERVA)

Disponível em: <<http://minerva.ufrj.br>>

Base de Dados do Sistema de Bibliotecas da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Disponível em: <<http://sbu.unicamp.br>>

Banco de Dados do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Disponível em: <<http://www.biblioteca.ufpb.br/>>

Base de Dados Bibliográficos da Biblioteca da Universidade Estadual Paulista – UNESP – (ATHENA)

Disponível em: <<http://athena.biblioteca.unesp.br>>

Catálogo Digital do Acervo Geral de Livros da Fundação Biblioteca Nacional – FBN

Disponível em: <<http://www.bn.br/bndigital/>>

Centro de Referência em Educação Mario Covas (INFOPRISMA)

Disponível em: <<http://infoprisma.fde.sp.gov.br/>>

Sistema de informações bibliográficas, eletrônicas e digitais da Universidade Estadual Paulista – UNESP (PATHERNON)

Disponível em: <<http://www.parthenon.biblioteca.unesp.br>>

Base de Dados *Scientific Electronic Library* – SCIELO

Disponível em: <<http://www.scielo.br>>

Site de Busca Google

Disponível em: <<http://www.google.com.br>>

Site de Busca Google Acadêmico

Disponível em: <<http://scholar.google.com.br>>